

42

1º
semestre
2022



INTERAÇÕES

sociedade e as novas modernidades

INTERAÇÕES

sociedade e as novas modernidades

42
1º
semestre
2022

3 PREFÁCIO/PREFACE

ARTIGOS/ARTICLES

- 7 Uma Leitura de «Vicente», de Miguel Torga: Historicidade, Imaginário Simbólico, Mitocrítica
A reading of «Vicente», by Miguel Torga: Historicity, Symbolic Imagery, Myth Critique
André Campos
- 22 Internet e Relacionamentos Interpessoais:
Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)
*Internet and Interpersonal Relationships:
A Critical Narrative Review of Scientific Literature (2011-2020)*
Giovania Maesima, Lívia Gomes, Daniela Levandowski
- 48 Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional
do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture
The (Re)Mediated Museum: The Google Arts and Culture Platform and the Digital Museum Experience
Artur Jorge de Matos Alves
- 70 Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention
as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review
*Avaliando os Fatores de Risco para o Suicídio e a Intervenção Adequada
Como Método de Prevenção Entre Idosos: Uma Revisão Sistemática*
Annaliese Greig, Russell Kabir
- 90 Violência Colonial em Frantz Fanon, James Baldwin e Spike Lee
Colonial Violence in Franz Fanon, James Baldwin and Spike Lee
Anderson Oliveira Lima, Rocio Castro Kustner

RECENSÕES/REVIEWS

- 113 François Chollet
Deep learning with Python (2ª ed)
Manning, outubro 2021, 504 pp.
Luís Cunha
- 116 Daniel Kahneman, Olivier Sibony, Cass R. Sunstein
NOISE: A Flaw in Human Judgement
William Collins, maio 2021, 452 pp.
Henrique Amaral Dias

Prefácio

No artigo que abre o presente volume da *Interações*, André Campos propõe uma leitura do conto “Vicente” que encerra a obra *Bichos* de Miguel Torga, publicada pela primeira vez em 1940, em pleno Estado Novo. Este contexto sociocultural e político é central para a leitura proposta neste artigo. Os treze contos de *Bichos* têm como personagem um animal humanizado ou um humano visto como animal. No conto em análise, Vicente é um corvo que desafia Deus, recusando permanecer na Arca de Noé, para voar para a liberdade e conhecer outras terras. Para além da historicidade específica do texto, o autor destaca na sua análise outra dimensão simbólica discursiva: o “exercício de subversão do imaginário simbólico, o qual (...) se integra numa tradição re-genesiaca pré-existente e transcivilizacional” (p. 23). A partir de Gilbert Durand, o autor ensaia uma análise mito crítica dos principais núcleos semânticos e verbais, avançando a hipótese do fogo prometaico como mito latente.

No artigo seguinte, Giovania Mesima, Lívia Gomes e Daniela Levandowski fazem uma revisão crítica da literatura última década (2011-2020) sobre o impacto da utilização da internet, em particular das redes sociais, nos relacionamentos interpessoais. Através de pesquisa nas bases de dados LILACS, SciELO e Web of Science, selecionaram vinte e cinco artigos empíricos publicados em português, espanhol e inglês. De entre as suas principais conclusões, as autoras destacam a importância da internet para o início e a manutenção das relações interpessoais. Uma parte dos estudos analisados refletem uma tendência de comparação entre o mundo real e virtual, salientando os benefícios e as limitações de cada tipo de comunicação. As autoras chamam a atenção para a necessidade de estudos futuros examinarem o impacto que a internet pode ter na rutura das relações pessoais, aspeto que tem sido pouco estudado.

Artur Alves analisa a experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma *Google Arts and Culture*. Através da visita virtual ao museu, após o incêndio ocorrido no dia 2 de setembro de 2018, o autor questiona as modalidades de experiência do museu como media, procurando perceber se, por um lado, um museu pode ser considerado um meio de comunicação e, por outro, quais as conceptualizações

Prefácio

da mediatização e da experiência digitais que estão implícitas nas estratégias propostas e exemplificadas pela referida plataforma. Artur Alves questiona criticamente a reconstituição virtual, indagando o solucionismo político e a economia política das plataformas digitais, quando aplicadas à resolução dos problemas de preservação e divulgação do património cultural. Para o autor, esta adaptação constitui uma remediação limitada, pois acentua a centralidade da plataforma, em prejuízo da experiência, limitando-se apenas à apresentação da imagem do museu, impedindo assim uma leitura criativa.

O artigo de Annaliese Greig e de Russell Kabir procura analisar, através de uma revisão sistemática da literatura, quais os fatores de risco de suicídio para a população idosa e quais as medidas de prevenção adequadas. Através de uma pesquisa nas bases de dados PubMed Central, Embase e nas bibliotecas Cochrane e CINAHL Plus, os autores destacam como fatores de risco de suicídio mais elevados para a população idosa os problemas de saúde mental, a existência de doenças crónicas e os problemas conjugais. Os autores consideram que as medidas de prevenção do suicídio em vigor, como, por exemplo, os grupos de amizade e outros serviços de apoio, são limitadas. Concluem que há uma clara necessidade de mais pesquisas sobre as medidas de prevenção do suicídio nos idosos, assentes numa abordagem holística, de forma a reduzir o número de suicídios e a fornecer medidas efetivas de prevenção.

A temática do artigo de Rocio Castro Kustner e Anderson Oliveira Lima, que encerra o volume, surge a partir do caso do assassinato do afro-americano George Floyd em Minneapolis, nos Estados Unidos. O seu objetivo é analisar a violência colonial nos conflitos étnico-raciais, tendo por base as obras de Frantz Fanon, James Baldwin, Spike Lee e ainda o documentário *A 13ª Emenda*, de DuVernay. Partindo de uma recolha bibliográfica, cinematográfica e documental, Kustner e Lima procuram estabelecer um diálogo entre aqueles autores que, desde áreas tão diversas quanto a psiquiatria, a literatura e o cinema, denunciam a violência colonial. Os autores notam que o problema dos negros não é exclusivo dos Estados Unidos, e que no Brasil existe “uma guerra não declarada (...) entre negros que veem no mundo do crime uma opção para sair da miséria absoluta a curto prazo, e o estado comandado por homens brancos” (pp. 113-114).

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida

Preface

In the article that opens the present volume of *Interações*, André Campos proposes a reading of the short story “Vicente” that closes the book *Bichos* by Miguel Torga, that was published for the first time in 1940, during the Estado Novo. This sociocultural and political context is central for the proposed reading. The thirteen short stories from *Bichos* feature a humanized animal or a human seen as an animal. In the short story to be analysed, Vicente is a crow that defies God, refusing to stay on Noah’s Ark to fly to freedom and discover other lands. In addition to the specific historicity of the text, the author highlights in his analysis another discursive symbolic dimension: the “exercise of subversion of the symbolic imaginary, which (...) is part of a pre-existing and transcivilizational re-Genesian tradition” (p. 23). Based on Gilbert Durand, the author essays a myth-critical analysis of the main semantic and verbal nuclei, advancing the hypothesis of the Promethean fire as latent myth.

In the following article, Giovania Mesima, Lívia Gomes and Daniela Levandowski make a critical review of the literature of the last decade (2011-2020) on the impact of using the internet, in particular social networks, in interpersonal relationships. Through research in LILACS, SciELO and Web of Science databases, twenty-five empirical articles published in Portuguese, Spanish and English were selected. Among their main conclusions, the authors highlight the importance of the internet for the initiation and maintenance of interpersonal relationships. A part of the studies analyzed reflect a tendency to compare the real and virtual world, highlighting the benefits and limitations of each type of communication. The authors draw attention to the need for future studies to examine the impact that the internet can have on the breakdown of personal relationships, an aspect that has been not so much studied.

Artur Alves analyzes the experience of the National Museum of Rio de Janeiro on the Google Arts and Culture Platform. Through the virtual visit to the museum, after the fire that occurred on September 2, 2018, the author questions the modalities of experience of the museum as a media, trying to understand if, on the one hand, a museum can be considered a means of communication and, on the other hand, which

Preface

are the conceptualizations of mediatization and digital experience that are implicit in the strategies proposed and exemplified by the Google Arts and Culture platform. Artur Alves critically questions virtual reconstitution, particularly the political solutionism and political economy of digital platforms, when applied to solving the problems of preservation and dissemination of cultural heritage. For the author, this adaptation constitutes a limited remedy, as it accentuates the centrality of the platform, to the detriment of the experience, limiting itself only to the presentation of the museum's image, thus preventing a creative reading.

The article by Annaliese Greig and Russell Kabir seeks to analyze, through a systematic review of the literature, which are the risk factors for suicide in older population and what are the appropriate prevention measures. Through a search of PubMed Central, Embase and the Cochrane and CINAHL Plus databases, the authors highlight mental health problems, the existence of chronic diseases and marital problems as the highest risk factors for suicide for the older population. The authors consider that existing suicide prevention measures, such as friendship groups and other support services, are limited. Greig and Kabir conclude that there is a clear need for more research on suicide prevention measures in older people based on a holistic approach, in order to reduce the number of suicides and provide effective prevention measures.

The theme of the article by Rocio Castro Kustner and Anderson Oliveira Lima, which closes the volume, arises from the case of the murder of African-American George Floyd in Minneapolis, in the United States. Its objective is to analyze colonial violence in ethnic-racial conflicts, based on the works of Frantz Fanon, James Baldwin, Spike Lee and the documentary *The 13th Amendment* by DuVernay. Starting from a bibliographical, cinematographic and documentary collection, Kustner and Lima seek to establish a dialogue between those authors who, from areas as diverse as psychiatry, literature and cinema, denounce colonial violence. The authors draw attention to the fact that the problem of blacks is not exclusive to the United States, as in Brazil there is “an undeclared war (...) between blacks who see the world of crime as an option to escape absolute misery in the short term, and the state ruled by white men” (pp. 113-114).

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida

Uma Leitura de «Vicente», de Miguel Torga: Historicidade, Imaginário Simbólico, Mitocrítica

André Campos

Universidade Aberta - 1000515@estudante.uab.pt

Resumo

Propõe-se uma leitura de “Vicente”, conto de Miguel Torga incluído no volume *Bichos* (originalmente publicado em 1940). Sublinha-se a sua específica historicidade, analisa-se o exercício dialéctico de subversão do imaginário simbólico deste episódio bíblico (seus mitemas e arquétipos, suas conotações e dicotomias) e enquadra-se o mito diluviano

aqui evocado numa tradição re-genesiaca pré-existente e transcivilizacional (o que remeterá à *Epopéia de Gilgamesh* e às *Metamorfoses*, de Ovídio). Ensaia-se, a partir de Gilbert Durand, um exame mitocrítico dos principais núcleos semânticos e verbais e avança-se a hipótese do fogo prometaico como *mito latente*.

Palavras-chave: Vicente, Miguel Torga, imaginário simbólico, mito diluviano, mitocrítica.

A reading of «Vicente», by Miguel Torga: Historicity, Symbolic Imagery, Myth Critique

Abstract

This paper offers a reading of “Vicente”, a short story by Miguel Torga included in his volume *Bichos* (originally published in 1940). The reading seeks to underline the story’s specific historicity, analyzing it as a form of dialectical subversion of the symbolic imaginary of the Biblical episode (its mythemes and archetypes, its connotations and dichotomies) and framing it as a diluvian

myth, evoked here as part of an already existing and transcivilizational re-genesic tradition (which includes such works as *The Epic of Gilgamesh* and Ovid’s *Metamorphoses*). The paper thus seeks to perform, after Gilbert Durand, a mythocritical examination of the main semantic and verbal nuclei and to put forward the hypothesis of Promethean fire as a *latent myth* in the text.

Keywords: Vicente, Miguel Torga, symbolic imagery, diluvian myth, myth critique.

*O seu gesto foi naquele momento o símbolo da universal libertação.
A consciência em protesto activo contra o arbítrio que divide os seres
em eleitos e condenados.¹*

*Noé e o resto dos animais assistiam mudos àquele duelo entre Vicente
e Deus.²*

UM CONTO DO E PARA O SEU TEMPO

Publicado pela primeira vez em 1940, *Bichos*, de Miguel Torga, tem em cada conto um protagonista animal cujos sentir, pensar e agir, num jogo entre o objectivo e o simbólico, remetem para a condição e atributos que alegórica e culturalmente se atribui a cada um desses animais. As narrativas surgem muitas vezes enformadas por uma tradição pré-existente, reconhecível e significativa, que Torga actualiza e manipula em função do seu intento: reflectir acerca do Homem. E se é certo que estes textos são do domínio do universal e intemporal, não parece menos certo que são, antes disso, documentos do e para o seu tempo histórico – e os anos dos *Bichos* são, obviamente, os anos da ditadura salazarista e da franca difusão do seu programático *Deus, Pátria e Família*. A feição e natureza dos contos, de par com uma universalidade que imediatamente se presente, podem levar-nos a esquecer a sua específica circunstância histórica. Mas Torga, sem nunca se fechar a outros tempos, di-lo e redi-lo no Prefácio à sétima edição revista (a que reportaremos nestas páginas), dirigido ao *querido leitor*:

Escrevo para ti (...). Fazemos parte do mesmo presente temporal (...). Agora, sofremos as vicissitudes que o momento nos impõe, companheiros na premente realidade quotidiana (...). Se eu hoje me esquecesse das tuas angústias, e tu das minhas, seríamos ambos traidores a uma solidariedade de berço, umbilical e cósmica; se amanhã não estivéssemos unidos nos factos fundamentais que a posteridade há-de considerar, estes anos decorridos ficariam sem qualquer significação, porque onde está ou tenha estado um homem é preciso que esteja ou tenha estado toda a humanidade. (...) Apostar liter[a]riamente no porvir é

1 Torga, 1970, p. 128.

2 *Id.*, p. 133.

um belo jogo, mas é um jogo de quem já se resignou a perder o presente. Ora eu sou teu irmão, nasci quando tu nasceste, e prefiro chegar ao juízo final contigo ao lado, na paz de uma fraternidade de raiz, a ter de entrar lá solitário como um lobo tresmalhado. (...) Sa[ú]do-te apenas nesta alegria natural, contente por ter construído uma barçaça onde a nossa condição se encontrou, e onde poderemos um dia, se quiseres, atravessar juntos o Letes, (...). (Torga, 1970, pp. 7-10).

Não resistimos à citação longa, mas não foi apenas a potente beleza das palavras que nos levou aí; foi sobretudo o reafirmado vínculo histórico, de Homem no seu Tempo, patente num vocabulário preciso e dirigido, pejado de marcos temporais como “agora” e “hoje”, “mesmo presente temporal”, “premente realidade quotidiana” ou “nasci quando tu nasceste”, e perpassado de referências à horizontalidade de uma “condição” partilhada, devedora de uma “solidariedade de berço, umbilical e cósmica” e de uma “fraternidade de raiz”.

Surgem, ademais, duas imagens que têm um carácter estrutural em “Vicente”, o conto em que nos deteremos: a de raiz e a de barçaça. A raiz e a barçaça (ou a *arca*, para usar o termo que a tradição bíblica fixou), bem como, dialecticamente, os seus contrários (respectivamente as águas diluvianas e a Terra-Mãe), são, neste conto, como traves-mestras.

“Vicente” evoca e re-presenta o episódio bíblico da Arca de Noé. Os *factos* narrativos são daí importados, trazidos por Torga para um outro tempo que os (re)conhece e acolhe segundo um código genericamente fixo e partilhado. Temos, assim, Noé, o patriarca escolhido pelo Deus bíblico, e os espécimes representantes da demais Criação³; temos um Senhor tutelar, incorpóreo e todo-poderoso; temos a arca, símbolo de salvação e receptáculo seminal; e temos o dilúvio divino, símbolo de castigo e purificação⁴.

3 “De todos os animais puros levarás contigo sete pares, o macho e a fêmea; dos animais que não são puros, levarás um par, macho e fêmea; das aves do céu, também sete pares, macho e fêmea, a fim de conservares a raça delas viva sobre a terra” (*Gn* 7, 2-3). Dizer que os animais «impuros» são os que não podem ser comidos nem dados a sacrifício; e que os sete pares (e não apenas um) de animais «puros» tinham em vista os “holocaustos” que Noé teria de ir fazendo (*cf.* *Gn* 8, 20).

4 A água tem, na Bíblia, um duplo sentido – de purificação e baptismo – que é interligado na primeira epístola de Pedro: “O dilúvio, lavando o mundo dos seus crimes e fazendo nascer da água um mundo novo, é figura do Baptismo que nos salva” (*I Ped* 3, 21). Encontramos um mesmo duplo sentido na *Epopéia de Gilgamesh*, que visitaremos adiante.

ARRANCAR UMA ESSÊNCIA NOVA A UM MITO CONHECIDO

Estes são, digamos assim, os dados iniciais, aqueles a partir dos quais se desenvolverá a leitura do conto. Será então neste território familiar (discursivo, simbólico, mítico), nesta *barcaça onde a condição humana se encontra* – e o verbo «encontrar» surge-nos aqui como compósito de reunião, descrição e síntese –, que Torga dará vida ao seu “Vicente”, exercitando aquilo que, nas palavras de Teresa Rita Lopes, é uma “tendência constante” da sua obra: “a de recriar um mito conhecido para lhe arrancar uma essência nova” (Lopes, 1975, p. 48).

Em “Vicente”, a essência nova desvenda-se num jogo de reconfiguração dos sentidos originais: o Dilúvio é não uma purificação, mas um gesto arbitrário e injusto de prepotência; a Arca não é um lugar de proteção da Vida, menos ainda de um paradigma ético-moral elevado que importa preservar e reproduzir, mas um lugar de degradação e Morte que urge recusar; Noé não é um patriarca venerável, um *escolhido*, mas um ser patético; e Deus é não um guia onisciente e providencial, mas um ruidoso e impotente aparato de Poder.

A figura-chave, a que *arranca ao mito uma essência nova*, é um corvo chamado Vicente. Inconformado com a injustiça fundamental do gesto divino, Vicente revolta-se. Revolta-se contra si próprio, a “carne fraca” do “instinto da própria conservação” (Torga, 1970, p. 128), contra a Arca, a “degradação que recusara” (*id.*, p. 133), e, como dissemos já, contra Deus, entidade descrita como prepotente e tirânica: “à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas negras e partiu” (p. 127). Enfrentando o fogo divino e a imensidão e fúria dos elementos, a ave encontra um derradeiro e precário pedaço de terra, donde “desafi[a] a onipotência” (p. 124). Face àquela *irredutibilidade transcendente*, Deus cede e “fech[a], melanc[o]llicamente, as comportas do céu” (p. 124), pondo termo ao universo diluviano, símbolo de tirania e submissão – das de então como das de sempre.

Esta invenção torguiana surge no quadro poético de *Bichos* a que aludimos no início. A partir de atributos associáveis ao corvo – além do voo, também a autonomia, a esperteza, a impassibilidade, a dureza –, Torga individualiza e personifica a ave que já é citada no texto bíblico (Noé, num momento em que as águas iam já recuando, soltou primeiramente um corvo para verificar se havia já terra seca⁵) e baptiza-a com

5 “(...) Noé abriu a janela que havia feito na arca e soltou um corvo que saiu repetidas vezes enquanto iam secando as águas sobre a terra. Depois soltou uma pomba, a fim de verificar se as águas tinham diminuído à superfície da terra.” (*Gn* 8, 6-8).

um nome caucionado por uma longa tradição católica e popular que liga «Vicente» aos corvos – e de que é parte integrante a lenda de S. Vicente⁶. Num outro plano, é frequente a referência à etimologia deste nome e a sua derivação de um étimo latino ligado ao verbo *vincere*, «vencer», entendido como prenúncio da vitória de Vicente.

Estas aves têm, além disso, uma conotação própria. Venerados nas iconografias celtas e germânicas, os corvos são, na tradição cristã, associados à solidão (Cirlot, 2001, p. 71), imagem que encontra eco na acção isolada que protagoniza no conto e na sua postura de “indignação silenciosa”: “apenas a sua figura negra e seca se mantém inconformada com o procedimento de Deus” (Torga, 1970, p. 127).

A sua cor é, ela própria, prenhe de simbolismo. No conto, este adjectivo surge, como acabamos de ver, ligado ao inconformismo, mas surge também, noutra passagem, a par de um conjunto de qualidades antitéticas com a degradação e agressão representadas pela Arca e pelo Dilúvio: “negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo meio, impávido, (...)” (p. 133). Anido (1975), Lopes (1975) e Herranz (2018) sublinham-lhe a carga de protesto e luto contra e por aquele estado de coisas. Mas parece-nos particularmente interessante a ligação simbólica do preto com a *terra fertilizada* – simbologia presente em mundos tão aparentemente distantes como a psicologia jungiana e o rito Zuni (Cirlot, 2001, pp. 53-54) –, o que nos remete para a polissignificação vital do termo «terra»: a Terra-Mãe, que gera e alimenta, que protege, acolhe e é casa.

A propósito do simbolismo das cores, importa notar que a percepção humana (primitiva, estética, intuitiva) dos fenómenos naturais e cósmicos está na origem de uma série de associações e correspondências, as quais, além de absolutas (directas) – isto é, a dada cor é conferido dado significado *per si* –, podem ser relativas (anti-téticas, indirectas) – isto é, dada cor adquire certo significado em função da relação que estabelece e mantém com outra cor num contexto simbólico específico. Nestas relações, branco e preto são muitas vezes os pólos (positivo e negativo) que, numa concepção dualista, balizam e ajudam a definir os tons intermédios (de brilho, intensidade, contraste) e os graus de *pureza* de cada cor, muitas vezes tão significativos quanto a cor propriamente dita.

Neste seguimento, afigura-se-nos significativa e intencional a ausência do azul nas descrições do céu e do mar, elementos estruturais em “Vicente”. Ali, estes elementos são

6 Reza a lenda que as relíquias de S. Vicente, que já teriam sido sinalizadas pelo voo de uma destas aves, foram trazidas do Algarve para Lisboa de barco e que foram, nesse percurso, guardadas por dois corvos. Essa imagem ficou, de resto, fixada no escudo desta cidade, de que S. Vicente é santo padroeiro.

descritos como espaços sinistros, terríveis e de uma imensidão mortal; a sugestão geral é a de um mundo pardacento, em tons de cinza⁷, um mundo achatado e opressivo, oposto à verticalidade, à espacialidade, ao simbolismo dos níveis (as alturas do céu, as profundidades do oceano) ligados à cor azul. Correndo o risco de rebuscar sentidos onde Torga não os deixou⁸, podemos entender esta ausência do azul, este achatamento psico-cósmico, como sinónimo de outras ausências: de alegria vital, de futuro, de esperança.

FIM DE UM MUNDO VELHO, COMEÇO DE UM NOVO MUNDO

A corrupção bíblica da Humanidade, que enquadra o advento do Dilúvio, compõe-se de vários passos: a queda original de Adão e Eva (o Homem contra Deus); o assassinato de Abel por Caim (o Homem contra o Homem); os Gigantes e a Torre de Babel (o desejo de tocar os céus); a natureza de *carne* do Homem aquando da sua multiplicação pela terra nos tempos pré-diluvianos (a sua inclinação natural para o *pecado*). Neste encadeamento, o episódio da Arca de Noé encerra uma mensagem teológica fundamental: o da destruição do mundo antigo, corrompido e degenerado, e subsequente criação do mundo novo (que corresponderá àquele da recepção do texto). O gérmen desse mundo novo será a Criação protegida no interior da Arca⁹, com Noé – o único homem pré-diluviano *justo e perfeito* aos olhos de Deus – e seus familiares (os seus três filhos e as respectivas esposas) a terem a responsabilidade de dar origem à nova Humanidade.

Ao subverter, como vimos, os elementos desta narrativa, Torga subverte igualmente esta mensagem. De súbito, tudo fica em questão: se foram estes os *escolhidos*, seria o mundo aniquilado verdadeiramente um lugar de iniquidade e corrupção? Se são estes os *escolhidos*, a que novo mundo darão (*deram*) origem? Este questionamento do Passado e do Futuro permite-nos especular quanto a analogias e correspondências entre o conto e a sua circunstância histórica. É difícil não ver em Vicente

7 “Grey, neutralization, egoism, depression, inertia and indifference – meanings derived from the colour of ashes” (Cirlot, 2001, p. 54).

8 Sem que caiba neste contexto, parece-nos esta uma reflexão muito interessante: quais os limites dos esquematismos e fragmentações para que tendem tantos discursos críticos e académicos (tendência que faz escola e que talvez se nos imponha, desde logo, pela sua autoridade)? Onde acabam a leitura e interpretação criadoras e começa a alienação autotélica?

9 “Biologically speaking, it [*a arca*] can be regarded as *a symbol of the womb* or of the heart, (...)” (Cirlot, 2001, p. 19, sublinhado nosso).

e na sua acção a realização de um potencial de libertação e dignidade que jaz latente no interior de cada indivíduo; como difícil é não ver naquele impenetrável cenário de tirania e morte, de conformismo e submissão, o horizonte psico-social vivido durante o regime salazarista. O grande exílio do desenraizamento de si – no conto simbolizado pela barça que flutua num deserto líquido de desumanidade, na vida materializado talvez na obediência acrítica e na onipotência – tem na oposição à tirania (e à passividade que a sustenta) o impulso original, e na insubmissão o gesto reconfigurador. Será, contudo, significativo que, como assinala Lyza Herranz, “os habitantes da Arca não [*consigam*] transformar o ato subversivo em um projeto revolucionário” (Herranz, 2018, p. 110).

RENASCIMENTOS PÓS-DILUVIANOS: PARALELISMOS E MOTIVOS COMUNS

O conto de Miguel Torga manipula a narrativa bíblica, mas importa ter em conta que os elementos implicados no episódio da Arca de Noé se inserem numa outra tradição mais vasta e anterior de dilúvios divinos com os seus escolhidos e suas arcas salvadoras. Como Noé no *Génesis* bíblico, também Utnapishtim, na *Epopéia de Gilgamesh* – poema babilónico de XII-XI a. C. atribuído, com as devidas reservas, a Sîn-lêqi-unninni, que se insere numa pré-existente tradição suméria e acádia (cf. Brandão, 2014, pp. 125-126) –, e Deucalião e Pirra, nas *Metamorfoses*, de Ovídio, obra de influência ímpar na cultura europeia, escaparam, por escolha ou acção divinas, ao extermínio pelas águas numa barca. Como Noé, encaharam no cume de uma montanha, logo prestaram tributo divino e todos tiveram, posteriormente, um papel-chave na refundação da Criação. Significativamente, também Utnapishtim soltou um corvo quando as águas começaram a recuar.

O nome «Utnapishtim» deriva, segundo Kattia C. Sánchez, do sumério «Ziusudra», e pode traduzir-se por “aquele que viu a vida” (Sánchez, 2000, pp. 261-262)¹⁰. A sua história surge na tábuca XI da *Epopéia de Gilgamesh*, na qual Utnapishtim narra a Gilgamesh os dias do dilúvio. Os motivos do extermínio são aflorados sinteticamente e está presente um elemento de capricho e prepotência divinos; contudo, tal como na narrativa bíblica, é o pecado humano que motiva o dilúvio (*Gilgamesh*, 2011, pp. 100-101; Sánchez, 2000, p. 261).

¹⁰ No original: “el que vio la vida”.

Uma Leitura de «Vicente», de Miguel Torga. Historicidade, Imaginário Simbólico, Mitocrítica

Num mundo politeísta, a iniciativa parte de um dos deuses, Enlil, e da assembleia divina que é para o efeito reunida, mas é outro deus, Ea, que, num sonho, alerta Utnapishtim e lhe deixa as instruções de construir um barco e nele depositar “a semente de todas as criaturas vivas” (*Gilgamesh*, 2011, p. 101). É depois em blocos sucessivos de sete dias que o barco é construído, a grande enxurrada surte o seu efeito e Utnapishtim volta a tocar em terra. Com o encalhamento do barco no Monte (ou região?) de Nisir, o patriarca, depois de verificar as descidas das águas com recurso à soltura de uma pomba, uma andorinha e, como notámos já, um corvo, executa alguns sacrifícios em honra dos deuses. À parte a janela temporal (o dilúvio bíblico joga-se em blocos alternados de 40 e 150 dias¹¹), são comuns os mitemas do encalhamento num pico montanhoso, do recurso às aves e do sacrifício ritual. Finalmente, é concedida a Utnapishtim a imortalidade pelo seu papel da refundação da existência (*Gilgamesh*, 2011, pp. 104-105; Sánchez, 2000, p. 262).

Também a mitologia latina contempla um episódio re-genesiaco diluviano e, como no texto bíblico, também a corrupção do mundo pré-diluviano é apresentada como um processo cumulativo: à degradação final do tempo das Quatro Idades¹², seguiu-se a aspiração ao reino dos céus da Gigantomaquia (que mantém paralelismos com a Torre de Babel e os Gigantes bíblicos). E é perante essa progressão que Júpiter reúne a assembleia dos deuses, sentencia o castigo do extermínio e promete uma nova raça (*Metamorfoses*, 2007, p. 42, vv. 251-252). Só Deucalião e Pirra¹³, desembarcados de uma pequena barca nos picos do Parnaso¹⁴, sobrevivem.

11 “Choveu torrencialmente durante quarenta dias sobre a terra.” (*Gn* 7, 17). “As águas estiveram altas sobre a terra durante cento e cinquenta dias.” (*Gn* 7, 24). “As águas retiraram-se gradualmente da terra e começaram a diminuir ao fim de cento e cinquenta dias. No dia dezassete do sétimo mês, a arca poisou sobre os montes de Ararat. As águas foram decrescendo até ao décimo mês. No primeiro do décimo mês emergiram os cumes das montanhas. Decorridos quarenta dias, Noé abriu a janela que havia feito na arca e soltou um corvo que saiu repetidas vezes enquanto iam secando as águas sobre a terra.” (*Gn* 8, 3-7).

12 Na última Idade, dita *do ferro*, “Fugiram o pudor, a sinceridade, a lealdade, | e, no lugar destes, sucederam-se-lhes o logro, e a traição, | e as insídias, e a violência, e a criminoso paixão por possuir.” (*Metamorfoses*, 2007, p. 38, vv. 129-131).

13 Nem só a descendência de Deucalião e Pirra é notável; também a sua ascendência é cheia de significado (e ziguezagues). Pirra é filha de Epimeteu e Pandora, a primeira Mulher (mas que está também ligada ao castigo de Prometeu); e Deucalião é filho de Clímene (ou Celeno) e Prometeu (irmão de Epimeteu), que, surgindo em algumas lendas como o criador dos primeiros homens, é contudo mais frequentemente reconhecido por ter enfrentado Zeus em favor da Humanidade (*cf.* Grimal, 1999, pp. 117-118; pp. 396-397).

14 A versão grega refere as montanhas da Tessália e refere ainda que Prometeu, pai de Deucalião, avisou o filho e o aconselhou a construir uma arca, onde o casal flutuou durante nove dias e nove noites (*cf.* Grimal, 1999, p. 118).

Deucalião e Pirra são, como Noé e Utnapishtim, descritos como justos e tementes, em claro contraste com o anterior quadro de degeneração: “Homem algum houve melhor que ele, nem mais amante da justiça, nem outra houve mais temente aos deuses” (*Metamorfoses*, 2007, p. 44, vv. 322-323). Sem que tenham feito sacrifícios e indo sós na pequena embarcação, nem por isso estão aqui ausentes os mitemas que já assinalámos nas outras duas narrativas, já que o casal logo vai em busca de ajuda aos oráculos (e assim cumprem um primeiro momento de homenagem aos deuses) e que através deles se manifestará – pois continuam em si o ingrediente germinal da devoção – a magia do renascimento da Humanidade: de cada pedra que, cumprindo o oráculo, lançaram para trás das costas, cada novo homem e nova mulher foram surgindo – o que, de resto, é uma imagem que sintetiza exemplarmente o tema da transformação que perpassa toda a obra-prima de Ovídio.

A imagem das pedras como barro primordial ecoa no preceito bíblico do ciclo vital da terra – “Pois tu és pó e ao pó tornarás” (*Gn* 3, 19). E é notável a formulação simbólica com que Témis, a deusa que profere o oráculo do renascimento¹⁵, designa as pedras: “os ossos da grande mãe” (*Metamorfoses*, 2007, p. 46, v. 383). Este imaginário simbólico da terra como Mãe universal, como casa e fonte geradora, como ventre e colo, é o mesmíssimo que Torga sugere e explora numa dialéctica que tem no pólo oposto a imagem do Deus-Pai e das águas diluvianas.

Neste seguimento, e tendo já situado a narrativa hebraica recuperada em “Vicente” no plano de um imaginário mítico inter-civilizacional, importa sublinhar o esquema dicotómico que grandemente estrutura e funda o sentido no conto de Torga. Além da oposição «Mãe-Terra-Raiz – Deus-Pai-Dilúvio» a que fomos fazendo referência, uma outra afigura-se-nos central: a oposição «Criador-Altura – Criatura-Fundura». Teresa Rita Lopes destaca este esquematismo (Lopes, 1975, p. 47), que é reforçado no outro vértice do triângulo narrativo (numa *linha horizontal*, para manter a imagem geométrica) pela Arca – enquanto degradação que flutua, que anda à deriva, sem raiz.

15 A versão grega refere que Zeus lhes enviou Hermes, que lhes concedeu um desejo; Deucalião desejou ter companheiros e então Zeus deu-lhes a ordem enigmática que Ovídio atribui a Témis (cf. Grimal, 1999, p. 118). De resto, Témis figura entre as esposas de Zeus e atribuem-se-lhe um conjunto de acções que a colocam como sua conselheira (pp. 435-436).

O TRAJECTO ANTROPOLÓGICO DE GILBERT DURAND. A MITOCRÍTICA

Esta topologia *verticalidade-horizontalidade* permite-nos fazer a ponte com o *trajecto antropológico* de Gilbert Durand. Um dos aspectos mais notáveis das hipóteses levantadas por Durand é a da “estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas” (Durand, 1989, p. 37). Com efeito, em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arquetipologia Geral*, publicado pela primeira vez em 1980, Durand (1989) elabora a noção de que o imaginário é um sistema em que as imagens se organizam em dois regimes – diurno e nocturno – e de acordo com três estruturas – diarética, mística e cíclica. Estas estruturas correspondem, por sua vez, ao que Durand designa por três *gestos dominantes*, a saber: a dominante (ou reflexo postural), a descida digestiva (ou reflexo do engolimento alimentar) e os gestos rítmicos da sexualidade (ou reflexo da copulação). Posto de forma simples, Durand propõe que estes gestos moldam i) a interacção com, e percepção do, mundo natural e ii) as suas representações simbólicas (as quais mantêm uma relação de causa-consequência com os outros dois termos).

A construção durandiana procura contemplar a plasticidade própria do seu objecto de estudo e é, por isso, profundamente complexa: por um lado, porque os objectos simbólicos “não são nunca puros”, mas “tecidos onde várias dominantes podem imbrincar-se”, o que redundará necessariamente em polissemias e polissignificações várias; por outro, porque estes objectos estão com frequência sujeitos a “inversões do sentido, ou, pelo menos, a redobramentos que conduzem a processos de dupla negação; o engolidor engolido”, etc. (Durand, 1989, p. 38).

De que forma podemos aplicar estas noções a uma leitura do conto de Torga? Referimo-nos já à relação vertical que, simbolicamente, se estabelece, de baixo para cima e de cima para baixo, entre Vicente e Deus, entre Criatura e Criador, entre Sujeito e Poder (e que é paralela à relação Deus-Arca¹⁶). Referimo-nos também à relação horizontal que Vicente mantém com a Arca e a restante Criação, uma relação simbólica entre Insubmissão e Submissão, entre Vida e Morte¹⁷. Estas relações de oposição são desenvolvidas por meio de uma discursividade que, por um lado, explo-

16 “Mas ainda no íntimo de todos aquele sabor de resgate [pela fuga bem sucedida de Vicente], e já *do alto*, (...) terrível, a voz de Deus: (...) Sobre o tombadilho varrido de ilusões, *desceu*, pesada, uma mortalha de silêncio.” (Torga, 1970, pp. 128-129, sublinhado nosso).

17 “Vicente, porém, *vivia*.”; “(...) ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. (...) A cada vaga, o coração frágil da Arca, (...) estremeceu de terror. *A morte* temia a morte.” (*id.*, p. 132 e p. 134, sublinhados nossos).

ra as imagens do mito que subverte (o da Arca de Noé, insinuando-se e espraçando-se *a partir do interior* daquele imaginário); e, por outro, invoca arquétipos e esquemas verbais, que, sendo coerentes no quadro do universo mítico recriado, vão para lá dele, no sentido da autonomização do sentido propriamente torguiano.

Neste seguimento, adoptando um dos passos metodológicos da mitocrítica de Durand (1982; 1998), isolámos alguns núcleos (ou conjuntos de redundâncias) semânticos e de esquemas verbais do conto, que se justapõem e entrelaçam numa dialéctica sistemicamente coesa (e que só fragmentamos por motivos de esquematização analítica). Estes núcleos tentarão replicar a lógica de “pacotes” avançada por Durand:

É a «redundância» (Lévi-Strauss) que assinala um mito, a possibilidade de arrumar os seus elementos (mitemas) em «pacotes» (enxames, constelações, etc.) sincrónicos (isto é, possuidores de ressonâncias, de homologias, de semelhanças semânticas) ritmando obsessivamente o fio «diacrónico» do discurso. (1998, p. 247).

Para Durand, a expressão pelo verbo (a sugestão, a evocação de um imaginário de *acção*) deve ter, relativamente à expressão pelo nome (o recurso ao nome reconhecido de uma figura histórico-mítica), como que uma prioridade analítica, em particular quando nos debruçamos sobre o fenómeno do *mito latente* num texto (voltaremos aqui adiante).

Passamos a enunciar os núcleos que destacámos:

- o *primeiro núcleo do verbo vicentino*, conjunto de uma redundância que aperfeiçoa e aprofunda a imagem de dissidência e fuga¹⁸, de escolha e recusa, de desafio: “abriu as asas e *partiu*”, “*atravessar* o primeiro muro de fogo”, “*sumir-se* ao longe nos confins do espaço”, “fugiu”, “*evadiu-se*”, “*escolhera a liberdade*”, “*desafiava a onnipotência*”;
- o *segundo núcleo do verbo vicentino*, que aponta e reafirma as sucessivas etapas vitoriosas do herói: “*pudera vencer-se (...)* *superar* o instinto da própria conservação” (vitória sobre si e sobre a Arca), “*Chegara! Conseguira vencer!*” (vitória sobre Deus);

18 Note-se que a *fuga* nas narrativas bíblicas é por norma um acto comandado por Deus; neste caso, a fuga é um acto *contra* os comandos de Deus.

- o *núcleo do mote vicentino*, que elabora o estatuto revolucionário de Vicente: “indignação silenciosa”, “irreprimível *repulsa*”, “a *revolta* de Vicente”, “pura *insubmissão*”, “[a]quela *rebelião*”, “humilhação vingada”, “acto de *insubordinação*”, “a transcendência daquela irredutibilidade”;
- o *núcleo dos silêncios*, conjunto antitético que compreende o contraste significativo entre o silêncio potente de Vicente – “indignação silenciosa”, “calado e carrancudo”, “perfil de vontade” – e o silêncio impotente da Arca¹⁹ – “mortalha de silêncio”, “pura passividade vegetativa”, “A insólita partida foi presenciada (...) num respeito *calado e contido*”, “assistiam mudos”, “A criação inteira parecia muda”, “fauna desiludida e humilhada”, “transfigurados em meros fantasmas flutuantes”.

São notáveis ainda as constelações de Noé – “mãos *servis*”, “a *pequenez* daquela natureza”, “desmaio *poltrão*” –, sobretudo enquanto exercício refigurativo da figura arquetípica do Patriarca bíblico; e de Deus – “*larga* como um trovão, *penetrante* como um raio, *terrível*, a voz de Deus”, “severidade tonitruante”, “implacável tirania”, “omnipotência” –, enquanto redundância aperfeiçoante de uma entidade que tem uma enorme amplitude simbólica e metafórica.

PROMETEU, MITO LATENTE

Referimo-nos acima ao *mito latente*, nisso subentendendo uma destriça básica entre «mito latente» e «mito expresso». Consideremos, no caso, como mito expresso, o episódio referencial da Arca de Noé; e, como mito latente, o mito de Prometeu. O mito latente será como que a potência poética que subjaz ao conto, aquilo que forma o molde através do qual se actualiza (e subverte) o mito expresso. Essa *latência* encontra-se muito mais no verbo, na acção, do que nos nomes: “é o esquema verbal que é o primeiro, que é arquetípico, pouco importando o nome da personagem que o encarna, pouco importando a «voz activa» ou «passiva» que ele utiliza...” (Durand, 1998, p. 253).

Como vimos, Vicente é a figura-chave que arranca ao mito uma nova essência. Será ele um herói prometaico sem os horrores do castigo? Com efeito, Durand nota que só nos *Dicionários e Léxicos* mitológicos é que os mitos se apresentam na sua

¹⁹ A que se junta, numa *perpendicular*, o contraste adicional da voz “tonitruante” de Deus.

totalidade. “Cada época, cada momento cultural apenas guarda o grupo de lições que lhe convém” (Durand, 1998, p. 255). Antes, Durand havia já dito:

(...) uma obra, um autor, uma época (...) está «obcecada» de forma explícita ou implícita por um (ou mais do que um) mito que dá conta de modo paradigmático das suas aspirações, dos seus desejos, dos seus receios e dos seus terrores. (Durand, 1998, p. 246).

Qual seria, então, a *obsessão* de Torga e do seu leitor? Importa sopesar a definição do mito pela epistemologia da sociedade receptora. Sugerimos já o mito prometaico e logo referimos uma *lição* que *não lhe conviria* – a do agrilhoamento horrível a que Prometeu foi votado. Mas que dizer da lição do fogo roubado?

A confrontação dos limites divinos (no seu valor metafórico e analógico) é a dimensão capital do conto de Torga. A *húbris* vicentina surge aqui como um gesto prenhe de significados: da “recusa do Divino” (Anido, 1975) e seu cortejo de caprichos e prepotências (por norma neutralizados na *diegése* mitológica), à denúncia da insubmissão como valor vital fundamental e inegociável, passando por uma mensagem de esperança no potencial revolucionário e libertário de cada indivíduo. Lemos nesta formulação uma analogia das acções prometaicas em favor dos Homens, designadamente no episódio do roubo do fogo divino. Mas *que fogo rouba Vicente?* O da autonomia face a um poder injusto, prepotente, absurdo. O da libertação de uma dormência mortal, de uma passividade fantasmagórica. Ao fazê-lo, Vicente mostra o caminho à restante Criação, símbolo da Humanidade – e, nesse sentido, fá-lo em seu benefício, à imagem de Prometeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Vicente”, de Miguel Torga, fecha o admirável volume *Bichos*, publicado em pleno Estado Novo. Demos destaque, na nossa análise, a duas grandes dinâmicas simbólico-discursivas: à historicidade específica do texto; e ao exercício de subversão do imaginário simbólico do episódio bíblico – o qual, como vimos, se integra numa tradição re-genesiaca pré-existente e transcivilizacional.

Propusemo-nos ainda um ensaio das metodologias e noções mitocríticas de Gilbert Durand, o que nos permitiu i) destacar seis núcleos de esquemas verbais

e semânticos que elaboram dialecticamente o sentido do texto e ii) enunciar, além do mito expresso (a Arca de Noé), o chamado *mito latente*, para o que evocámos a «lição» do roubo do fogo do mito de Prometeu.

Tentámos não resvalar em esquematismos excessivamente rebuscados ou autotéli- cos e, até pela economia própria do trabalho, não fomos além de um esboço primário nas propostas ligadas ao que designámos, a partir de Durand, de *mito latente*. Resulta daí a principal linha de investigação que um estudo subsequente deveria criticar: a do desenho da «obsessão» mítica do autor/leitor daquele tempo e daquela sociedade e a consistência da proposta feita (o mito prometaico, a lição do fogo roubado).

Os grandes textos são forças transformadoras indispensáveis e insubstituíveis. Tentar, com uma humildade que ficará sempre oculta sob o jargão académico, desco- dificar-lhes os sentidos é uma forma de tributo e um projecto de salvaguarda e difu- são.

REFERÊNCIAS

- Anido, N. (1975). Miguel Torga e a «recusa do Divino». *Colóquio/Letras*, 24, 31-40. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bíblia Sagrada (14.^a ed.) (1988). Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos.
- Brandão, J. L. (2014). Sîn-lêqi-unninni, *Ele o Abismo viu* (série de Gilgámesh 1). *Nuntius Antiquus*, vol. X, n.º 2, 125-160. <https://doi.org/10.17851/1983-3636.10.2.125-159>
- Brandão, J. L. (2015). Transcrição comentada – como se faz um herói: as linhas de força do poema de Gilgámesh. *e-hum – Revista Científica das Áreas da História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte*, 8(1), 104-121.
- Cirlot, J. E. (2001). *A Dictionary of Symbols* [Um Dicionário de Símbolos] (2.^a ed.). Routledge.
- Durand, G. (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à Arque- tipologia Geral*. Editorial Presença.
- Durand, G. (1979). *A Imaginação Simbólica*. Arcádia.

- Durand, G. (1982). *Mito, símbolo e mitodologia*. Clivagem.
- Durand, G. (1998). *Passo a passo mitocrítico*. (pp. 245-259). (s. d. t.).
- A Epopeia de Gilgamesh (trad. Carlos Daudt de Oliveira). (2011). Martins Fontes.
- Grimal, P. (1999). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (3.ª ed.). Difel.
- Herranz, L. B. (2018). Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós: «Vicente», de Miguel Torga. *Revista Desassossego*, 19, 103-114.
- Lopes, T. R. (1975). Além, aqui e aquém em Miguel Torga: análise de «Vicente». *Colóquio/Letras*, 25, 34-49. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ovídio (2007). *Metamorfoses*. Livros Cotovia.
- Sánchez, K. C. (2000). El relato diluviano: paralelismo entre el Antiguo Testamento y la Épica de Gilgamesh [O relato diluviano: paralelismo entre o Antigo Testamento e a Epopeia de Gilgamesh]. *Filología y Lingüística*, vol. XXVI, n.º 2, 259-273.
- Torga, M. (1970). Vicente. In Miguel Torga, *Bichos* (7.ª ed. revista) (pp. 127-134). Coimbra.

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

Giovanía Mitie Maesima

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - giovaniamitie@gmail.com

Lívia Sanseverino Gomes

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - liviasansev@gmail.com

Daniela Centenaro Levandowski

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - danielal@ufcspa.edu.br

Resumo

A internet tem sido usada cotidianamente pelas pessoas para interagir com outros indivíduos. Assim, é importante entender de que forma propicia, ou não, o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos interpessoais. Nessa perspectiva, esta revisão narrativa crítica da literatura buscou descrever as tendências mais comuns das investigações sobre esse tema entre 2011 e 2020, bem como destacar as suas principais contribuições. Para tanto, as bases de dados SciELO, LILACS e Web of Science foram consultadas, resultando na seleção de 25 artigos. Dentre os principais achados, destaca-se a contribuição da internet

para o início e manutenção de relações interpessoais. Verificou-se também uma tendência de comparação entre relacionamentos online e offline, embora diversos estudos tenham salientado o quanto a internet tornou-se uma extensão do mundo offline, auxiliando na manutenção de relacionamentos pré-existent e possibilitando o estabelecimento de novas relações, que passam a constituir a rede de apoio dos indivíduos. Investigações futuras mostram-se necessárias sobre as repercussões negativas do uso da internet, que muitas vezes ocasionam o rompimento de relacionamentos.

Palavras-chave: relações interpessoais, internet (rede de computador), interação interpessoal, amizade, revisão de literatura.

Internet and Interpersonal Relationships: A Critical Narrative Review of Scientific Literature (2011-2020)

Abstract

The internet has been used daily by people to interact with other individuals. Thus, it is important to understand how it enables, or not, the development and maintenance of

interpersonal relationships. In this perspective, this study consisted in a critical narrative review of the literature and sought to describe the most common trends of research on this

topic between 2011 and 2020, as well as to highlight the main research contributions. To achieve this, SciELO, LILACS and Web of Science databases were consulted, resulting in the selection of 25 articles. Among the main findings, the contribution of the internet to the initiation and maintenance of interpersonal relationships stands out. A tendency for comparison between online and offline relationships was also observed, although several

studies highlighted the fact that the internet has become an extension of the offline world, helping to maintain pre-existing relationships and enabling the establishment of new ones, which can become part of the individual's social support network. Future investigations are needed on the negative repercussions of internet use, which often lead to the breakup of interpersonal relationships.

Keywords: interpersonal relationships, internet, interpersonal interaction, friendship, literature review.

INTRODUÇÃO

A internet é uma rede de comunicação global que permite o compartilhamento de diferentes tipos de informação. No Brasil, o seu uso tem-se tornado cada vez mais prevalente no cotidiano das pessoas, desde a sua introdução na década de 1990 (Nicolaci-da-Costa, 2005). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2018), o número de domicílios brasileiros com acesso à internet aumentou ao longo dos últimos anos (de 69,3% em 2016 para 79,1% em 2018). Além disso, anteriormente à pandemia de COVID-19, 95,7% das pessoas faziam uso da internet para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens, e 88,1% para conversar por chamadas de áudio ou vídeo (IBGE, 2018). Esses dados indicam que os usos mais frequentes da internet referem-se à comunicação com outras pessoas. Resultados similares foram identificados em pesquisas recentes. O estudo de Yates (2020), com 711 adultos brasileiros (idade média: 30,55 anos, 29,8% homens), verificou que 98,5% dos participantes utilizavam a internet para se comunicar com outras pessoas e 91,1% para acessar as redes sociais.

As redes sociais, também chamadas de mídias sociais ou *social networking sites*, são plataformas online que permitem aos usuários criar redes de contatos e desenvolver relacionamentos com outros indivíduos que compartilham interesses e atividades semelhantes. Além disso, podem contribuir para a manutenção das relações iniciadas fora da internet (Liu & Ma, 2019). Dado o seu expressivo uso no coti-

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

diano, diversos estudos buscaram identificar os possíveis efeitos da internet para a saúde mental e a qualidade dos relacionamentos interpessoais dos indivíduos (Cai et al., 2020; Fonsêca et al., 2018; Hill & Zheng, 2018; Morgan et al., 2017). Vários estudos indicam a internet como um espaço que facilita o estabelecimento de novas amizades e a obtenção de apoio social, justamente por permitir a conexão entre pessoas com interesses ou condições em comum (Fortim, 2006; Obst & Stafurik, 2010; Prychodco & Bittencourt, 2019; Wang & Chang, 2010). Por outro lado, pesquisas também apontam que a internet pode contribuir para a geração de conflitos devido a suas características, como, por exemplo, possibilitar acesso a informações pessoais e oferecer sistemas de ranqueamento de amigos (Tokunaga, 2011; Vaterlaus et al., 2016). Desta forma, seu uso estaria relacionado a sentimentos de solidão (Fonsêca et al., 2018) e à falta de privacidade (Neves & Portugal, 2011; Paradise & Sullivan, 2012). Além disso, alguns estudos também sugerem que o contato online não é suficiente para a manutenção dos relacionamentos ou para suprir as necessidades de apoio social dos indivíduos (Neves & Portugal, 2011; Paradise & Sullivan, 2012; Shensa et al., 2020).

Em função do exposto, a presente revisão narrativa crítica da literatura buscou descrever as tendências mais comuns das investigações publicadas na última década (2011-2020) sobre o uso da internet (especialmente das redes sociais para a comunicação entre os indivíduos) e suas implicações sobre os relacionamentos interpessoais. A questão norteadora deste trabalho foi a seguinte: “O que os artigos empíricos, publicados entre 2011 e 2020, indicam sobre o uso da internet para iniciar e manter relacionamentos interpessoais?”. Considera-se esse tema relevante, tendo em vista a evidente e progressiva popularização do acesso à internet e a ampliação do seu uso em atividades de diferentes naturezas, especialmente de cunho social.

MÉTODOS

A escolha metodológica pela revisão narrativa a respeito da temática da internet e dos relacionamentos interpessoais deve-se à escassez de estudos brasileiros que tenham sumarizado os principais achados empíricos vinculados a este foco de estudo e à grande variedade de descritores utilizados para fazer referência à internet e às relações interpessoais, o que dificulta um processo de revisão sistemática. A revisão

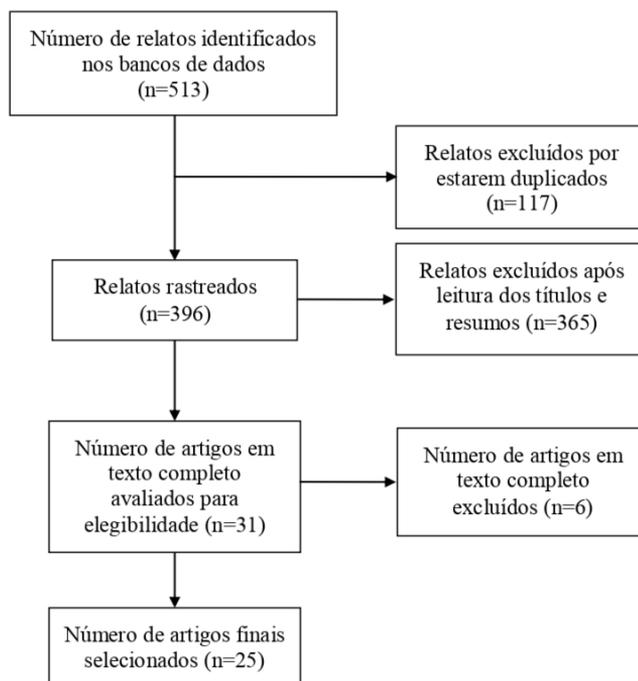
narrativa propicia uma busca de artigos, sob um viés qualitativo, que permite descrever ou discutir o desenvolvimento ou estado da arte de determinado assunto (Vosgerau & Romanowski, 2014).

A seleção dos descritores para a busca do material analisado neste estudo foi realizada a partir da consulta no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) da Biblioteca Virtual em Saúde. Esta base tem sido sistematicamente adotada em estudos de revisão no Brasil como fonte de seleção de descritores, por se tratar do parâmetro exigido pelas revistas brasileiras para a escolha de descritores pelos autores das publicações científicas. Três descritores foram empregados: “relações interpessoais” (*interpersonal relations*, em inglês), “internet” e “mídias sociais” (*social media*, em inglês). Essa seleção considerou a sua amplitude, já que permitiram englobar os focos do estudo sem especificar um tipo de relacionamento interpessoal. As buscas ocorreram em duas etapas: primeiro, utilizando o descritor “relações interpessoais” em combinação com “internet”; e, posteriormente, com “mídias sociais”. Foram consultadas as bases de dados LILACS, SciELO e Web of Science, considerando-se apenas artigos empíricos publicados entre 2011 e 2020, nos idiomas inglês, português e espanhol.

A partir dos registros localizados nessas buscas, realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos mesmos, visando à seleção do material para análise. Foram excluídos registros duplicados e artigos que não abordavam a temática em questão ou que enfatizavam relacionamentos amorosos. Nesta etapa, 31 artigos foram selecionados para leitura integral. Após esta leitura, seis artigos foram retirados – dois por não se adequarem ao tema da revisão e quatro por serem artigos de revisão ou teóricos. Desta forma, o *corpus* de análise deste estudo foi composto por 25 artigos. As informações do processo de busca e seleção encontram-se detalhadas na Figura 1.

Figura 1

Diagrama do processo de seleção dos artigos.



Fonte: Elaboração própria.

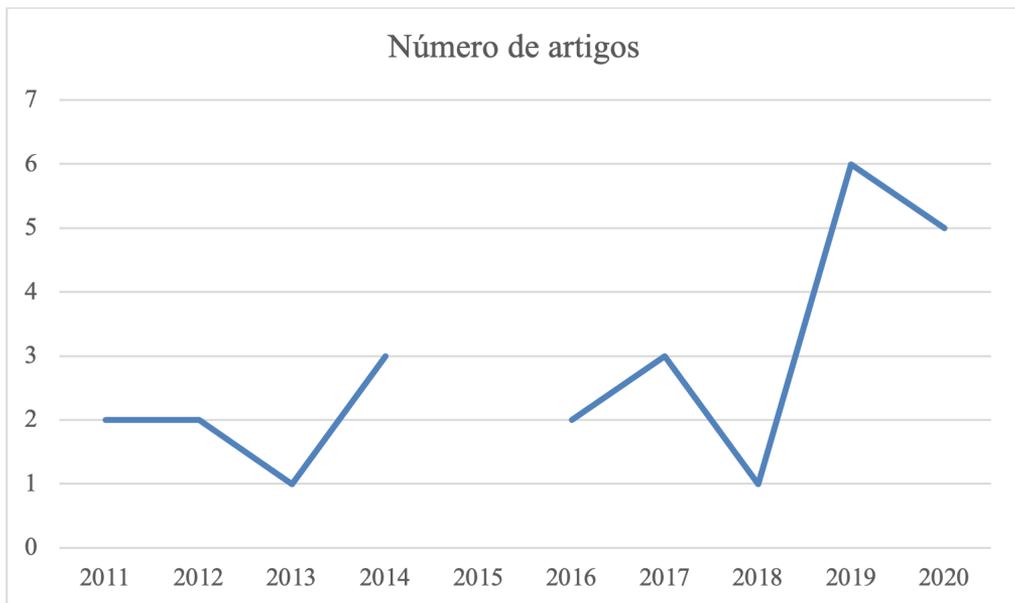
Os 25 artigos selecionados foram importados para o *software* NVivo 14. Realizou-se uma leitura flutuante das seções de Métodos, Resultados, Discussão e Conclusões/Considerações finais para a seleção de informações relevantes para análise. Em um primeiro momento, fez-se a análise descritiva dos artigos, considerando as variáveis: ano de publicação, país de realização da pesquisa, tipo de estudo, participantes, instrumentos utilizados e tipo de análise de dados feita. Posteriormente, os principais resultados dos artigos foram apresentados a partir de eixos temáticos derivados da questão de pesquisa, para fins de organização.

RESULTADOS

A análise descritiva revelou uma concentração de publicações nos anos de 2019 (n=6) e 2020 (n=5). Os demais artigos se distribuíram uniformemente ao longo do período considerado neste estudo, embora não tenham sido localizadas publicações no ano de 2015 (como apresentado na Figura 2). Quanto ao local de realização das pesquisas, destaca-se o alto número de publicações advindas da América do Sul (n=10), sendo nove estudos brasileiros e um argentino. Duas investigações foram feitas nos Estados Unidos. Ainda, foi localizado um estudo realizado tanto no Brasil quanto no Reino Unido. No continente europeu, oito estudos foram realizados em países como Portugal (n=2), Espanha, Reino Unido, Hungria, Polônia, Dinamarca e Letônia. No continente asiático (n=4), observou-se uma publicação indiana, uma coreana, uma do Norte do Chipre e uma resultante de parceria entre pesquisadores da China e de Hong Kong. Dessa forma, 13 estudos foram redigidos no idioma inglês, 11 em português e um em espanhol.

Figura 2

Número de artigos conforme ano de publicação (2011-2020)

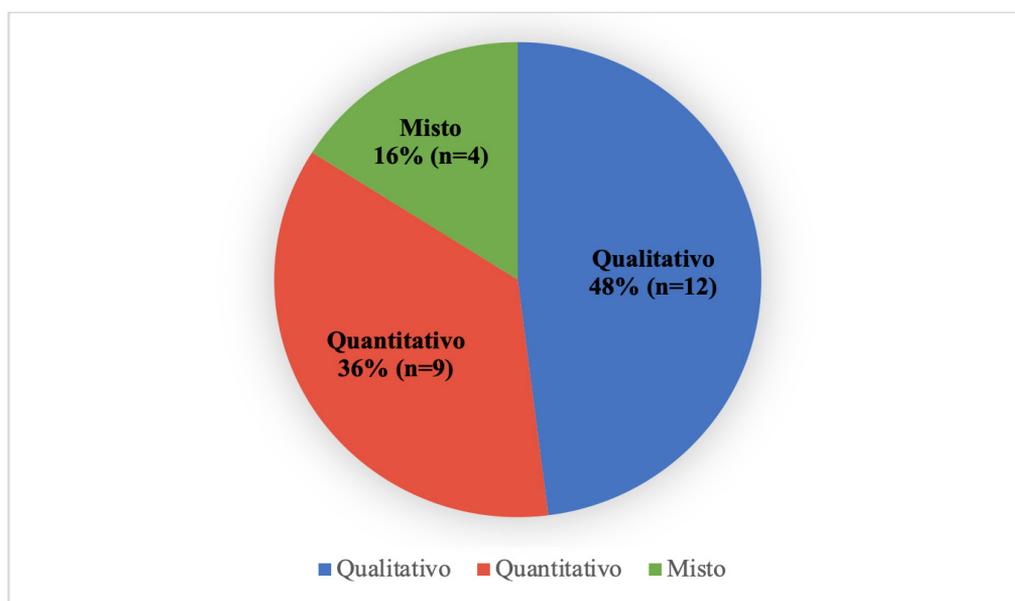


Fonte: Elaboração própria.

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

Em relação ao caráter metodológico dos estudos analisados, predominaram pesquisas qualitativas, conforme apresentado na Figura 3. Poucos estudos se designaram como mistos (quantitativo e qualitativo). Os estudos brasileiros distribuíram-se entre os dois delineamentos, enquanto os internacionais em geral eram quantitativos. Interessante mencionar que alguns estudos relataram resultados de programas de intervenção ou experimentos, realizados mais frequentemente com pessoas mais velhas.

Figura 3
Caráter metodológico dos estudos revisados



Fonte: Elaboração própria.

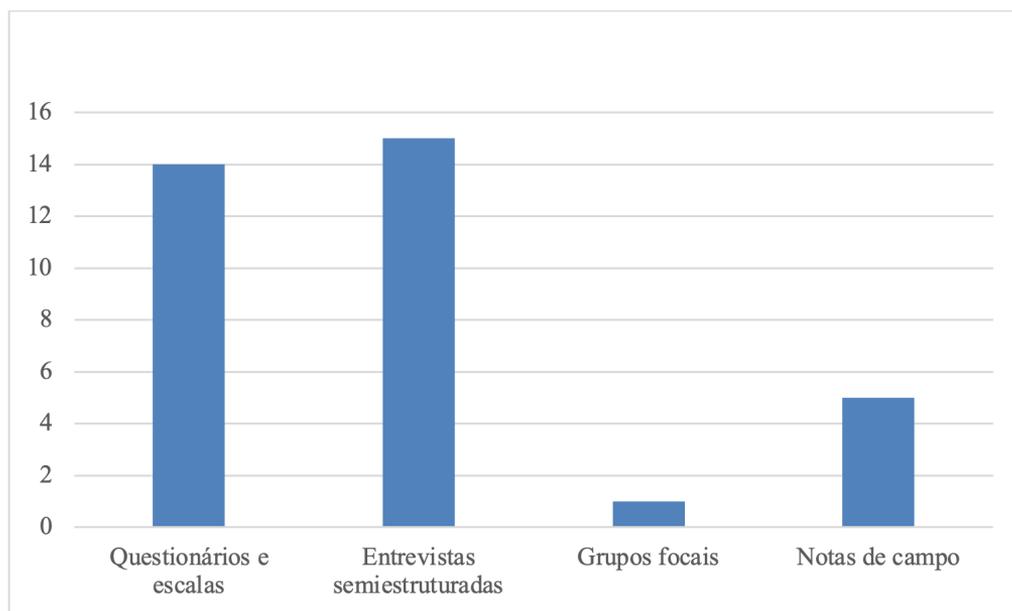
Com relação aos participantes desses estudos, notou-se uma predominância de pessoas mais velhas (n=6) e de estudantes (n=7), sendo que, neste último grupo, seis pesquisas contemplaram, mais especificamente, universitários. Dentre estes, um era direcionado a universitários migrantes de Hong Kong. Outros oito estudos não se direcionaram a um público específico, possuindo representantes de idade e gênero variados. Essas investigações se basearam principalmente no critério do uso de alguma rede social para a inclusão de participantes, sendo que um deles se direcionou a pessoas que vivem com HIV/Aids e outro a pessoas afetadas pelo diagnóstico de

câncer. Um estudo direcionou-se apenas a adultos com características específicas, no caso, pais e mães de crianças com transtorno do espectro autista. Outras investigações (n=4) realizadas com públicos específicos incluíram migrantes letões que utilizavam rede social, residentes não-nativos dos Estados Unidos, jogadores online e pessoas que se auto identificavam assexuais e frequentavam grupos de redes sociais formados por pessoas com essa característica.

Os instrumentos predominantemente utilizados foram as entrevistas semiestruturadas e questionários/escalas. Contudo, também foi evidente o uso de notas de campo advindas de observações e grupos focais (ver Figura 4). Várias pesquisas utilizaram mais de um instrumento.

Figura 4

Tipos de instrumentos utilizados nos estudos analisados

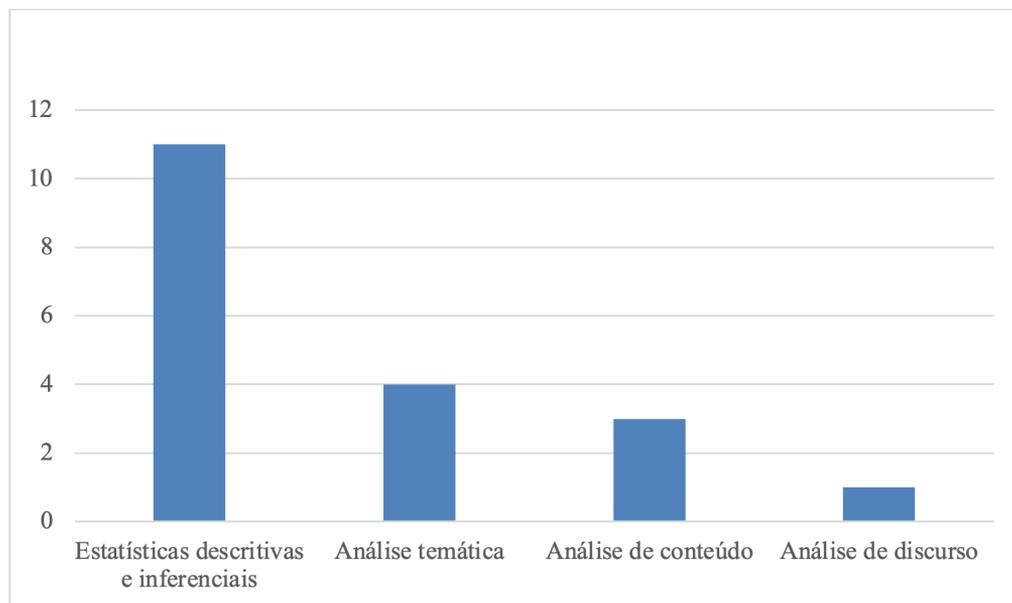


Fonte: Elaboração própria.

Quanto à análise de dados, nem todos os estudos indicaram explicitamente o tipo de análise realizada. Dentre os estudos quantitativos, predominou o uso de análises estatísticas descritivas e inferenciais. Já dentre os qualitativos, análise temática ou de conteúdo, seguidas de análise de discurso, como mostra a Figura 5.

Figura 5

Tipo de análise de dados empregada nos estudos revisados



Fonte: Elaboração própria.

Em relação aos principais achados dos estudos revisados, a análise qualitativa das informações resultou na elaboração de eixos temáticos para a sua apresentação sumariada, baseados na questão de pesquisa: “Uso de internet para iniciar relacionamentos” e “Uso da internet para manter relacionamentos”. Na sequência, cada eixo será apresentado.

EIXO 1: USO DA INTERNET PARA INICIAR RELACIONAMENTOS

Nesse eixo temático são apresentados os resultados dos estudos que abordaram o uso da internet para formar novos relacionamentos. Foi possível perceber que as redes sociais facilitaram o desenvolvimento de relações interpessoais (Andersen et al., 2020; Bucholtz, 2019; Dana, 2020; Karbowniczek & Pawelec, 2020; Matos-Silva et al., 2012; Phrychodco & Bittencourt, 2019), sendo este um dos motivos apontados para a criação de um perfil/conta em redes sociais, além de retomar o contato com amigos e conhecidos (Andersen et al., 2020; Karbowniczek & Pawelec, 2020).

O movimento de iniciar relacionamentos pode ser experienciado como bastante desafiador, especialmente, no contexto da “vida real”. Diante disso, uma plataforma virtual dinamarquesa (www.boblberg.dk) foi criada com o objetivo de facilitar o processo de socialização por meio da internet. Segundo a avaliação de 27 usuários desta plataforma, apresentada no estudo de Andersen et al. (2020), este recurso foi considerado útil para encontrar novas pessoas e expandir as redes sociais imediatas. Aqueles que criaram relações por este meio relataram melhora de humor, diminuição do senso de solidão e, em alguns casos, aumento do senso de valia e propósito de vida. Sendo assim, a plataforma proporcionou um ambiente mais seguro, fácil e legítimo para estabelecer relações, se comparado com os meios offline, conforme os participantes (Andersen et al., 2020).

A internet pode ser especialmente útil para iniciar relacionamentos em circunstâncias específicas, como no caso de migração (Bucholtz, 2019) ou ausência de atividades fora de casa (Andersen et al., 2020). Um estudo feito com 20 migrantes letões verificou que a participação em grupos de redes sociais – em sua maioria, voltados para a cultura letã – contribuiu para a expansão das relações interpessoais, facilitando a formação de vínculos com a comunidade de conterrâneos migrantes, assim como com indivíduos específicos, o que tornou as redes destes participantes mais heterogêneas e amplas (Bucholtz, 2019).

Tal tipo de vínculo também foi mencionado em uma investigação brasileira publicada no início dos anos 2010 com integrantes de comunidades, em sua maioria, do Orkut, que à época da pesquisa, era a mídia social mais acessada no Brasil. Apesar de o ingresso nas comunidades não ter sido motivado pela busca de amizades, este ambiente revelou-se propício para desabafar, criar relações de afinidade com desconhecidos e, em alguns casos, construir amizades online e offline. As comunidades proporcionaram um senso de pertença mesmo entre usuários não ativos nas discussões. Integrar um grupo com um objetivo em comum parece ter sido benéfico para os participantes, independentemente do grau de envolvimento/atividade nas comunidades virtuais (Matos-Silva et al., 2012). Tal panorama também foi reportado no estudo de Dana (2020), realizado com grupos virtuais de assexuais argentinos, que também indicou o senso de pertença e apoio compartilhado entre os membros destes grupos.

Da mesma forma, o sentimento de pertencimento e de acolhimento entre iguais foi constatado em um estudo realizado no Brasil com 90 pais e mães de crianças com transtorno do espectro autista. A partir da análise de entrevistas e observação das

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

discussões em redes sociais no Facebook integradas por esses participantes, percebeu-se que, além de informação sobre tratamento, legislação, etc., a participação nas redes permitiu a identificação entre iguais e o suporte para a aceitação do filho real (Phrychodco & Bittencourt, 2019). Similarmente, um estudo britânico qualitativo, realizado com 23 pessoas afetadas pelo diagnóstico de câncer que integravam comunidades online, indicou estes ambientes virtuais como benéficos, por oferecerem informações sobre o câncer, assim como por possibilitarem desabafar frustrações e oferecer empatia aos demais membros do grupo. Além disso, alguns participantes relataram o estabelecimento de relações offline significativas com outros integrantes, especialmente em grupos fechados, cuja entrada ocorria mediante convite, favorecendo mais segurança para o compartilhamento de informações pessoais entre os membros e reforçando o senso de comunidade e pertencimento (Harkin et al., 2020). Também a pesquisa realizada por Silva et al. (2017) no Brasil, com jovens de 20 a 30 anos que viviam com HIV/Aids, a partir de acompanhamento de grupos de discussão online e redes sociais específicas para esse público, identificou a importância da participação nestes grupos para a obtenção de informações sobre tratamento, aconselhamento, encontro de parceiros sexuais e apoio emocional, gerando um sentimento de pertencimento.

O desejo de estabelecer relações interpessoais a partir da internet parece englobar distintas faixas etárias e culturas. Relatos de adolescentes poloneses indicaram quão propício foi o ambiente virtual para a criação de amizades - pois, da amostra de 750 estudantes, um em cada três iniciou uma amizade virtualmente (Karbowniczek & Pawelec, 2020). Entre adultos brasileiros e estrangeiros, a internet também facilitou o desenvolvimento de amizades para 24 dos 120 participantes do estudo de Garcia (2012). E, em um grupo de 15 pessoas mais velhas da Hungria, que recebeu capacitação para aprender a manusear o computador e a internet, verificou-se o desejo de conhecer novas pessoas por meio da internet, conforme aumentavam suas habilidades digitais, já que primeiramente centraram-se na tarefa de contatar familiares, amigos e conhecidos via internet (Széman, 2014).

De forma relacionada, Cao e Lin (2017) relataram uma intervenção breve desenvolvida com estudantes universitários chineses e cidadãos de Hong Kong. Esta intervenção possibilitou uma melhora na percepção dos primeiros a respeito dos segundos, reduzindo o potencial de conflitos entre eles e ampliando a abertura para o estabelecimento e/ou a manutenção de relações mais amistosas.

Assim, evidencia-se que a internet tem contribuído e facilitado o estabelecimento de relações interpessoais. Percebe-se, entretanto, que há uma variedade de tipos de relações firmadas virtualmente. Isto é, as relações podem ser caracterizadas como uma amizade ou apenas um contato entre conhecidos; serem exclusivamente virtuais ou expandirem-se para a vida real; caracterizarem-se por um vínculo mais ou menos forte, etc. Nesta perspectiva, notou-se, em alguns estudos, a problematização acerca da legitimidade das amizades exclusivamente virtuais (Cardoso et al., 2019; Karbowniczek & Pawelec, 2020). Em uma pesquisa brasileira, realizada com 15 homens e 15 mulheres do estado de Minas Gerais, a grande maioria dos participantes não considerou que as amizades online e offline fossem equivalentes, uma vez que, no primeiro caso, o fato de os envolvidos não se conhecerem pessoalmente dificultaria uma troca mais ativa, tornando este tipo de amizade menos “real” e inferior que a do segundo tipo (Cardoso et al., 2019). Similarmente, em estudo polonês com estudantes do 8º ano, constatou-se que, embora muitos deles preferissem iniciar relações por meio da internet, não consideravam que estas relações virtuais substituíssem as relações “reais”. A maioria (76%) indicou valorizar mais as relações estabelecidas offline, enquanto o restante não percebia diferenças entre relações offline e online (Karbowniczek & Pawelec, 2020).

Por sua vez, na investigação conduzida por Matos-Silva et al. (2012), as amizades virtuais foram consideradas tão significativas quanto as “reais” por um participante que conheceu seus melhores amigos em um jogo online. Segundo o entrevistado, ainda que nunca tivesse encontrado pessoalmente esses amigos, havia sido possível construir um forte vínculo com os mesmos por meio da internet. De modo semelhante, jogadores de World of Warcraft (WoW) nos Estados Unidos consideraram que este ambiente favoreceu a criação de novos relacionamentos. Ainda que os entrevistados não conhecessem seus companheiros de equipe pessoalmente, puderam estabelecer trocas significativas e experienciar um senso de pertença e união (Snodgrass et al., 2011).

EIXO 2: USO DA INTERNET PARA MANTER RELACIONAMENTOS

Esse foi o eixo no qual a maioria dos estudos analisados foi incluída. Para além da contribuição para iniciar relacionamentos interpessoais, os achados dos estudos revisados apontaram a importância do uso da internet para a manutenção dessas

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

relações. Foram recorrentes os relatos sobre seu uso para comunicação com familiares e amigos (Cardoso et al., 2019; Carvalho et al., 2014; Karbowniczek & Pawelec, 2020; Kim & McKay-Semmler, 2013; Marra e Rosa et al., 2016; Simsek et al., 2020; Velarde et al., 2019; Zaine et al., 2019), além de auxílio para localizar e contatar antigos conhecidos (Andersen et al., 2020; Marra e Rosa et al., 2016; Simsek et al., 2020).

As redes sociais contribuíram diretamente para a consolidação de amizades entre migrantes letões e pessoas locais que haviam conhecido em outras circunstâncias (Bucholtz, 2019), bem como entre adolescentes poloneses (Karbowniczek & Pawelec, 2020) e estudantes indianos (Lahiry et al., 2019). Também em uma investigação feita com 51 residentes não-nativos dos Estados Unidos, os meios mais frequentemente utilizados para comunicar-se com amigos e familiares do país de origem foram e-mail e internet, incluindo sites e mensagens instantâneas (Kim & McKay-Semmler, 2013). Um estudo coreano, realizado com 263 usuários do Facebook (18 a 34 anos), verificou que a experiência de *flow* (explicada pelas variáveis atenção focada, telepresença, distorção do tempo, prazer e curiosidade) por meio da rede social favoreceu o aumento da autorrevelação e gerou efeitos positivos nos relacionamentos offline. Em síntese, o uso do Facebook reverberou em um aumento do senso de proximidade e intimidade nos relacionamentos offline (Kwak et al., 2014).

Em um estudo sobre amizades internacionais, verificou-se que a internet era o principal meio de manutenção dessas relações (em 227 dos 331 casos de amizades relatados no estudo). No entanto, os participantes indicaram sentir dificuldade em manter uma relação mais íntima com seus amigos devido à comunicação à distância. Para eles, este tipo de comunicação não substitui a presença física (Garcia, 2012).

Nesse sentido, o estudo de Fonsêca et al. (2018) demonstrou que a maior dependência do uso da internet entre universitários de João Pessoa estava associada a sentimentos de solidão. Também na investigação de Karbowniczek e Pawelec (2020) com adolescentes poloneses, percebeu-se que o uso excessivo da internet se associou ao desenvolvimento ou intensificação de problemas psicossociais, como a solidão e a depressão, em função das diversas comparações propiciadas pelo ambiente virtual entre a vida privada e o recorte da vida revelado pelo outro. Ainda, a maioria desses adolescentes apontou como desvantagens do uso da internet os insultos, ridicularizações, mensagens de ódio, ameaças e *cyberbullying*, assim como o aumento do isolamento, da ansiedade, da pedofilia, entre outros. Dentre os adolescentes, 45% indicaram se importar com a opinião dos amigos sobre seus perfis online, enquanto 55%

apontaram não se importar. Eles relataram ter cautela ao criar seus posts e construir seus perfis, por estarem saturados com a frequência de críticas, malícias e mensagens de ódio a que estavam sujeitos no ambiente virtual (Karbowniczek & Pawelec, 2020). Os achados desses estudos indicam que, embora as redes possam ser facilitadoras das relações, também podem afastar as pessoas entre si, limitando a relação a contatos virtuais (Fonsêca et al., 2018).

Também no estudo de Marra e Rosa et al. (2016), o uso da internet foi considerado ambíguo, por aproximar as pessoas distantes e distanciar as relações fisicamente próximas. De todo modo, de forma geral, os participantes avaliaram o uso das redes de forma positiva, destacando a importância de acompanhar a vida de familiares e amigos, de sentir-se socializando e pertencendo a grupos, de conhecer mais sobre as pessoas e sobre si mesmos, bem como de receber apoio emocional diante de situações de vida difíceis. Ainda, os participantes brasileiros adultos de diferentes idades, sexos, níveis socioeconômicos e etnias, destacaram o quanto o uso da internet reverberou na vida offline, ao oferecer novas possibilidades e permitir o aprimoramento de algumas habilidades sociais, promovendo mais segurança nas interações da “vida real” (Marra e Rosa et al., 2016).

O estudo de Snodgrass et al. (2011) apresentou achados similares, ao indicar que as conquistas obtidas no jogo (WoW) foram, em alguma medida, transferidas para a vida offline, gerando um senso de autoeficácia e aperfeiçoamento nos jogadores, conforme seus personagens progrediam virtualmente. Além disso, o jogo favoreceu a aproximação e o fortalecimento de relacionamentos prévios offline. Por outro lado, também se verificou que, para alguns entrevistados, a prática excessiva prejudicou seus relacionamentos com parceiros amorosos e amigos que não eram jogadores. Neste sentido, grande parte deles informou algumas vezes supervalorizar a participação no jogo em detrimento das relações e obrigações no mundo “real”. Esta dualidade também foi apontada no estudo de Lahiry et al. (2019) com estudantes de medicina indianos, uma vez que os participantes demonstraram estar conscientes tanto das influências positivas como negativas do uso da internet sobre as suas relações interpessoais (Lahiry et al., 2019).

Seis estudos investigaram especificamente o uso da internet e das tecnologias de informação por pessoas mais velhas. Em alguns deles foram realizadas intervenções para a inclusão digital dessas pessoas, com diferentes tempos de duração e diferentes formatos (presencial ou online; curso ou atividades reflexivas; etc). Em síntese, veri-

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

ficou-se que tais tecnologias não substituíram a interação presencial, mas auxiliaram a socialização desse público, fortalecendo vínculos, intensificando interações com pessoas já conhecidas previamente e permitindo a retomada de contato com amigos de longa data. As comunicações, geralmente mantidas com amigos e familiares, se estreitaram a partir desta inclusão digital (Carvalho et al., 2014; Zaine et al., 2019). Isto favoreceu, em particular, as relações intergeracionais – por exemplo, entre avós e netos, sendo os familiares os principais incentivadores para o ingresso das pessoas mais velhas nas redes sociais (Azevedo, 2016; Ferreira & Teixeira, 2017; Pereira & Neves, 2011; Széman, 2014).

DISCUSSÃO

Esta revisão se propôs a responder a seguinte pergunta: “O que os artigos empíricos, publicados entre 2011 e 2020, indicam sobre o uso da internet para iniciar e manter relacionamentos interpessoais?”. Embora os estudos empíricos sobre o tema ainda sejam incipientes, o número de publicações tem aumentado recentemente, o que sugere um crescente interesse nesta temática. Notou-se uma diversificação dos países onde as pesquisas foram realizadas, demonstrando a pertinência da temática em outros continentes e culturas. Os estudos revisados foram predominantemente qualitativos, sendo encontrados estudos brasileiros com delineamento quali e quantitativo. De todo modo, estudos nacionais são bem-vindos para fornecer dados mais representativos sobre o uso da internet e suas repercussões nas relações interpessoais.

A partir da análise dos 25 artigos revisados, observou-se que a internet e, em particular, as redes sociais, facilitou o desenvolvimento de relações interpessoais, na medida em que ampliou as possibilidades de conhecer e interagir com novas pessoas (Andersen et al., 2020; Bucholtz, 2019; Karbowniczek & Pawelec, 2020; Matos-Silva et al., 2012; Phrychodco & Bittencourt, 2019). Outras investigações corroboram o papel socializador da internet, indicando que esta oportuniza não apenas o estabelecimento de novos relacionamentos, mas também auxilia a fortalecer as relações prévias e a tornar a comunicação mais ágil e frequente (Alzate-Marín & Ángel-Franco, 2016; Wang & Chang, 2010), como também foi encontrado em diversos estudos aqui revisados.

Nesta perspectiva, um estudo taiwanês investigou os motivos para a busca de amizades em meio virtual, sendo os principais: o anonimato, a oportunidade de

conhecer pessoas novas, a facilidade para se comunicar, a curiosidade, a obtenção de apoio emocional, a compensação social, a distância do mundo real, a busca por amor e por parceiros sexuais (Wang & Chang, 2010). Alguns destes aspectos foram identificados nos resultados dos estudos revisados. É possível associar as motivações ‘oportunidade de conhecer novas pessoas’ e ‘distância do mundo real’ aos estudos de Matos-Silva et al. (2012) e Snodgrass et al. (2011), que relataram o desenvolvimento de amizades por meio de jogos online. Este ambiente parece propício à criação de relacionamentos interpessoais, conforme corroborado em um ensaio teórico sobre jogos online com multijogadores. Segundo a autora, novas formas de sociabilidade e interações próximas entre os usuários são favorecidas nos jogos, sendo, ademais, frequentemente extrapoladas para o mundo offline por meio de encontros presenciais (Fortim, 2006).

No que se refere à manutenção de relacionamentos, eixo mais amplamente representado nos estudos revisados, diversos achados indicaram a contribuição da internet para manter relacionamentos prévios (Andersen et al., 2020; Bucholtz, 2019; Cardoso et al., 2019; Carvalho et al., 2014; Karbowniczek & Pawelec, 2020; Kim & McKay-Semmler, 2013; Marra e Rosa et al., 2016; Zaine et al., 2019). Sobretudo no início dos anos 2000, com o advento e a popularização das mídias sociais, iniciando com o Orkut e posteriormente com o Facebook e o Instagram, o mundo virtual parece ter se tornado uma extensão do mundo real, na medida que os indivíduos passaram a utilizar as redes sociais para a manutenção de seus relacionamentos da “vida real” (Cardoso et al., 2019; Courtois et al., 2012; Paradise & Sullivan, 2012; Reich et al., 2012). Tanto Courtois et al. (2012), em estudo com 352 adolescentes belgas, quanto Reich et al. (2012), em estudo com 251 adolescentes americanos, identificaram a utilização das redes sociais para interagir e manter/fortalecer relações com pessoas conhecidas em contextos offline.

Outros estudos corroboraram a utilidade da internet, seja por facilitar a comunicação entre as pessoas (Laghi et al., 2013), por facilitar o acesso a informações sobre a rede de amigos (Courtois et al., 2012; Reich et al., 2012) ou mesmo por promover um senso de comunidade e pertencimento em seus usuários (Fortim, 2006; Obst & Stafurik, 2010; Prychodco & Bittencourt, 2019; Sessions, 2010). Como afirmou Nicolaci-da-Costa (2005): “[a internet] foi percebida como um fator de ruptura com as formas tradicionais de trabalharmos, vivermos, nos relacionarmos uns com os outros e muito mais” (p. 50). Desse modo, a internet, com sua capacidade quase infinita de buscar informações e conectar pessoas por seus interesses em comum, ofere-

Internet e Relacionamentos Interpessoais: Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)

ce a opção de indivíduos com alguma situação específica, como uma doença crônica (Obst & Stafurik, 2010), ser cuidador de pessoas que exigem cuidados especiais (Prychodco & Bittencourt, 2019), ou ter um *hobby* (Fortim, 2006; Utz et al., 2012), formarem comunidades e grupos de apoio, oferecendo-se mutuamente suporte emocional e informacional (por meio do compartilhamento de informações), similar ao relatado por Dana (2020), Harkin et al. (2020) e Matos-Silva et al. (2012).

Ademais, uma dualidade foi verificada: por um lado, notou-se, tanto nos achados desta revisão quanto na literatura extensa, que a internet contribuiu para a manutenção das relações, ampliando as possibilidades de comunicação com amigos, familiares e conhecidos (Cardoso et al., 2019; Kahlow et al., 2020; Karbowniczek & Pawelec, 2020; Simsek et al., 2020; Vaterlaus et al., 2016; Velarde et al., 2019). Por outro lado, as limitações da comunicação virtual, quando comparada à presencial, foram percebidas como insuficientes para manter relacionamentos mais íntimos (Choi & Toma, 2017; Fonsêca et al., 2018; Garcia, 2012; Laghi et al., 2013; Shensa et al., 2020; Usta et al., 2014). Este raciocínio comparativo entre o mundo real e o virtual, presente transversalmente ao longo dos dois eixos, traz reflexões sobre os benefícios e prejuízos de cada tipo de comunicação. Contudo, a complementaridade desses tipos também faz pensar na potencialidade da junção de ambos, como apontado em um estudo americano (Simone et al., 2019).

Desde a etapa de seleção dos artigos, chamou a atenção a não localização de estudos sobre o rompimento de relacionamentos interpessoais a partir do uso da internet. Na literatura internacional, identificou-se apenas uma pesquisa, feita com 159 universitários americanos, que abordou essa questão, tendo como hipótese o fato de que relacionamentos virtuais poderiam ser mais facilmente dissolvidos e que, portanto, os indivíduos seriam menos cooperativos na resolução de conflitos no espaço virtual. Contudo, esta hipótese não se confirmou (Ishii, 2010). Assim, diante da popularização do uso de redes sociais, percebem-se lacunas na literatura acadêmica sobre as repercussões do uso da internet sobre o término de relacionamentos interpessoais em geral.

Os impactos positivos do uso da internet sobre as relações interpessoais, reportados nos estudos com a população mais velha (Azevedo, 2016; Carvalho et al., 2014; Ferreira & Teixeira, 2017; Pereira & Neves, 2011; Széman, 2014), assemelham-se aos relatados em outras pesquisas brasileiras (Alencar et al., 2020; Ordonez et al., 2012), que descreveram a repercussão positiva do ensino de funções básicas de computação na redução do isolamento social e da solidão entre pessoas mais velhas. Ademais, tais

estudos indicam que a inclusão digital auxiliou a aumentar a autonomia, a autoestima e o bem-estar destas pessoas. Embora os estudos revisados não tenham avaliado esses aspectos, destacaram os impactos positivos em termos de socialização, ao facilitar o contato com antigos conhecidos (Széman, 2014), aspecto corroborado por Quinn (2013). A partir de entrevistas com 31 adultos americanos, de 46 a 64 anos, sobre os usos de redes sociais, a autora constatou um uso diferente daquele feito por adolescentes e jovens adultos, uma vez que os adultos maduros e os mais velhos buscaram restabelecer antigos contatos, ao invés de iniciar ou manter relacionamentos atuais (Quinn, 2013). Contudo, outras investigações relataram o uso da internet por pessoas mais velhas para desenvolver novas relações interpessoais (Ordonez et al., 2012; Széman, 2014), demonstrando novas formas de apropriação desse recurso pela população mais velha, que precisam ser melhor conhecidas.

Apesar de os benefícios do uso da internet e das redes sociais para iniciar e manter relações de amizade terem sido destacados em vários estudos, limitações e repercussões negativas dessa interface também foram identificadas na literatura revisada e extensa. Os estudos nessa perspectiva apontaram a insuficiência do contato estritamente virtual para a manutenção de relacionamentos (Choi & Toma, 2017; Fonsêca et al., 2018; Garcia, 2012; Shensa et al., 2020), o que pode estar vinculado a sentimentos de solidão (Laghi et al., 2013; Usta et al., 2014). Além disso, outros aspectos negativos mencionados por estudos nacionais e internacionais foram a adição à internet (Karbowniczek & Pawelec, 2020; Lahiry et al., 2019; Utz et al., 2012) e estar suscetível à vigilância e vulnerável quanto à privacidade online (Neves & Portugal, 2011; Paradise & Sullivan, 2012).

Diante disso, é possível perceber que o uso da internet pode tanto repercutir positiva quanto negativamente sobre os relacionamentos interpessoais. A análise da percepção dessas repercussões é subjetiva, o que explica o fato de que um mesmo indivíduo pode identificar ambos os aspectos ao considerar suas experiências online. Diante disso, não há como afirmar que o uso da internet é prejudicial ou benéfico, sendo importante refletir sobre o modo como esta ferramenta é utilizada, bem como os riscos e potencialidades associadas a seu uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão foi possível identificar que os artigos empíricos da última década (2011-2020), publicados em português, inglês e espanhol sobre o tema do uso da internet e dos relacionamentos interpessoais, tenderam a investigar populações de estudantes (adolescentes e jovens adultos universitários) a partir de delineamentos qualitativos. Verificou-se que a internet auxiliou a iniciar e manter relacionamentos, embora tenham se destacado os seus possíveis benefícios principalmente para a manutenção de relações já previamente estabelecidas, bem como as suas insuficiências nesse sentido.

Cabe salientar que, após o surgimento da pandemia de COVID-19, a importância de se investigar esse tema tornou-se ainda mais evidente. A partir da política de distanciamento social necessária no contexto pandêmico, aumentaram as formas não presenciais de interação interpessoal, que passaram a fazer mais amplamente parte do mundo do trabalho e da vida pessoal. Assim, o conhecimento mais detalhado do uso de redes sociais e da comunicação mediada por tecnologia no âmbito da Psicologia permitirá compreender melhor esse fenômeno, assim como embasar a elaboração de ações e intervenções mais efetivas junto a diferentes públicos, empregando as suas potencialidades na aproximação entre as pessoas e amenizando possíveis malefícios gerados pelo seu uso.

Nesse sentido, destaca-se o fato de o ambiente virtual ser marcado por desenvolvimento rápido e mudanças constantes, que, por sua vez, podem influenciar na forma como as pessoas se comunicam e se relacionam nesse ambiente. Sistemáticamente novos aplicativos, sites, fóruns e plataformas virtuais surgem ou são atualizados, trazendo diferentes recursos e formas de estabelecer contato no ambiente online. Esta fluidez que caracteriza o ambiente virtual foi observada nesta revisão, já que alguns estudos se pautaram no uso de redes sociais que já se tornaram obsoletas, como o Orkut, por exemplo. Apesar das diversas semelhanças existentes no funcionamento de redes sociais prévias e atuais, estudos futuros devem contemplar diferentes e atualizadas plataformas virtuais, assim como a comunicação mediada pela internet nessas plataformas, para acompanhar o desenvolvimento do fenômeno e suas repercussões sobre a criação, manutenção e até mesmo sobre o término de relacionamentos interpessoais, tema este não identificado nos estudos da área.

Relacionado a isso, para além do foco em diferentes plataformas digitais e apli-

cativos de relacionamentos interpessoais de toda a ordem, estudos futuros também devem considerar o uso da internet a partir de outros artefatos que não apenas o computador (notebook ou desktop), como foi o caso dos estudos incluídos nesta revisão. Embora esse não tenha sido um critério previamente adotado para a seleção dos artigos, os estudos localizados acabaram por apresentar um panorama restrito, considerando as diferentes possibilidades de acesso, que refletem especificidades históricas, sociais e culturais que merecem ser melhor exploradas.

Por fim, outra limitação desta revisão narrativa foi o uso de descritores do DeCS para a busca de artigos, pois há uma grande diversidade de descritores utilizados em diferentes estudos, muitos deles não indexados. Por outro lado, estudos que contemplam a temática podem não ter sido localizados por não haver ainda um consenso na literatura sobre quais terminologias utilizar como referência para os fenômenos interacionais na internet. Dessa forma, percebe-se que esse campo de estudos ainda permanece aberto para futuros desenvolvimentos.

REFERÊNCIAS

- Alencar, H. V., Martins, M., & Silva, M. J. (2020). Aqui aprendemos a viver a nossa idade: reflexões e experiências de pessoas idosas participantes de um projeto de inclusão social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(3), 253-276.
- Alzate-Marín, Y. E., & Ángel-Franco, M. B. (2016). ¿Qué tan sociales son las redes sociales virtuales? *Revista Poiésis*, 30, 63-71.
- Andersen, L. M. B., Reavley, N. J., Bøggild, H., & Overgaard, C. (2020). The role of social technologies in community care – A realist evaluation of a Danish web-based citizen-to-citizen platform adopted in community care to promote belonging and mental health. *Health Soc Care Community*, 00, 1– 10. <https://doi.org/10.1111/hsc.13222>
- Azevedo, C. (2016). Muito velho para a tecnologia? Como as novas tecnologias de informação e comunicação afetam as relações sociais de pessoas mais velhas em Portugal. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 21(2), 27-46. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.60176>

- Bucholtz, I. (2019). Bridging bonds: Latvian migrants' interpersonal ties on social networking sites. *Media, Culture & Society*, 41(1), 104 –119. <https://doi.org/10.1177/0163443718764576>
- Cai, D., Liu, J., Zhao, H., & Li, M. (2020). Could social media help in newcomers' socialization? The moderating effect of newcomers' utilitarian motivation. *Computers in Human Behavior*, 107, 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106273>
- Cao, B., & Lin, W. (2017). Revisiting the contact hypothesis: effects of different modes of computer-mediated communication on intergroup relationships. *International Journal of Intercultural Relations*, 58, 23-30. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.03.003>
- Cardoso, F. S., Ladislau, C. R., Neto, G. J. S., & Alves, R. O. T. (2019). Redes sociais e sociabilidade: práticas e percepções acerca dos usos do Facebook no lazer. *Licere (Belo Horizonte)*, 22(1), 91-121. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12312>
- Carvalho, G. M., Tarallo, R. S., Batistoni, S. S. T. B., & Cachioni, M. (2014). Redes sociais e geratividade: a experiência do programa Idosos On-line. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19(3), 793-812. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.40759>
- Choi, M., & Toma, C. L. (2017). Social sharing with friends and family after romantic breakups: patterns of media use and effects on psychological well-being. *Journal of Media Psychology*, 29(3), 166-172. <https://doi.org/10.1027/1864-1105/a000226>
- Courtois, C., All, A., & Vanwynsberghe, H. (2012). Social network profiles as information sources for adolescents' offline relations. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(6), 290–295. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0557>
- Dana, G. (2020). La comunidad virtual de asexuales del área metropolitana de Buenos Aires. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 34, 126-152. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.34.08.a>
- Ferreira, M. C., & Teixeira, K. M. D. (2017). O uso de redes sociais virtuais pelos idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 22(3), 153-167. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.74595>

- Fonsêca, P. N., Couto, R. N., Melo, C. C. V., Amorim, L. A. G., & Pessoa, V. S. A. (2018). Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 198-212.
- Fortim, I. (2006). Alice no país do espelho: o MUD - o jogo e a realidade virtual baseados em texto. *Imaginário*, 12(12), 171-194.
- Garcia, A. (2012). Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 313-319. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000200016>
- Harkin, L. J., Beaver, K., Dey, P., & Choong, K. A. (2020). Secret groups and open forums: defining online support communities from the perspective of people affected by cancer. *Digital Health*, 6. <https://doi.org/10.1177/2055207619898993>
- Hill, L., & Zheng, Z. (2018). A desire for social media is associated with a desire for solitary but not social activities. *Psychological Reports*, 121(6), 1120-1130. <https://doi.org/10.1177/0033294117742657>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua*. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27138&t=resultados>
- Ishii, K. (2010). Conflict management in online relationships. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 13(4), 365-370. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0272>
- Kahlow, J. A., Coker, M. C., & Richards, R. (2020). The multimodal nature of Snapchat in close relationships: toward a social presence-based theoretical framework. *Computers in Human Behavior*, 111, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106409>
- Karbowniczek, J., & Pawelec, L. (2020). The Role of Social Networks in the Psychosocial Functioning of Students in Selected Polish Primary Schools. *Media Education (Mediaobrazovanie)*, 60(4). <https://doi.org/10.13187/me.2020.4.653>

**Internet e Relacionamentos Interpessoais:
Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)**

- Kim, Y. Y., & McKay-Semmler, K. (2013). Social engagement and cross-cultural adaptation: an examination of direct- and mediated interpersonal communication activities of educated non-natives in the United States. *International Journal of Intercultural Relations*, 37(1), 99–112. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2012.04.015>
- Kwak, K. T., Choi, S. K., & Lee, B. G. (2014). SNS flow, SNS self-disclosure and post hoc interpersonal relations change: focused on Korean Facebook user. *Computers in Human Behavior*, 31(1), 294–304. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.046>
- Laghi, F., Schneider, B. H., Vitoroulis, I., Coplan, R. J., Baiocco, R., Amichai-Hamburger, Y., Hudek, N., Koszycki, D., Miller, S., & Flament, M. (2013). Knowing when not to use the Internet: Shyness and adolescents' on-line and off-line interactions with friends. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 51–57. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.07.015>
- Lahiry, S., Choudhury, S., Chatterjee, S., & Hazra, A. (2019). Impact of social media on academic performance and interpersonal relation: A cross-sectional study among students at a tertiary medical center in East India. *J Edu Health Promot*, 8(73), 1-6.
- Liu, C., & Ma, J. (2019). Adult attachment orientations and social networking site addiction: the mediating effects of online social support and the fear of missing out. *Frontiers in Psychology*, 10(2629), 1-9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02629>
- Marra e Rosa, G. A., Santos, B. R., & Chagas-Ferreira, J. F. (2016). Uma cartografia das repercussões das redes sociais na subjetividade. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 279-289. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i2.29657>
- Matos-Silva, M. S., Abreu, R. A. S., & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2012). Como satisfazer nossas necessidades de interagir online em diferentes níveis de intimidade? Um estudo sobre a comunicação nas comunidades virtuais. *Interação Psicol.*, 16(2), 217-226. <https://doi.org/10.5380/psi.v16i2.24662>
- Morgan, P., Hubler, D. S., Payne, P. B., Pomeroy, C., Gregg, D., & Homer, M. (2017). My partner's media use: a qualitative study exploring perceptions of problems with a partner's media use. *Marriage & Family Review*, 53(7), 683-695. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1263589>

- Neves, C., & Portugal, F. T. (2011). A dimensão pública da subjetividade em tempos de Orkut. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 15-23. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100003>
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 50-57. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200008>
- Obst, P., & Stafurik, J. (2010). Online we are all able bodied: online psychological sense of community and social support found through membership of disability-specific websites promotes well-being for people living with a physical disability. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 20, 525-531. <https://doi.org/10.1002/casp.1067>
- Ordóñez, T. N., Lima-Silva, T. B., Yassuda, M. S., & Cachioni, M. (2012). Idosos on line: exemplo de metodologia de inclusão digital. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(7), 215-234.
- Paradise, A., & Sullivan, M. (2012). (In)visible threats? The third-person effect in perceptions of the influence of Facebook. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 15(1), 55-60. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0054>
- Pereira, C., & Neves, R. (2011). Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(1), 05-26. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000100010>
- Prychodco, R. C., & Bittencourt, Z. Z. L. C. (2019). Redes sociais sobre Transtorno do Espectro Autista no Facebook como suporte interpessoal: implicações nos processos de governança em saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 13(4), 503-516. <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1670>
- Quinn, K. (2013). We haven't talked in 30 years!. *Information, Communication & Society*, 16(3), 397-420. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.756047>
- Reich, S. M., Subrahmanyam, K., & Espinoza, G. (2012). Friending, IMing, and hanging out face-to-face: overlap in adolescents' online and offline social networks. *Developmental Psychology*, 48(2), 356-368. <https://doi.org/10.1037/a0026980>

**Internet e Relacionamentos Interpessoais:
Uma Revisão Narrativa Crítica da Literatura Científica (2011-2020)**

- Sessions, L. F. (2010). How offline gatherings affect online communities: when virtual community members ‘meetup’. *Information, Communication & Society*, 13(3), 375-395. <https://doi.org/10.1080/13691180903468954>
- Shensa, A., Sidani, J. E., Escobar-Vieira, C. G., Switzer, G. E., Primack, B. A., & Choukas-Bradley, S. (2020). Emotional support from social media and face-to-face relationships: Associations with depression risk among young adults. *Journal of Affective Disorders*, 260, 38-44. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.08.092>
- Silva, L. A. V., Duarte, F. M., & Netto, G. R. A. (2017). Sociabilidades “positivas” em rede: narrativas de jovens em torno do HIV/Aids e suas tensões cotidianas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 27(2), 335-355. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000200009>
- Simone, M., Geiser, C., & Lockhart, G. (2019). The importance of face-to-face contact and reciprocal relationships and their associations with depressive symptoms and life satisfaction. *Quality of Life Research*, 28, 2909-2917. <https://doi.org/10.1007/s11136-019-02232-7>
- Simsek, A., Dabaj, F., & Simsek, E. (2020). Why and how do university students use Facebook in everyday life? *Revista de Cercetare si Interventie Sociala*, 71, 59-76. <https://doi.org/10.33788/rcis.71.4>
- Snodgrass, J. G., Lacy, M. G., Francois Dengah, H. J., & Fagan, J. (2011). Enhancing one life rather than living two: playing MMOs with offline friends. *Computers in Human Behavior*, 27(3), 1211–1222. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.01.001>
- Széman, Z. (2014). A new pattern in long-term care in Hungary: Skype and youth volunteers. *Anthropological Notebooks*, 20(1), 105–117.
- Tokunaga, R. S. (2011). Friend me or you’ll strain us: understanding negative events that occur over Social Networking Sites. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(7-8), 425-432. <https://doi.org/10.1089/cyber.2010.0140>
- Usta, E., Korkmaz, O., & Kurt, I. (2014). The examination of individuals’ virtual loneliness states in Internet addiction and virtual environments in terms of interpersonal trust levels. *Computers in Human Behavior*, 36, 214-224. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.03.072>

- Utz, S., Jonas, K. J., & Tonkens, E. (2012). Effects of passion for massively multiplayer online role-playing games on interpersonal relationships. *Journal of Media Psychology, 24*(2), 77-86. <https://doi.org/10.1027/1864-1105/a000066>
- Vaterlaus, J. M., Barnett, K., Roche, C., & Young, J. A. (2016). "Snapchat is more personal": An exploratory study on Snapchat behaviors and young adult interpersonal relationships. *Computers in Human Behavior, 62*, 594-601. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.04.029>
- Velarde, O., Bernete, F., & Casas-Más, B. (2019). Virtual interactions with acquaintances. *Revista Latina de Comunicación Social, 74*, 668-691. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2019-1351en>
- Vosgerau, D. S. A. R., & Romanowski, J. P. (2014) Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista de Diálogo Educacional, 14*(41), 165-189. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Wang, C., & Chang, Y. (2010). Cyber relationship motives: scale development and validation. *Social Behavior and Personality, 38*(3), 289-300. <https://doi.org/10.2224/sbp.2010.38.3.289>
- Yates, M. B. (2020). *Uso problemático de internet: hábitos e uso, necessidade de pertencimento e sintomas psicopatológicos* (Dissertação de mestrado não-publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Zaine, I., Frohlich, D. M., Rodrigues, K. R. H., Cunha, B. C. R., Orlando, A. F., Scalco, L. F., & Pimentel, M. G. C. (2019). Promoting social connection and deepening relations among older adults: design and qualitative evaluation of Media Parcels. *Journal of Medical Internet Research, 21*(10), 14112. <https://doi.org/10.2196/14112>

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

Artur de Matos Alves

Université TÉLUQ, Canadá - adematos@teluq.ca

Resumo

Este artigo analisa o caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro, destruído por um incêndio em 2018, para o qual um projeto de parceria com a Google possibilitou a criação de uma visita virtual online na plataforma Google Arts and Culture. Em primeiro lugar, o artigo propõe pensar a digitalização do museu como media situado enquanto processo de remediação. Em segundo lugar, este texto questiona criticamente a viabilidade de plataformas digitais privadas como a Google Arts and Culture como sistema de remediação de um património comum. Oferece-se uma crítica

à reconstituição virtual, problematizando o solucionismo tecnológico e a economia política das plataformas digitais, em particular quando aplicadas à resolução dos problemas de preservação e divulgação do património cultural. Conclui-se que esta adaptação constitui uma remediação limitada, porquanto acentua a centralidade da plataforma em detrimento da experiência do museu, e se circunscreve à apresentação da imagem do museu, sem permitir a leitura creativa e reinterpretativa que caracteriza o media-museu.

Palavras-chave: Museu, media, remediação, património cultural, plataformas digitais, Google Arts and Culture, práticas e objetos focais.

The (Re)Mediated Museum: The Google Arts and Culture Platform and the Experience of the National Museum of Rio de Janeiro

Abstract

This article analyzes the case of the National Museum of Rio de Janeiro, destroyed by fire in 2018, for which a partnership project with Google made it possible to create an online virtual tour on the Google Arts and Culture platform. Firstly, the article proposes to think about the digitization of the museum as situated media as a process of remediation.

Second, this text critically questions the viability of private digital platforms such as Google Arts and Culture as a remediation system for cultural heritage. We propose a critique of this process of virtual reconstitution, questioning technological solutionism and the political economy of digital platforms, in the particular instance of its application to solving the

problems of preservation and communication of cultural heritage. We argue that this adaptation constitutes a limited instance of remediation, as it emphasizes the centrality of the platform, to the detriment of the experience of

the museum. It is also limited to the presentation of the museum's image and does not allow the creative and reinterpreted reading that characterizes the media-museum.

Keywords: Museum, media, remediation, cultural heritage, digital platforms, Google Arts and Culture, focal objects and practices.

INTRODUÇÃO

Neste texto, propõe-se, a partir de casos recentes de perda de património museológico, um esboço de crítica à reconstituição digital e ao papel das plataformas digitais nesta. Distinguem-se dois tipos de abordagens à recuperação tecnologicamente mediada do património perdido. Na primeira, procura-se unir objetos, textos, sons, imagens com seus contextos e comunidades, incluindo o próprio evento de destruição. A segunda abordagem é baseada numa reprodução (digital) que substitui o ausente, mantendo apenas a imagem. Este artigo apresenta uma distinção entre a re-mediação baseada na ideia de restituição virtual do espaço focal mediado (museu), e aquela centrada na recuperação de uma imagem digital do património perdido. Aqui, o museu é apresentado como meio de comunicação híbrido, lugar de interseções de significados para um público. A passagem para uma plataforma digital (digitalização) surge, neste contexto, como medida de re-mediação parcial, onde a preservação do papel sociocultural e comunicacional do museu é condicionada por algumas das características da restituição virtual. Partindo do estudo do caso da visita virtual do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Brasil) disponibilizada na plataforma Google Arts and Culture após o incêndio do Museu no dia 2 de setembro de 2018, esta reflexão interroga as modalidades da experiência do museu como media através de duas questões de investigação: (1) pode um museu ser considerado um meio de comunicação (media)? E (2) que conceptualizações da mediatização e da experiência digitais subjazem às estratégias propostas e exemplificadas pela plataforma Google Arts and Culture?

Este artigo propõe, como resposta a estas questões de investigação, uma feno-

menologia da mediação tecnológica da experiência do património, tomando como pontos de partida conceptuais a re-mediação (seguindo Bolter e Grusin) e de práticas e objetos focais (Borgmann), aplicados ao estudo do caso da visita virtual disponível na plataforma Google Arts and Culture. Toma-se como ponto de partida concreto a visita virtual do Museu Nacional do Rio de Janeiro, criada a partir de material fotográfico captado, no contexto de um acordo entre o Museu e a plataforma da empresa Google/Alphabet, durante os meses que precederam o incêndio de setembro de 2018. Este estudo de caso baseia-se na análise da visita virtual atualmente disponível na web e na aplicação Google Arts & Culture, bem como em materiais de imprensa e publicações da Google/Alphabet ou do Museu entre 2018 e 2022.

A primeira secção do artigo apresenta, sucintamente, a problemática do desaparecimento ou perda de bens culturais, tomando como referência a política da UNESCO para a restituição e revalorização de património. Apresenta-se também o caso analisado no artigo – o incêndio do Museu Nacional –, bem como a plataforma Google Arts & Culture e o conceito de plataformização. A segunda secção aborda a teoria e a fenomenologia do museu como media, apresentado os conceitos críticos fundamentais da análise da mediatização e virtualização do museu como local e prática focal. As duas últimas partes deste texto são reservadas à crítica da reconstituição virtual proposta pela plataforma Google Arts and Culture, onde se abordam também os aspectos problemáticos de um solucionismo tecnológico de plataformas aplicado ao património cultural.

A. DESTRUIÇÃO, PRESERVAÇÃO E PLATAFORMIZAÇÃO

Uma análise das estratégias dominantes de mediatização museológica não dispensa a apresentação prévia do contexto da restituição virtual promovida pela empresa Google/Alphabet através da plataforma Google Arts and Culture (GAC). Assim, nesta secção procurar-se-á introduzir, de forma breve, a problemática da recuperação, revalorização e devolução de bens culturais,¹ estabelecendo, assim, o pano de fundo empírico da reflexão sobre a contribuição da digitalização do património não apenas para a sua preservação, mas também para a disseminação de informação no

1 As expressões “bem cultural” (*cultural property*) e “restituição de bem cultural” (*cultural property restitution*) são os termos recomendados pela UNESCO neste contexto (<http://vocabularies.unesco.org/browser/thesaurus/en/page/?uri=http://vocabularies.unesco.org/thesaurus/concept275>).

domínio público digital. Apresenta-se também o Museu Nacional do Rio de Janeiro, a sua missão, coleção à data do incêndio e o contexto subsequente.

1. Destruição do património cultural

Não faltam exemplos de destruição acidental ou deliberada de museus ou património. Seja pelo fogo ou por um ato de destruição deliberada como saques, guerras ou demolições, a perda destes espaços, territórios ou objetos focais (aqui definidos, seguindo Borgmann, como elementos centrais, ou focos, de práticas sociais partilhadas num contexto, ou mundo de vida, específico) coloca em relevo não apenas a fragilidade da cultura material, mas também os perigos de um certo esquecimento de parte do mundo da vida, exacerbado pela comercialização privatizada que se segue a tais acontecimentos. O desaparecimento ou destruição tornam-se ocasiões de mobilização da comunidade internacional, com a exigência de medidas de recuperação ou revalorização do património restante. Veja-se, a este respeito a restituição de bens culturais promovida pela UNESCO no âmbito da Convenção de 1970 ou de acordos bilaterais (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2018; 2019).

Para avaliar a importância atribuída à restituição de bens culturais pelos países de origem e pelas organizações internacionais como a UNESCO, é indispensável ter em conta o contexto de desaparecimento e reaparecimento de artefactos. Um exemplo recente mostra-nos como um artefacto originário de uma área desestabilizada por conflito pode ser retirado do seu contexto próprio e reapropriado, e como a redescoberta e restituição podem ser tão morosas quanto fortuitas. A placa de argila conhecida como “placa do Sonho de Gilgamesh” foi roubada de um museu iraquiano em 1991, durante os saques da primeira Guerra do Golfo, reaparecendo em 2007 nos Estados Unidos da América. Comprada pela empresa Hobby Lobby em 2014 e destinada a um museu patrocinado pela empresa e dedicado ao Cristianismo, foi recuperada pelas autoridades americanas, em simultâneo com outros artefactos provenientes do Médio Oriente. Foi finalmente devolvida ao Iraque em Setembro de 2021 (Flood, 2021; United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2021).

O potencial de projetos de restituição e virtualização é reconhecido, nomeadamente enquanto resposta possível à urgente questão da restituição de bens culturais. Face a pedidos de restituição de bens culturais por países cujo património se

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

encontra disperso por museus e coleções – frequentemente no contexto de relações coloniais e fortes desequilíbrios de poder – a digitalização de coleções restituídas afigura-se como uma medida de promoção e visibilidade, permitindo restituir os bens e preservar a sua acessibilidade global. Todavia, a virtualização permanece uma solução de recurso, embora potencialmente valiosa, tendo em conta a dificuldade dos esforços necessários para assegurar a restituição em processos longos e complexos. Por exemplo, em março de 2001, as três famosas estátuas de Buda em Bamiyan, Afeganistão, foram destruídas pelo governo talibã. A demolição das estátuas património mundial, sob pretextos religiosos, chocou a opinião pública ocidental. Em 2005 e 2008, dois projectos multimédia propunham recriar a imagem das estátuas na sua localização original, ao mesmo tempo que se iniciavam os esforços de restauro (Kakissis, 2011). Um primeiro projecto de Hiro Yamagata propôs, em 2005, “preencher o vazio deixado pelas estátuas” através de um espectáculo de projecção laser (Delman, 2015; *BBC News*, 2005). O segundo projeto, inspirado nesta ideia, consistiu numa projecção 3D *in situ*, “oferecida ao povo afegão” por Janson Yu e Liyan Hu, filantropos chineses (Adeel, 2015). Nestes casos, os esforços para recuperar a memória, ou as próprias estátuas, opõem-se ao ato de destruição. Usando tecnologias multimédia, ambos os projetos visam restaurar a imagem de objetos, um exemplo revelador de uma reconstituição virtualizada do objeto no seu lugar original. Por oposição à reconstrução ou à restituição, a escolha do termo “reconstituição” ao longo deste texto pretende assinalar as diferenças estruturais, experienciais e fenomenológicas da virtualização ou digitalização do museu em relação ao museu tradicional.

Um acontecimento mais próximo ilustra, contudo, uma virtualização do património baseada numa abordagem simultaneamente mais acessível e menos limitada no tempo e no espaço. No dia 2 de setembro de 2018, um desastre destruiu a maior parte das exposições da exposição permanente e dos arquivos de um dos maiores e mais importantes museus da América do Sul. Trata-se do incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Brasil. Até 2018, este museu histórico, fundado por D. João VI em 1818 com o nome de Museu Real, contava com 150.000 visitas por ano, uma exposição permanente de cerca de 5.000 itens, 15 milhões de itens disponíveis em várias coleções e arquivos, uma biblioteca com 37.000 documentos, múltiplos laboratórios e instalações de investigação (Rodrigues-Carvalho et al., 2021, p. 20-21). Entre as perdas insubstituíveis contam-se exemplares da cultura material e linguística dos

povos indígenas, bem como peças da antiguidade europeia e outras origens, centrais para a missão de um dos museus mais importantes da América do Sul. A administração do museu afirma que as diversas coleções foram afetadas de formas distintas, sendo que 46% foram perdidas ou danificadas (Museu Nacional, s.d.). Algumas como a coleção de entomologia e arquivos em papel ou suporte magnético foram irremediavelmente perdidas (Rodrigues-Carvalho et al., 2021, p. 44-45), enquanto outras, baseadas em suportes materiais mais resistentes (rochas, fósseis, minerais, cerâmica, metais, etc.) foram recuperadas, total ou parcialmente, e re-inventariadas entre 2018 e 2021 (Rodrigues-Carvalho et al., 2021, p. 45).

2. A plataforma Google Arts and Culture

Google Arts and Culture (GAC) é uma iniciativa da Google, dedicada à digitalização e divulgação do património artístico global, criada através de parcerias com museus. Esta iniciativa sem fins lucrativos está ligada à criação do Google Cultural Institute em 2013. A plataforma GAC foi originalmente criada em 2011 sob a designação de Google Art Project. Desde então, este projeto tem vindo a implementar tecnologias de captura de imagens em alta resolução de obras de arte e de museus em parceria com as instituições. Os produtos desta parceria são agrupados numa visita virtual, seguindo modelos de curadoria bem estabelecidos – artistas ou tendências artísticas, exposições educacionais ou lúdicas – a partir da plataforma tecnológica que se discutirá mais abaixo. Também encontramos na plataforma imagens panorâmicas de salas de museus, assim como imagens capturadas e partilhadas pelos utilizadores. A iniciativa da Google fornece às instituições tecnologias de imagem, em alta e média resolução, para obras de arte selecionadas, passeios virtuais por galerias, ou digitalização de documentos. Por exemplo, a tecnologia para capturar imagens, a 360 graus de galerias de museus é similar à utilizada pelo Google Street View, que captura imagens de estradas: um conjunto de câmaras montadas numa plataforma móvel (Google Cultural Institute, s.d.).

O programa GAC teve expansões significativas ao longo dos anos, sobretudo através das parcerias estabelecidas com as instituições de todo o mundo. Numa primeira fase, o esforço de digitalização e fotografia foi focado nos museus mais famosos da Europa e da América do Norte. No entanto, a GAC desenvolveu também esforços de descentralização, e o mapa de dispersão de parcerias mostra

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

essa expansão geográfica.² As parcerias da GAC exibem bastante diversidade institucional: além de museus e suas coleções, a GAC tem parceiros governamentais, bem como fundações públicas e privadas. A GAC é também ativa na criação de novos produtos e aplicações a partir das coleções digitais. Estes novos produtos exibem elementos de gamificação da experiência da plataforma, ao permitir aos utilizadores, por exemplo, “encontrar a sua *selfie* artística” em obras de arte digitalizadas, bem como criar e partilhar colecções personalizadas (Luo, 2018).

Esta promoção permanente da inovação e da criação de novos serviços a partir de elementos pré-existentes é uma marca da abordagem tecnológica do Google: a captura de uma coleção de arte ou livro leva à criação de um ou mais sites ou aplicativos, que, por sua vez, expandem a gama de serviços ou opções, aumentando assim o tempo gasto pelos utilizadores nas plataformas Google. De fato, se a GAC foi, no início, um projeto-passatempo dos funcionários da empresa, não deixa de ser dotada de assinalável relevância estratégica para uma empresa que destaca a missão de se tornar a fonte de informação privilegiada de todos os utilizadores da web. Mais do que um projeto isolado, Google Arts and Culture tornou-se parte integrante do ecossistema digital e da economia política do Google, que inclui outros produtos da empresa, como Google Maps, Google Images ou Play Store.

Por outras palavras, o papel da GAC na economia política da empresa Alphabet/Google é coerente com múltiplas facetas da missão acima descrita. A primeira, primordial para a empresa Alphabet/Google, é a de se tornar a infraestrutura essencial para a pesquisa e armazenamento digital de informação – em troca do tráfego nas suas plataformas e da captura de rastros comportamentais, por sua vez, convertíveis em venda de publicidade (Dijck et al., 2018, p. 15-18). Uma outra faceta, comum a outros gigantes da internet, sustenta um discurso de “humanismo de plataforma”, humanista e filantrópico, como legitimador do reforço da centralização monopolística característica das grandes empresas da web (Alves, 2018).

Este é um segundo aspeto a sublinhar na análise proposta neste texto: a plataformação do património cultural. Uma plataforma digital é geralmente definida como uma estrutura computacional de organização e exploração de dados, geralmente integrada numa ou múltiplas interfaces web e aplicações. Casilli e Posada caracterizam a plataforma como uma “infraestrutura de software ou hardware sobre a qual os utilizadores, empresas e governos constroem aplicações, serviços e comunidades” (2019, p. 293). Gillespie acrescenta a esta caracterização puramente computacional da

2 Cf. <https://artsandculture.google.com/partner?tab=map>

plataforma uma forte componente discursiva – de ordem metafórica e ideológica –, na qual o termo designa um “suporte” à realização de projetos e à expressão política (Gillespie, 2010, p. 349-350). Por “plataformização” entende-se, em primeiro lugar, um processo de preparação e transferência, através da digitalização, de património cultural para estruturas computacionais. No caso em análise, a plataforma em questão é propriedade de uma das grandes empresas da internet (a Google/Alphabet). Em segundo lugar, pelos efeitos económicos multiplicadores dos efeitos de rede dos gigantes da web – quer nos modelos de operação, quer na rentabilização associados aos ecossistemas digitais –, este processo traz mudanças substanciais ao acesso das instituições aos públicos do património cultural (e ao acesso dos públicos a este), embora à custa de uma maior dependência em relação às plataformas (Helmond, 2015; Nieborg & Poell, 2018; Poell, Nieborg, & Dijck, 2020).

Um acordo do Museu Nacional do Rio de Janeiro com a Google possibilitou, a partir de 2016, a digitalização e a disponibilização em linha do acervo do museu na plataforma GAC (Coughenour, 2018). Ainda antes do incêndio, o museu preparava a digitalização da coleção permanente com os meios selecionados pela GAC. Uma restituição virtual da exposição do museu foi, assim, possível graças ao trabalho iniciado dois anos antes. O resultado destes esforços é, necessariamente, a reconstituição do espaço físico do museu através da captação de imagens – portanto, uma reconstituição limitada ao estado da exposição e da curadoria num tempo e num espaço também circunscritos. As peças fotografadas e arquivadas antes do incêndio foram digitalmente preservadas, enquanto a maioria das outras peças do museu (estimadas em cerca de 20 milhões) terão sido perdidas para sempre (uma vez que, segundo a direção do museu, apenas 2.000 peças resistiram incólumes ao incêndio), e isto sem que a parceria de digitalização tivesse podido intervir nos vastos arquivos do museu. Estas são as primeiras etapas da virtualização que parte da ideia de uma “visita virtual do museu”, ao qual este texto voltará mais tarde: a prioridade dada à duplicação da exposição permanente.

Foi a digitalização no âmbito desta parceria que permitiu colocar rapidamente em linha a visita virtual ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, disponível na plataforma Google Artes e Cultura. O projeto, tal como se encontra hoje disponível em linha, pode ser entendido como um esforço de virtualização da exposição permanente do museu, para a qual os dados digitais recolhidos são disponibilizados na plataforma web ou através da aplicação dedicada. Em simultâneo, a reconstrução (física) do museu foi iniciada, após a inventariação do acervo restante. Antes da reconstrução

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

do edifício do museu, no entanto, houve um esforço público, com algum sucesso, de recolha e publicação de fotos digitais das coleções na internet.³

Este exemplo não é, contudo, único. A utilização da plataforma Google Arts & Culture por instituições culturais, no âmbito de parcerias filantrópicas com o Google Cultural Institute, é apresentada na literatura recente como uma oportunidade para a comunicação cultural (Botelho et al., 2018; Pascoal et al., 2020; Peruzzi, 2019; Taşkıran, 2019). Em geral, estes textos descrevem de forma positiva o potencial da plataforma Google Arts and Culture, sobretudo no que respeita à globalização da audiência e a criação de um vector de visibilidade turística para coleções fora dos grandes centros culturais. Todavia, quer a análise da experiência do museu virtualizado, quer a do papel da GAC no “ecossistema” informacional da Google/Alphabet são, globalmente, insuficientes. Este artigo procura contribuir para colmatar a primeira destas lacunas nas secções que se seguem.

B. O MUSEU COMO MEDIA

Esta secção propõe uma análise do museu enquanto media. Os problemas impostos pela reconstituição prestam-se a uma estratégia de re-mediação melhor do que de recuperação (quase impossível na maioria dos casos): uma transferência intencional, uma tradução tentando substituir o ausente por uma nova montagem mediatizada de forma acessível e familiar.⁴ Esta abordagem sublinha a da dimensão material da experiência do museu como media, em particular no que diz respeito à dimensão da mediação e da experiência intersubjetiva do espaço, do tempo e da lógica do museu. O ponto de partida encontra-se nas reflexões de Flora Kaplan e Roger Silverstone sobre a mediação museológica, bem como nos conceitos de re-mediação de Bolter e Grusin e de espaço, prática e objeto focais, de Albert Borgmann.

3 Outro projecto, de natureza colaborativa, foi a tentativa de criar um banco de imagens públicas após o incêndio (Queiroga, 2018). Os projetos de partilha de fotos de alunos tiveram o apoio, entre outros, do laboratório peruano de experimentação museológica *Museofilia*. Nas suas páginas nos media sociais, *Museofilia* partilha regularmente recursos para a promoção de projetos educacionais e culturais voltados para a acessibilidade do património e o enriquecimento tecnológico e social da experiência museológica (*Museofilia*, sem data). As atividades do coletivo desenrolam-se na América Central e do Sul, assim como na Península Ibérica.

4 Bolter e Grusin referem-se aos usos da palavra inglesa *remediation* no sentido de “melhoria de desempenho do aluno” ou de “restauro de um ecossistema” antes de apresentar sua definição, que se tornou clássica, de mediação como a recuperação de um media antigo por um novo media (Bolter & Grusin, 2000, p. 58).

A ideia de um museu como media emerge de uma atenção à materialidade, à temporalidade e à lógica disposicional do significado e da experiência. Nesta perspectiva o museu não tem apenas uma missão comunicativa e educativa. É um media, na medida em que a sua estrutura é a de um conjunto de objetos, colocados em relação (ordenados) uns com os outros e com o mundo, e que, simultaneamente, são portadores de sentido. São, por um lado, objetos focais, ligados ao mundo da vida por curadores, pela lógica da organização da exposição e pela atividade dos visitantes num suporte situado no tempo e no espaço. Por outro lado, são textos em permanente interpretação e reelaboração, onde o sentido e os processos de significação (isto é, de construção e interpretação de signos) decorrem num contexto material e institucional concreto. Esta obra de apresentação e consumo interpretativos vai além da catalogação ou acumulação – que não são condições suficientes para a constituição de uma coleção ou exposição –, constituindo uma condição essencial da mediação do museu. O museu é um media na medida em que incorpora essa circulação de sentido entre a instituição, curadores, públicos, textos e objetos. Por estas razões, para R. Parry, o museu é uma tecnologia mediática e um campo aberto à tecnologia (Parry, 2007, p. 137).

No texto *The medium is the museum*, Roger Silverstone apresenta uma ontologia do museu como forma específica de mediação: mais do que classificar objetos, o museu cria oportunidades de construção de sentido, de acordo com a lógica, as temporalidades e a experiência do espaço dos curadores e visitantes (Silverstone, 1992, pp. 35-40). A primeira forma característica de mediação em um museu é a presença do objeto (Silverstone, 1992, 35). No entanto, o objeto reenvia para algo de outro, ligando também o presente aos contextos do objeto. Silverstone afirma que o objeto assume um estatuto especial de representatividade e significado através da sua presença no museu. Fazendo eco, a este respeito, do conceito benjaminiano de aura da obra de arte (Benjamin, 1992), acrescenta que o sentido surge também de uma “biografia” sociocultural, económica e política, muitas vezes apresentada como justificação da presença do objeto no museu. O objeto não está imobilizado no tempo e no espaço ao ser colocado no museu; pelo contrário, esta presença acrescenta um novo capítulo a essa biografia, particularmente quando o visitante a faz sua “obra da imaginação” (Silverstone, 1992, 35). Assim, como outros media, o museu estabelece um elo entre o ausente e o presente, o distante e o próximo. Em segundo lugar, o museu oferece uma estrutura espacial à experiência e construção de sentido, em que a imaginação do visitante lhe permite construir um caminho não idêntico ao de um

Efemérides da morte de figuras públicas na imprensa: o tempo como cabide noticioso

curador da exposição. Deste modo, a fenomenologia da experiência museológica é comparável à leitura hipertextual na sua não linearidade. A mediatização da experiência do espaço físico pelas tecnologias digitais permite estabelecer um paralelo relevante entre o viajante e o visitante do museu; o primeiro tem nas mãos um dispositivo que lhe permite uma relação destacada com o espaço que ocupa (por exemplo, um telemóvel inteligente equipado com GPS), e o segundo atravessa um espaço construído em função de uma experiência estruturada. Terceiro, para Silverstone o visitante não pode ser reduzido a um consumidor: ele é a consideração central na construção teórica e prática «codificada nos textos do museu», refletindo a preocupação com a recepção e resposta do público nos media (Silverstone, 1992, 41).

Esta circulação sociomaterial do sentido é também o objeto da análise de Flora Kaplan, que identifica as dimensões culturais e cognitivas da experiência museológica com mediação espacializada, onde a conceção de todos os elementos da exposição visa despertar a compreensão e a participação do público (Kaplan, 1995, p. 38). Para Kaplan, a exposição é um ritual social, liderado por curadores que “usam espaços especiais, museus, presumivelmente neutros, onde imagens selecionadas, retórica e ideologia podem ser ligadas emocional e cognitivamente” (idem). Se as exposições são rituais, são também histórias cujos elementos materiais são os meios de comunicação e as tecnologias de encenação: fotografias, mapas, gráficos, desenho, texto, luz, som, vídeo, painéis, paredes. Já o público é chamado a participar da “arena política” do museu, contribuindo para a superação da assimetria de poder implícita nessa estrutura (Kaplan 1995, p. 55). A resposta do público opõe-se ao monopólio do sentido nas exposições e publicações museológicas (idem, p. 56).

Para Bolter e Grusin, a re-mediação é um processo de interação entre um “antigo” e um “novo” media, através do qual este pretende “reformular” aquele, trazendo-lhe mudanças estruturais (económicas, logísticas, de governança etc.) e tecnológicas – por exemplo, maior “realismo”, “definição”, “interatividade” –, mantendo algumas das características-chave do media mais antigo (Bolter & Grusin, 2000, pp. 59-61). Esta interação pode ser mais ou menos “respeitosa” com o media antigo. Ou seja, ela pode recuperar a transparência do media anterior ou, ao invés, colocar em questão essa transparência da interface ou da interação. Para Bolter, “um media pretende reparar uma falha ou compensar a falta que outro media supostamente teve” (Bolter, 2016, p. 2). Assim, um museu “re-mediado” é aquele em que os objetos e entidades portadores de sentido são transpostos para uma plataforma digital, mantendo a orientação e os marcos de uma visita ao museu. Neste caso, a reconstituição do espaço é pensa-

da como uma reconstituição digital, ou seja, uma duplicação virtual deslocalizada, centrada em objetos por oposição ao museu em rede (*networked museum*), no qual maior destaque seria dado às “dimensões incorpóreas, informacionais e conversacionais da memória cultural” (Tan, 2013, p. 392).

Uma tal reconstituição procura menos trazer o museu de volta à vida, ou repensar o dispositivo informacional e sociocultural, do que recriar a experiência de um corpo virtual num museu irrecuperável. Assim, no exemplo do Museu Nacional, este novo museu virtual é um duplo do museu destruído, agora desprovido de objetos locais. Esta perda de ancoragem não é o fim do museu, mas um exemplo extremo de um potencial de universalização: na concepção de “museu imaginário” de André Malraux, a realocação seria um processo de libertação da obra de arte da história e dos espaços sagrados, a passagem à universalidade da cultura humana sem restrições estéticas, históricas ou geográficas (Malraux, 1976, p. 339; 1996, p. 176).

No entanto, a virtualização do museu não equivale a uma desmaterialização. O museu virtual proposto pelo modelo GAC possui características materiais, socioculturais e económicas distintas: a mediação é operada por um conjunto de sistemas técnicos (bases de dados, procedimentos de captação de imagem, interface) cuja materialidade não se confunde com a do objeto no museu. Para Vilém Flusser, uma das características mais marcantes da imagem produzida pelos sistemas técnicos é o fato da infraestrutura, mais do que a mediação do objeto e de seu papel social, passar a ser ela mesma o centro da experiência (Flusser, 2011, p. 51). Assim, por um lado, a reconstituição virtual do museu põe em destaque a tecnologia na experiência do sentido. Neste caso, a tecnologia de re-mediação do museu (uma fórmula tecnológica concreta e limitada aplicada a qualquer museu em parceria com a GAC) impõe uma nova experiência da recuperação do património. Por outro lado, a plataforma permite a manutenção e o acesso ao património cultural, permitindo, neste caso, a persistência dos traços da coleção perdida.

Nesta perspetiva, a questão da preservação, da fruição e do questionamento do media-museu surge-nos como indissociável da dimensão sociomaterial. Na filosofia da técnica de Borgmann, as práticas e objetos focais são aqueles em torno dos quais indivíduos e comunidades se reúnem – seja no sentido de uma prática partilhada em um lugar concreto, seja no sentido de uma atividade comum onde o contexto sócio-histórico se torna concreto e presente (Borgmann, 2000, p. 421). O autor contrasta a experiência das práticas e objetos focais com o consumo mercantil (“paradigmático”) da sua mediação tecnológica, sugerindo, como os autores acima anali-

sados, uma atenção redobrada aos contextos em que os objetos e as práticas focais são mantidas e enriquecidas (2000, p. 422). Nesta análise, a virtualização do museu, embora permitindo o consumo e a fruição do património cultural, é um fator de alienação tanto quanto de universalização da experiência social, independentemente da sua localização no espaço físico ou virtual.

C. A «PLATAFORMIZAÇÃO» COMO MODO DE MEDIATIZAÇÃO DIGITAL DO MUSEU

Durante as últimas décadas, os desafios colocados pela digitalização generalizada da informação não foram ignorados pelos museus. O crescimento da web a partir da década de 1990 e a expansão das modalidades de acessibilidade da informação digital acompanharam um período de explosão global do turismo. Em simultâneo, as instituições procuraram dar continuidade às suas missões educacionais e culturais, bem como científicas e de conservação, num contexto de mudanças políticas e de financiamento. Estas dinâmicas trouxeram múltiplos desafios e revelaram uma espécie de corrida à espetacularidade do dispositivo informacional: novas tecnologias e técnicas de conservação ou divulgação trazem oportunidades para curadores e artistas, embora, em simultâneo, exijam recursos potencialmente onerosos, e a descentralização do controlo artístico e cultural (Piancatelli et al., 2020).

Em paralelo, um público munido de informação variada e poder de escolha busca experiências culturais, educacionais e turísticas mais personalizadas. A integração das tecnologias digitais em museus apresenta-se, neste contexto, não só como uma opção estratégica viável mas até como indispensável, e as expectativas do público mudam com a disponibilidade de recursos de informação compatíveis com a omnipresença das tecnologias digitais (Parry, 2013, p. 2). Ou seja, os museus, como outras instituições educacionais e culturais, foram intimados a adaptar-se a uma nova conjuntura tecnológica e cultural, caracterizada por mudanças políticas e económicas, oportunidades de divulgação, conservação e estudo do património, assim como por públicos exigentes e globais. O solucionismo tecnológico apresenta-se como a primeira resposta: o estabelecimento de um conjunto de recursos técnicos, por vezes relativamente dispendiosos ou de sustentabilidade problemática, através da modernização e mudança da estratégia de mediatização, frequentemente sem repensar o carácter mediático do museu. No entanto, algumas abordagens museológicas demonstram

um posicionamento crítico face a uma transição digital potencialmente problemática (Parry, 2013, p. 1).

No caso da reconstituição de um museu, duas abordagens distintas são geralmente imaginadas (às quais podemos adicionar uma terceira abordagem híbrida). A primeira, hipertextual, transpõe a exposição para o formato digital de uma base de dados, no qual a navegação é desencarnada – uma atividade mais abstrata, mas cujas restrições à preservação do significado são menos visíveis (são incorporadas na estrutura abstrata do banco de dados). A segunda abordagem mobiliza um corpo virtual, através da virtualização da experiência traçada num contexto concreto, e traduz-se na disponibilização de uma exposição através da reprodução fotográfica do espaço. Uma terceira abordagem híbrida pode ser concebida a partir da utilização de tecnologias de realidade aumentada: a da visita presencial virtualmente guiada (visita com audioguia), ou a visita virtual interativa (base de dados e imagem navegável). Nestas últimas, onde a experiência do espaço, do tempo e dos signos não estão limitadas pelo enquadramento fotográfico, a interação ocorre de forma mais autónoma e fluida.

O museu torna-se, neste contexto, o pretexto para uma intervenção técnica experimental. Sendo as restrições orçamentais uma barreira para a manutenção dos edifícios, mas também para o desenvolvimento de uma estratégia de longo prazo de mediação dos museus (Zorich, 2013, pp. 22-23), as parcerias com empresas de tecnologia e suas extensões filantrópicas apresentam-se frequentemente como oportunidade para uma modernização tecnológica – a digitalização – também vista como panaceia financeira e comercial. É, aliás, uma estratégia de expansão e criação de novos públicos tanto para os gigantes da internet quanto para os museus. As parcerias permitem à empresa Alphabet / Google obter acesso às coleções de património, atividades e conhecimento de instituições culturais e, acima de tudo, gerar dados comportamentais sobre as práticas culturais da massa de utilizadores dos produtos. O acesso ao património passaria, assim, pela infraestrutura informática e económica da empresa – este é o sentido da expressão “plataformização” (*vide* discussão *supra*). Trata-se, sem dúvida, de uma proposta atrativa para instituições com insuficientes recursos técnicos especializados, mas é-o, sobretudo, para uma empresa (Alphabet / Google) que se apresenta como a grande mediadora e o principal portal de acesso à informação em linha.

Os relatos mediáticos da destruição podem, por vezes, exagerar a dimensão da perda patrimonial e do impacto cultural. Também esta hipérbole pode ser reveladora

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

de um posicionamento sociocultural da destruição, ou seja, uma contextualização fantasmática do “patrimônio perdido” como nova ausência no imaginário cultural. Assim, cada episódio de destruição torna-se uma sinédoque da perda de um elemento material central da identidade, mas sobretudo uma memória cultural traumática: a imagem da memória persistente do museu impõe-se no mundo da vida, exigindo uma escolha para as iniciativas de preservação. A atividade de conservação impõe um significado, ou um conjunto de significados, à materialidade dos objetos. É uma atividade situada, na qual um enquadramento técnico coexiste com uma narrativa sociocultural. Em consequência, essa atividade de fixação de significado é, por vezes, contrastante com a fluidez narrativa do hipertexto e das bases de dados (Parry, 2007, pp. 138-140). A materialidade digital da exposição virtual retém uma forma imutável de uma atividade situada - o fantasma de uma experiência. A esta característica soma-se, como sublinha Flusser, uma transferência de controlo da experiência para a interface e para a plataforma. O lugar da interação está localizado no sistema digital da plataforma, e a interpretação da experiência ocorre principalmente por meio da interface. Porém, e seguindo as considerações de Flusser sobre a imagem técnica (fotografia, cinema, imagem sintética), o resultado é sempre tão distinto como o media em questão: uma imagem abstrata que é ainda, e sempre, uma mediação que não pode ser interpretada como uma experiência direta do objeto. O museu enquanto media tende a desaparecer numa miríade de recortes narrativos espontâneos e curados, obscurecido pelas imagens digitais perfeitas, ampliações de alta definição, vídeos, navegação livre nas interfaces e bases de dados.

D. A RECONSTITUIÇÃO DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO - REMEDIAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO

A secção anterior introduziu os conceitos básicos de uma análise da infraestrutura informacional do museu como media. Esta conceptualização permite-nos agora esboçar uma crítica à virtualização de museus na abordagem típica da GAC. Não se pretende, com esta análise crítica, uma rejeição da reconstituição virtual, e muito menos minimizar esforços para digitalizar e preservar os bens culturais. Pelo contrário, trata-se de compreender este processo de re-mediação no contexto da economia política digital, seja como uma reconstituição colaborativa, seja mesmo como uma apropriação desse esforço de resgate do património comum. O resultado mais visível

desse esforço de remediação é a visita virtual, como a que usa a imagem do Museu Nacional antes do incêndio de 2018, que pode ser encontrada na página do Google Arts and Culture dedicada ao museu (*Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil*, s.d.). Nesta análise, duas dimensões serão destacadas, mobilizando os conceitos discutidos na secção precedente: a primeira foca os constrangimentos materiais da abordagem proposta pelas plataformas; a segunda tem como objeto a materialidade da abordagem da reconstituição virtual.

A experiência da visita virtual na GAC pelo Museu do Rio de Janeiro pode ser vista como um exemplo da remediação respeitosa a que Bolter e Grusin se referiam. É uma experiência visual e textual que reproduz o espaço tridimensional, no qual reconhecemos o museu após o incêndio (impossível de recuperar), assim como o movimento limitado de um visitante nesse espaço. A prioridade é dada à exposição permanente e à preservação do momento de captação das imagens do museu, sem referência ao incêndio. Crê-se reconhecer nele uma memória, um fantasma do museu – e do seu público, simulado pela captura de um movimento num espaço e por uma presença doravante impossíveis. A imitação do movimento humano e a função de ampliação permitem um olhar próximo e uma leitura dos materiais, embora, geralmente, a definição das imagens seja relativamente baixa. Reconhecemos nesta visita virtual uma forma típica de visita virtual a museus, cidades perdidas ou lugares imaginários: o visitante é convidado a passear, a olhar, a ler. Na prática, a interatividade é bastante limitada, ou mesmo ausente, porque as peças fotografadas, mesmo que disponíveis para visualização e análise, ficam encerradas na imagem sem remeter a outras peças ou textos.

Poderá esta intervenção ser caracterizada como uma re-mediação, no sentido que Bolter e Grusin dão ao termo? Na medida em que o museu virtual conserva os traços e os signos do espaço da exposição num espaço visual tridimensional, e em que gera novos modelos de governança e logística, a versão do museu apresentada na plataforma Google Arts and Culture pode ser interpretada como uma re-mediação. Contudo, uma vez que esta reconstituição não complementa a experiência na plataforma com a digitalização de textos e dados de arquivo, a versão digital limita-se à conservação das imagens da exposição perdida, ou seja, não responde aos critérios de “realismo” e “interatividade” acima citados. A presença do utilizador da plataforma é reduzida à sua dimensão de espetador, fazendo “a visita virtual” assemelhar-se a um catálogo digital em forma de um mapa em alta definição do museu, no qual a disposição de objetos, textos, espaços abertos e fechados reproduz apenas o espaço visual do museu.

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

Note-se ainda, sobre o terceiro critério, que a “definição” fotográfica da imagem do museu é insuficiente para, por exemplo, ler confortavelmente a descrição dos objetos, ou para observar um objeto. Trata-se, assim, de uma re-mediação limitada. Um media-museu, conforme previamente apresentado neste artigo, procura abrir a possibilidade de uma construção de sentido por parte do visitante. Ao criar barreiras à legibilidade das exposições e ao seu enquadramento – ou seja, entre a imagem da visita virtual e os documentos relegados a uma base de dados e ao banco de imagens – a plataforma GAC apresenta dificuldades para uma leitura inter- ou hipertextual, construtiva de sentido. Assim, a abordagem conservacionista da plataforma preserva a da coleção perdida, embora mantendo a separação entre a imagem do objeto e a pluralidade de textos necessariamente presentes no museu, ou até noutros museus da GAC, sem os quais o media-museu fica incompleto. Portanto, este modelo depende duma “operação de resgate” dos percursos traçados pelos corpos dos visitantes entre os objetos perdidos. A estratégia de mediatização do museu é reduzida ao dispositivo implementado pela GAC, enfatizando, assim, a centralidade do suplemento tecnológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou analisar o museu como media na era da reconstituição digital e integrar esta ideia no contexto geral da economia política digital. Por um lado, trata-se de pensar a (re)mediação do museu na era da virtualização, onde o ecrã substitui a experiência incorporada do público que visita o museu. O museu deve ser compreendido como um lugar de mediatização, nomeadamente digital, com a introdução de elementos multimédia como as reconstruções tridimensionais de vídeo ou, ainda mais simplesmente, os ecrãs sensíveis ao toque. Por outro lado, propõe-se pensar a viabilidade das plataformas digitais privadas como sistema de remediação do património público comum. A transição para as tecnologias digitais apresenta desafios e oportunidades significativas para as missões socioculturais e educacionais dos museus. Plataformas como a Google Arts and Culture, apresentadas como projetos filantrópicos de um dos gigantes de internet de Silicon Valley, têm um valor significativo para museus que buscam fundos, recursos e experiência para atualizar sua abordagem mediática. Assim, a análise do papel de um sistema ou plataforma como os propostos pela GAC não pode ser separada de uma visão geral da economia polí-

tica da internet, por um lado, e da missão do museu como media, onde a atividade cultural é amalgamada com a produção e distribuição de conteúdo.

É certo que a transição digital pode tomar múltiplas formas. Porém, no exemplo do Museu Nacional, a reconstituição virtual do museu fixa a experiência virtual, enquanto, simultaneamente, a limita à experiência prévia ao incêndio – ou seja, sem contemplar um lugar para a memória da catástrofe na experiência do museu. Nesta versão de remediação, o media-museu virtual apresenta uma imagem empobrecida ao olhar do visitante, sobretudo não somente porque a baixa definição da preservação fotográfica não permite uma leitura da exposição, mas sobretudo porque a plataforma não liga a leitura na visita virtual à consulta da base de dados do próprio património da exposição. Nesta medida, trata-se de uma remediação incompleta, em que a experiência fenomenológica do media-museu é reduzida aos seus signos visuais, não apresentando um acréscimo de interatividade, definição ou realismo. Esta iteração da visita virtual limita a leitura hipertextual do museu, através da qual, tal como sugerido por Silverstone e Kaplan, os públicos participam na construção de sentidos, enquanto dá primazia à experiência da infraestrutura (um aspeto sublinhado por Vilém Flusser).

Não se trata, aqui, de negar o valor da experiência do museu virtual, ou de glorificar a ausência e a perda, mas sim de apontar uma diferença substancial da experiência focal do museu no contexto de um mundo da vida afectado. A (re)mediação (limitada) ocorre num contexto sócio-político e económico desfavorável à atividade de conservação de domínio público. Neste caso de desaparecimento de objetos e da mediação original após uma catástrofe, em resposta à qual a valorização do património deve ser pensada na quase ausência deste, o museu virtual é o fantasma do museu perdido. Em contraste com a reconstrução efémera e localizada do grupo escultórico dos Budas de Bamyán, a reconstituição digital do museu na plataforma GAC permite uma permanência visual, circunscrita pelo dispositivo tecnológico e económico da plataforma. As fotos, arquivos, textos confiados ao Google Arts & Culture passam a integrar um sistema de apropriação e rentabilização do próprio conteúdo digital, senão de forma direta (uma vez que o conteúdo é público), certamente através da análise dos traços de atividade, hábitos e interesses dos utilizadores. No entanto, este sistema comporta efeitos sobre a experiência deste mundo de construção coletiva de sentido – efeitos que carecem de uma análise crítica, para a qual este texto procurou contribuir, do museu como media na era da sua platformização.

REFERÊNCIAS

- Adeel, M. (2015, Junho 7). *Return of Bamyan Buddhas with help of 3D image display*. The Khaama Press News Agency. <https://www.khaama.com/return-of-bamyan-buddhas-with-help-of-3d-image-display-9468/>
- Alves, A. M. (2018). Platform Humanism and Internal Opacity: The Limits of Online Service Providers' Transparency Discourse. *Digital Culture & Society*, 4(2), 107–136. <https://doi.org/10.14361/dcs-2018-0207>
- Artist to recreate Afghan Buddhas. (2005, Agosto 9). *BBC News*. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/4134252.stm>
- Benjamin, W. (1992). A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica. Em *Sobre arte, técnica, linguagem e política* (pp. 71–113). Relógio D'Água.
- Bolter, J. D. (2016). Remediation. Em K. B. Jensen, E. W. Rothenbuhler, J. D. Pooley, & R. T. Craig (Eds.), *The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy* (pp. 1–11). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118766804.wbiect207>
- Bolter, J. D., & Grusin, R. (2000). *Remediation: Understanding new Media*. MIT Press.
- Borgmann, A. (2000). The Moral Complexion of Consumption. *Journal of Consumer Research*, 26(4), 418–422. <https://doi.org/10.1086/209572>
- Botelho, M. L., Rosas, L., & Barreira, H. (2018). Designing the «Sabrosa: Territory and Heritage» exhibition at the Google Arts & Culture: challenges and results. Em A. G. da Câmara, C. Bottaini, D. Alves, H. Murteira, H. Barreira, M. L. Botelho, & P. S. Rodrigues (Eds.), *Cities In The Digital Age: Exploring Past, Present And Future / Cidades na Era Digital: Explorando o Passado, Presente e Futuro* (pp. 117–124). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Casilli, A., & Posada, J. (2019). The platformization of labor and society. Em M. Graham & W. H. Dutton (Eds.), *Society and the internet: How networks of information and communication are changing our lives* (pp. 293–306). Oxford University Press Oxford.

- Coughenour, C. (2018, Dezembro 13). Inside Brazil's National Museum on Google Arts & Culture. *The Keyword*. <https://blog.google/outreach-initiatives/arts-culture/inside-brazils-national-museum-google-arts-culture/>
- Delman, E. (2015, Junho 10). *Afghanistan's Buddhas Rise Again*. The Atlantic. <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/06/3d-buddhas-afghanistan/395576/>
- Dijck, J. van, Waal, M. de, & Poell, T. (2018). *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. Oxford University Press.
- Flood, A. (2021, Julho 28). Ancient Gilgamesh tablet seized from Hobby Lobby by US authorities. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/books/2021/jul/28/ancient-gilgamesh-tablet-seized-from-hobby-lobby-by-us-authorities>
- Flusser, V. (2011). *Into the Universe of Technical Images*. University of Minnesota Press.
- Gillespie, T. (2010). The politics of 'platforms'. *New Media & Society*, 12(3), 347–364. <https://doi.org/10.1177%2F1461444809342738>
- Google Cultural Institute. (sem data). *About Google Cultural Institute*. <https://about.artsandculture.google.com/partners/>
- Helmond, A. (2015). The platformization of the web: Making web data platform ready. *Social media + Society*, 1(2), <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- Kakissis, J. (2011, Julho 27). *Bit By Bit, Afghanistan Rebuilds Buddhist Statues*. NPR. Org. <https://www.npr.org/2011/07/27/137304363/bit-by-bit-afghanistan-rebuilds-buddhist-statues>
- Kaplan, F. E. S. (1995). Exhibitions as communicative media. Em E. Hooper-Greenhill (Ed.), *Museum, media, message* (pp. 37–59). Routledge.
- Luo, M. (2018, Setembro 4). Where in the world is your Art Selfie? *The Keyword*. <https://blog.google/outreach-initiatives/arts-culture/where-world-your-art-selfie/>
- Malraux, A. (1976). *L'Intemporel*. Gallimard.
- Malraux, A. (1996). *Le Musée Imaginaire*. Gallimard.

Um Museu (Re)Mediado: A Experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro na Plataforma Google Arts and Culture

- Museofilia. (s.d.). *Museofilia, perfil* [Página Facebook]. <https://www.facebook.com/Museofilia/>
- Museu Nacional. (s.d.). *Museu nacional apresenta balanços após um ano do incêndio*. https://museunacional.ufrj.br/destaques/balanço_resgatehtml.html
- Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brazil*. (s.d.). Google Arts & Culture <https://artsandculture.google.com/partner/museu-nacional-ufrj>
- Nieborg, D. B., & Poell, T. (2018). The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. *New media & society*, 20(11), 4275–4292.
- Parry, R. (2007). *Recording the museum: Digital heritage and the technologies of change*. Routledge.
- Parry, R. (2013). The Practice of Digital Heritage and the Heritage of Digital Practice. Em R. Parry (Ed.), *Museums in a digital age* (pp. 1–7). Routledge.
- Pascoal, S., Tallone, L., & Furtado, M. (2020). Cultural Tourism: Using Google Arts & Culture platform to promote a small city in the North of Portugal. Em Á. Rocha, A. Abreu, J. V. de Carvalho, D. Liberato, E. A. González, & P. Liberato (Eds.), *Advances in Tourism, Technology and Smart Systems* (pp. 47–56). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-15-2024-2_5
- Peruzzi, L. (2019). Google Arts & Culture. *Biblioteche oggi*, 37, 20–23. <https://doi.org/10.3302/0392-8586-201904-020-1>
- Piancatelli, C., Massi, M., & Harrison, P. (2020). Has Art Lost Its Aura? How Reintermediation and Decoupling Have Changed the Rules of the Art Game: The Case of Artvisor. *International Journal of Arts Management*, 22(3), 34–54.
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - estudos midiáticos*, 22(1), 2–10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Queiroga, L. (2018, Setembro 3). *Alunos de Museologia da Unirio recolhem fotos do Museu Nacional para preservar sua memória*. O Globo. <https://oglobo.globo.com/rio/alunos-de-museologia-da-unirio-recolhem-fotos-do-museu-nacional-para-preservar-sua-memoria-23033247>
- Rodrigues-Carvalho, C., Carvalho, L., Cardoso, G., & Reis, S. (Eds.). (2021). *500 dias*

de Resgate Memória, coragem e imagem. Museu Nacional.

- Silverstone, R. (1992). The medium is the museum: On objects and logics in times and spaces. Em J. Durant (Ed.), *Museums and the Public Understanding of Science* (pp. 34-42). Science Museum / Committee on the Public Understanding of Science.
- Tan, L. (2013). Museums and cultural memory in an age of networks. *International Journal of Cultural Studies*, 16(4), 383–399. <https://doi.org/10.1177/1367877912460615>
- Taşkıran, H. B. (2019). Digitalization of culture and arts communication: A study on digital databases and digital publics. Em B. Ö. Dogan & D. G. Ünlü (Eds.), *Handbook of research on examining cultural policies through digital communication* (pp. 144–160). IGI Global.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2018). *Other cases of return or restitution of cultural objects*. https://en.unesco.org/fightrafficking/Return_and_Restitution_Cases
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2019). *Recent restitution cases of cultural objects using the 1970 Convention*. https://en.unesco.org/fightrafficking/Return_and_Restitution_Cases
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2021). *UNESCO celebrates US handover of 3,500-year-old Gilgamesh Tablet to Iraq*. UNESCO. <https://en.unesco.org/news/unesco-celebrates-us-handover-3500-year-old-gilgamesh-tablet-iraq>
- Zorich, D. M. (2013). A Survey on Digital Cultural Heritage Initiatives and Their Sustainability Concerns. Em R. Parry (Ed.), *Museums in a digital age* (pp. 22–32). Routledge.

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

Annaliese Greig

Anglia Ruskin University - annaliese1985@hotmail.com

Russell Kabir

Anglia Ruskin University - russell.kabir@aru.ac.uk

Abstract

Suicide rates among the older population are observed to be the highest worldwide. This systematic review presents the risk factors and prevention measures concerning suicide in the older adult population.

A comprehensive literature search was conducted using the following databases: PubMed Central, Embase, Cochrane Library and CINAHL plus. This systematic review used the preferred reporting items for systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA) guidelines for systematic reviews to identify and analyse research selected from the searches.

The older adult population holds its own set of risk factors that are unique to them. The common themes presented were a history of

mental health, chronic illnesses and marital issues, all of them strong risk factors for suicide in this population group. It identified the importance of the research focusing on personality and how this can affect people in different ways and at different stages in older adulthood, including the rationale behind suicide. Alongside personality, it also considered feelings of being a burden and the impact of feelings behind belongingness when assessing for suicidal risk.

This systematic review found a unique set of relevant risk factors for this population group. This demonstrates the importance of appropriate support for effective prevention measures, such as telephone helplines or therapy.

Keywords: Suicide, elderly, preventions, predictors, systematic review.

Avaliando os Fatores de Risco para o Suicídio e a Intervenção Adequada Como Método de Prevenção Entre Idosos: Uma Revisão Sistemática

Resumo

As taxas de suicídio da população idosa são as mais altas do mundo. Esta revisão sistemática apresenta os fatores de risco e as medidas de prevenção do suicídio na população idosa.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica abrangente, utilizando as seguintes bases de dados: PubMed Central, Embase, biblioteca Cochrane e CINAHL plus. Esta revisão sistemática

usou os itens de relatório preferidos para revisões sistemáticas e as diretrizes de meta-análises (PRISMA) para as revisões sistemáticas, de forma a identificar e analisar as pesquisas selecionadas. A população idosa possui o seu próprio conjunto de fatores de risco que lhe são exclusivos. Os temas comuns apresentados - uma história de saúde mental, doenças crônicas e os problemas conjugais - constituíram fortes fatores de risco para o suicídio neste grupo populacional. Identificou-se a importância da pesquisa com enfoque na personalidade e a forma como isso pode afetar as

pessoas de diferentes maneiras e em diferentes fases da idade adulta, incluindo a lógica por trás do suicídio. Para além da personalidade, foram considerados também, ao avaliar o risco de suicídio, a sensação de se verem como um fardo e o impacto dos sentimentos aliados ao sentido de pertença. Esta revisão sistemática encontrou um conjunto único de fatores de risco que são relevantes para esse grupo populacional. Isso demonstra a importância de um suporte adequado, como linhas telefônicas de ajuda ou terapia, de forma a que medidas de prevenção eficazes sejam implementadas.

Palavras-chave: Suicídio, idosos, prevenções, preditores, revisão sistemática.

INTRODUCTION

Each year, there are more than 700,000 suicides worldwide, and many more people will attempt to end their lives (WHO, 2021). Evidence reports that many people end their lives due to mental health difficulties, which can include a diagnosis of depression. Furthermore, suicide may be impulsive, possibly due to secondary difficulties in coping with significant life issues such as financial or relationship difficulties (WHO, 2019). Worldwide, suicide rates are higher in people 70 years and older (WHO, 2020).

Ageing is considered a period when individuals may experience becoming biologically and socially dependent on others or systems (Yilmaz & Karaca, 2019). The ageing population is growing worldwide and is viewed as a significant public health problem, which presents different challenges to the health care setting. It is thought that between the years 2000-2050, the population of people over 60 years old is set to increase from 10% to 21% (WHO, 2014). Older people are likely to experience additional issues, which the younger generation may not. The problems they may face include changes in their social roles, physical illnesses including chronic health conditions, dependencies on others, loneliness, loss of economic status, conflict relating to changes in society, loss of skills and retirement (Altimo, et al., 2018).

The topic of suicide in older people should be considered a significant public health problem (Shah, et al., 2016). Suicide in older adults demonstrates methods of suicide by using lethal means, increasing the fatal outcomes for this population group, and

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

demonstrating strong evidence of intent behind the act (Almasi, et al., 2020). The risk factors for all groups in suicide can include hopelessness, isolation that provides for difficulties in accessing appropriate services (Centre for Disease Control and Prevention, 2021). Suicide among the older adults can also have its additional risk factors, which are a loss of function due to ageing, poor physical health, terminal and chronic illness or chronic pain; all these are thought to be unique risk factors for the older adults when discussing suicide (Calati, et al., 2018).

This systematic review (SR) aims to identify the risk factors for suicide in the older adults and consider the prevention measures available to support them worldwide. Due to the complex nature of suicide and the statistics relating to the older population, it warrants the need for the topic to be explored further using this SR when it has been completed. Finally, this SR considers if the prevention methods available, considering the risk-identified review, are appropriate or if further interventions should be available for this population group.

METHODOLOGY

Search strategy

Initially, a literature review was undertaken to identify the need for this systematic review per the centre for review and dissemination (CRD) 2009 guidelines (CRD, 2009). The first step was to search the Cochrane database of systematic reviews to ascertain if a previous SR had been completed or if one was currently in process. There was no current SR found during this search. Once ruling out that no present SR was undertaken or available, a literature search was conducted using PubMed Central, Cochrane, EMBASE and CINAHL plus. This research used the preferred reporting items for systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA, 2009) guidelines to identify and analyse research presented from these searches. The literature search used multiple databases and did not restrict research by countries to be thorough in the searching process, not miss relevant articles and minimize bias. PICO tool was used to develop the research questions and provide the search terms; however, the comparison was not found to be needed for this topic (Brown, 2019) (*See Table 1*).

Table 1*PICO Table*

PICO Format	Components
Population	Population of older adults from 60+, worldwide.
Intervention	Review of the risk factors and understanding of the interventions available
Comparison	Not present/used.
Outcome	Reducing the risk of suicide in older adults with consideration of appropriate prevention measures.

The search process included Boolean operators to focus the search and narrow the results found. The search terms were identified in a table (*See Table 2*) and the term *elderly* in atria was used to collate articles that included terms such as older adults, old people and over 65s. Furthermore, the term AND was used to link suicide and *elderly* together. Additionally, terms used were older adults, predictors or risks and prevention. The search limits included English-language articles and full text to narrow the results. Following this process, the references from articles taken forward were harvested for any additional articles that may not have been present in the search process. The results were then analysed for duplicates during the screening process and removed at this stage. The process found initially that there were 72 articles taken forward from screening and six additional from harvesting the references (*See figure 1 for Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) 2009 flow diagram*).

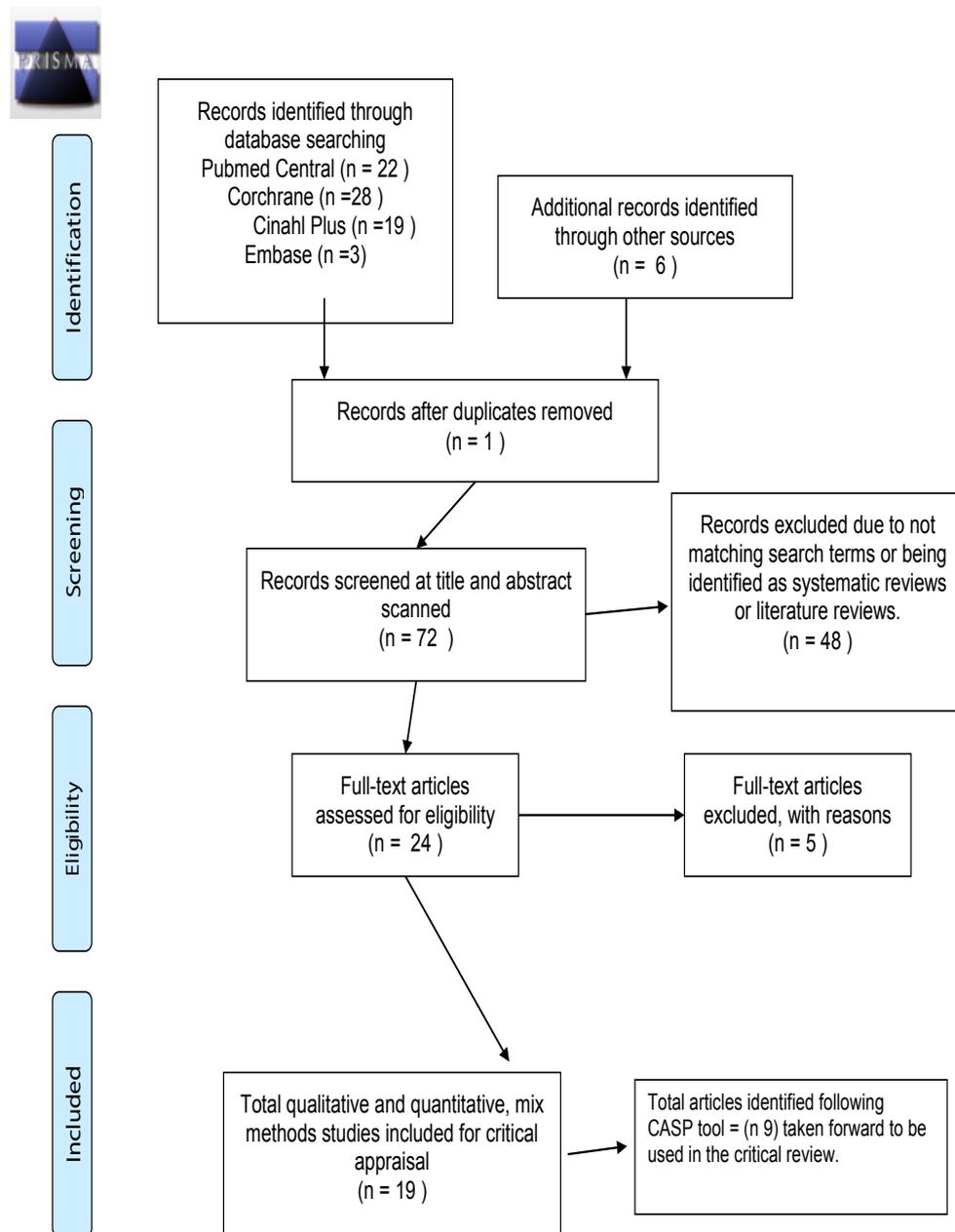
Table 2*Keywords List*

Search terms, Boolean terms and truncations	
Suicide	Suicide AND *older adults*
Older adults	Elderly AND Suicide OR predictors
Elderly	Suicide AND *elderly*
Risk	Older adults AND suicide preventions OR
Predictors	intervention
Prevention	
Intervention	

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

Figure 1

PRISMA 2009 Flow Diagram



Inclusion and exclusion criteria

The inclusion criteria used in the search process were the English language, in the last five years, Global locations, over 60 years old, suicide risk factors, predictors and prevention, and intervention measures. The exclusion criteria applied during the search process was Covid 19 related due to the specific and emerging situation concerning this topic, Nursing home/Hospital setting, which is due to the unique experience this presents, under 60's unless it's used as a comparison only. Additionally, articles that were previous to the last five years were excluded, and studies that were related to suicide methods only (*Please refer to table 3 for the inclusion and exclusion table*). As there were not excessive amounts of results following the inclusion and exclusion criteria, duplicates were screened post identification. Ref works were used to store references and aid this process.

Table 3

Inclusion and Exclusion Criteria

Inclusion	Exclusion
➤ English language,	➤ COVID 19 related
➤ Research articles from the last five years	➤ Under the 60s
➤ Global	➤ Nursing home/hospital setting
➤ Over 60's	➤ Post the last five years
➤ Suicide risks/predictors	➤ Literature reviews
➤ Preventions/interventions	➤ Relating to methods of suicide only

From the beginning of the search, articles were processed and selected based on the inclusion and exclusion criteria matching their titles and by reviewing the study design. Following this, if the article was chosen, it was moved to abstract scanning to review the title and the abstract and methods used, including study designs including interviews, questionnaires, mixed methods, qualitative or quantitative. During this stage, inappropriate articles were removed, which may have included exclusion criteria. Once the abstract stage had been passed to include the relevant inclusion and exclusion criteria, the articles chosen were taken forward for critical review using the Critical Appraisal Skills Programme (CASP, 2018) (*see table 4*).

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

Data abstraction and analysis

Microsoft Excel was used to input the relevant findings to organise the data. This included study design, age ranges, study sizes, risk factors found, or prevention identified. Furthermore, this was also used to collect the results from the included studies. There was no meta-analysis for this systematic review as the data collected contained both qualitative and quantitative research; therefore, this was not an appropriate measure. To analyse the data that was extracted, Microsoft Excel was used to arrange and review details. Following this, a narrative synthesis is provided on the findings.

Critical appraisal

Following the above steps, 19 selected articles were taken forward for critical appraisal to examine the studies for reliability, to ensure biases were not present, the validity of the research, the methodology used and the strengths and weaknesses of the articles. This process also allowed for further reading and consideration of the article to ascertain if it was going to provide substance to the question of this SR. For the articles to be appraised correctly depended on if they were qualitative or quantitative pieces of research. The CASP tool was used for all qualitative research and quantitative research methods for this systematic review (CASP, 2018) (*see Table 4*) and all cross-sectional articles were appraised by the AXIS tool (Downes, et al., 2016) (*Please see Table 5*). During the reviews, articles considered ethical appraisal to ensure there were no discrepancies with the ethics process relating to each article.

Table 4
CASP Tool for Qualitative and Quantitative Studies

CASP Tool	Was there a clear statement of the aims of the research?	Was the methodology appropriate?	Was the research design appropriate to address the aims of the research?	Was the recruitment strategy appropriate to the aims of the research?	Was the data collected in a way that addressed the research issue?	Has the relationship between researcher and participants been adequately considered?	Have ethical issues been taken into consideration?	Was the data analysis sufficiently rigorous?	How valuable is the research?
Lee, Seo, & Kim, 2018	✓	✓	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓
Flett, Gordon, & Heisel, 2016	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-
Ng, Wu, & Yeh, 2020	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Erlangsen, Fastboom, Hedna, & Waern, 2021	✓	-	-	✓	-	-	✓	✓	-
Chan, Wong, & Yip, 2018	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Jia, Ma, Zhou, & Wang, 2019	x	-	-	x	✓	x	-	✓	-
Altinoz, Oner, & Yildiz, 2018	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Yilmaz & Karaca, 2020	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓
Eades, Segal, & Coolidge, 2019	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Ding et al., 2018	✓	✓	-	✓	✓	x	x	x	x
Freidl et al., 2016	-	✓	-	x	-	✓	-	-	x
Lee and Lim, 2018	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	✓	-
Choi et al., 2020	X	✓	-	✓	✓	x	✓	✓	-
Heisel, Flett and Neufeld, 2016	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓	✓
Dombrowski, et al., 2020	✓	✓/x	✓/x	✓	✓	-	✓	✓	-
Lutz, et al., 2020	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓	✓

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

Table 5
Appraisal Tool for Cross Sectional Studies (AXIS)

	Lee, Seol, & Kim, 2018	Dombrowski et al., 2020
<i>Were the Aims/Objectives of the Study Clear?</i>	✓	X
<i>Was the Study Design Appropriate for the Stated Aim(s)?</i>	✓	✓
<i>Was the Sample Size Justified?</i>	✓	✓
<i>Was the Target/Reference Population Clearly Defined? (Is It Clear Who the Research Was about?)</i>	✓	✓
<i>Was the Sample Frame Taken from an Appropriate Population Base So That It Closely Represented the Target/ Reference Population under Investigation?</i>	✓	-
<i>Was the Selection Process Likely to Select Subjects/Participants That Were Representative of the Target/Reference Population under Investigation?</i>	x	-
<i>Were Measures Undertaken to Address and Categorize non-Responders?</i>	x	-
<i>Were the Risk Factor and Outcome Variables Measured Appropriate to the Aims of the Study?</i>	✓	✓
<i>Were the Risk Factor and Outcome Variables Measured Correctly Using Instruments/Measurements That Had Been Trialled, Piloted or Published Previously?</i>	✓	✓
<i>Is It Clear What was Used to Determine Statistical Significance and/or Precision Estimates? (e.g. ,p-Values, Confidence Intervals)</i>	✓	✓
<i>Were the Methods (Including Statistical Methods) sufficiently Described to Enable Them to Be Repeated?</i>	✓	✓
<i>Were the Basic Data Adequately Described ?</i>	✓	✓
<i>Does the Response Rate Raise Concerns about -non Response Bias?</i>	x	X
<i>If Appropriate, Was Information about -non Responders Described?</i>	N.A	N.A
<i>Were the Results Internally Consistent?</i>	✓	✓
<i>Were the Results Presented for All the Analyses Described in the Methods?</i>	✓	✓
<i>Were the Authors' Discussions and Conclusions Justified by the Results?</i>	✓	✓
<i>Were the Limitations of the Study Discussed.</i>	✓	✓
<i>Were There Any Funding Sources or Conflicts of Interest that May Affect the Authors' Interpretation of the Results?</i>	x	X
<i>Was Ethical Approval or Consent of Participants Attained?</i>	✓	✓

RESULTS

Characteristics of the studies included

This systematic review included nine studies following the completion of the CASP tool. Studies included worldwide research and were from the following countries: USA, Canada, Hong Kong, Turkey and China. Age groups used were all over the age of 60 apart from one study that started at 50; however, it worked with age brackets upwards and the mean age in the study was 65. Additionally, this study used comparisons between the younger older adult and the older group. Only two of the studies focused on prevention measures and these studies were from Hong Kong and the USA. Furthermore, two studies focused on personality traits of older adults who experienced suicidal ideation or committed suicide. Lastly, five studies solely considered risk factors relating to suicide in older adults using databases, interviews, and questionnaires.

Sources of information relating to suicide risk factors in older adults and prevention measures

The data collected was from direct sources and from official databases. This included studies with various sources including different demographics; however, all sources included in the results the age of 60 years or more, unless in comparisons. Data used in the results included information from official databases. A limitation to this perhaps could be that this does not capture details relating to the individual's background. However, the data that did not rely on databases included relevant information about an individual, which may have benefited and enhanced the context. Most of the research focused on risk factors, personality traits and appropriate prevention measures. The main themes are: 1) risk factors = mental health (MH) diagnosis, physical health and widowers/bereavement; 2) personality/lifestyle, being a burden, lacking personality traits similar to younger people experiencing SI, loneliness, feeling a burden and lacking reasons for living; 3) preventions, benefits of problem-solving therapy for older adults experiencing SI beneficial in the prevention, telephone helplines can be helpful; however, necessary in considering patterns of calls, early detection and early warning signs are all important to be captured at this time. Please see the chart for all the result details (*see Table 6*).

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

Table 6
Extracted Data for Included Studies

Reference	Study design/ Methodology	Context	Is the aim specific to older adult suicide/ prevention	Aim of study	Source	Key findings	Limitations	Misc
Ng, Wu, and Yeh, 2020	Case-control, Retrospective, Quantitative	Taiwan, People over 65.	Yes	To investigate how psychiatric and physical health are related to the suicide of older adults in Taiwan.	Two thousand five hundred twenty-eight older adults died by suicide between 2010-2012. Official Databases used.	Suicide mortality was 33.7 per 100 000. Mental health diagnoses, including depression, and schizophrenia, increase the risk of suicide. Cancer also increases the risk. Men in rural areas were also of increased risk.	Three recognised limitations: It may be that older adults with mental health symptoms may have been misdiagnosed. Databases do not provide details on the severity. Databases do not provide other risk factors and history.	N/A
Ahinoz, et al., 2008	Quantitative, Data detailing.	Turkey, older adults 65+	Yes	Compared causes/ methods of suicide between 2002- and 2013 within three separate age groups, including from 60 years upwards.	Data on causes, methods and sexes explored which was taken from the official statistical database.	In all groups found that, suicide rates were more common in men. In both sexes, the most common reason for suicide was mental illness. In the group of 65-49 years men, financial difficulties were noted. Difficulties for women it was were relationship related.	The increase in suicide rates in 2008 in Turkey may have been due to the country's financial issues, which fell within this studies timeframe. Database-focused means you may miss important personal data, which may be crucial.	N/A
Yilmaz and Karaca, 2020	Quantitative	Turkey, over 65 years	Yes	To understand the prevalence of depressive symptoms and related factors and draw attention to the suicide probability in the elderly without evidence of a significant disabling disease	Individuals over 65 were randomly selected from a primary care clinic. Three hundred twenty-three individuals enrolled—interviews completed via home visits. The geriatric depression scale (GDS) and Suicide Probability Scale (SPS) were used to assess and evaluate the risk of the occult.	Females were at increased risk of suicide if they were bereaved/widowed. Negative perceptions of health were a significant risk factor for both sexes and most ages. Education of less than six years for males and females was a risk. Chronic physical health problems in men in the 80's and women in the 60s and 70s. The negative perception of health. Drinking was also a risk factor.	Cognitive function is not taken into account, which can have an impact on health; however, dementia was ruled out. As home visits were conducted, reliability was put onto patients regarding physical health status and no clarification was gained from GP. risk factor.	N/A
Lee, Seol, and Kim, 2018	Qualitative, Interviews	Male and females over 60 years old living in Chungcheongnam	Yes	It analyses age and sex differences within socio-demographics that may relate to suicidal ideation/attempts in the older adults.	Data from a program conducted by a mental health centre located in a set area and used GDS scale in which scores of 5 and over were considered high risk. Interviewing face to face. Total number was 93 151.	Males and females in their 60s and 70s and females in their 80s living in rural areas were identified as risk factors. Negative perceptions of their health was a significant risk factor for females in their 60s.	It may not represent an entire population as it was set in one region. They only worked on a volunteer basis, so potentially healthier people put themselves forward. Used closed questions only.	N/A
Drombrowski, et al., 2020	Mixed Methods	Pittsburgh, USA	No	Improve understanding of personalities against suicidal ideation that may present in later life.	200 people. Separated into five groups: early-onset attempters, late-onset attempters, suicidal ideation, depressed group, and healthy controls. Interviews were conducted, which were structured for DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual) Personalities—a five-factor inventory used for self-reported personality types. Hamilton rating scale for depression was used.	All of the groups that were clinical displayed with maladaptive traits compared to healthy subjects. Late-onset suicidal ideations lack similar traits that younger people may have experienced, such as neuroticism and cluster b personality symptoms. In contrast, older adults had a higher level of orderliness.	It does not allow for consideration over a long time of changes in personality that may happen naturally due to life experiences. Does not allow for a review of completed suicides vs attempts.	The age range started from 50 years old; however, the mean age was 65.
Eades, Segal, and Coolidge, 2018	Quantitative, 5 questionnaires.	Colorado, USA.	No	Explored the role of personality and self-esteem in older adults within two established risk factors identified for suicidal ideation: feelings of belongingness and being perceived as a burden.	Recruited participants to complete five questionnaires. Participants over 60 year old. 102 participants. Offered a \$25 visa gift card to participate. Five factor model and DSM were both used.	All Five-figure model participants and the majority of PD (Personality Disorder) traits were significantly related to suicidal ideation, perceived burden and thwarted belongingness. Self-esteem evidenced a strong negative relationship with suicidal ideation, thwarted belongingness and perceived being a burden.	More women than men in the study. Potentially a group of people not diverse enough to be representative.	N/A
Heisel, Flett, and Neufeld, 2016	Quantitative	Toronto, Canada	Yes	Understand the importance of feelings relating to reasons for living and the meaning of life pertaining to good MH and well-being against suicidal ideation in older adults.	173 community-residing older adults from older adult groups, places of worship, public areas and included advertising.	Reasons for living presented a significant variance in suicidal ideation, managing for age, sex, depression symptoms and being lonely. Meaning in life significantly connected to the reason for living and suicidal thoughts. Demonstrates the importance of understanding these two factors in risk assessing for suicidal ideation.	Recruitment was mainly for healthy people. More women than men. Not a diverse group of people included. A more extensive study may have been more helpful.	N/A
Lutz, et al., 2019	Qualitative, Case study	USA	Yes	To established if problem-solving therapy reduces the risk of suicidal ideation and anxiety.	Two sources were recruited by a flyer and then screened for appropriateness.	Both cases demonstrated a significant reduction in suicidal risks and anxieties following six sessions of PST. Risk factors identified - Males: males, living alone, history of MH. Identified the importance of phone call patterns, early identification, and warning signs that should be implemented in the helplines to act as a prevention measure.	Very small study.	N/A
Chan, Wong and Yip, 2018	Quantitative, Databases	Hong Kong	Yes	To understand whether a general telephone helpline can be helpful for an older adult in suicide prevention.	106, 583 users during 2012-2015.		Secondary data.	N/A

Risk factors

Identified risk factors such as MH diagnosis, physical health and being a widow/bereaved were strong themes within multiple articles. In several articles, it is evident that past or present diagnosis of mental illness was a risk factor for suicide. Altinoz, et al. (2018) found that on exploring data detailing the causes of suicides that had been completed between 2002 and 2013 for the ages of 65-69, 70-74 and >70 years found that in both males and females the most common reason documented as a cause was mental illness. Although the study by Altinoz, et al. (2018) does not indicate what specific MH diagnosis is present in their results, a study by Ng, Wu and Yeh (2020) considered how mental and physical illnesses are linked to suicides in older adults and found that older adults who experienced depression and schizophrenia were significantly higher than their control group. Furthermore, Ng, Wu and Yeh (2020) found that people with bipolar disorder demonstrated a lower risk of depression and schizophrenia; however, the results were still significantly higher for older adults relating to suicide. In contrast, Karaca and Yilmaz (2019) investigated people over 65 years old by using the geriatric depression scale (GDS) for the prevalence of suicide and depression and then the SPS for risk of suicide and found no statistical significance for people with or without depression symptoms relating to MH treatment past or present. However, essential to note that the study found independent factors predicting the presence of depression, which could contribute in the long term to needing MH treatment (Yilmaz & Karaca, 2019).

Physical health, including chronic health conditions, perceptions and illnesses such as cancer, have been identified as risk factors in older adults with suicidal ideation and/or attempts on their life. Research conducted by Lee Seol and Kim (2018) found that chronic illness was a risk for suicidal ideation for men in their 80s and females in their 60s and 70s. Furthermore, perceived health concerns were identified as a risk factor for males and females except for the females in their 60s (Lee, Seol & Kim 2018). Ng, Wu and Yeh (2020) support claims of poor health being a risk factor and found that people with cancer were at significantly higher risk than their control group and less of a risk of cancer but still demonstrating a significant risk were those diagnosed with chronic obstructive pulmonary disease, strokes, kidney disease, hypertension, and diabetes.

Not only were difficulties from a medical perspective associated with being a risk factor in older adults, but also were marital issues, including being bereaved or separated. Altinoz, et al. (2018) reported that after evaluating the reasons for suicide in

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

women between the ages of 65 and 69 years, a common cause was marital conflict and did identify that this could be due to loss of family/husband, feelings of hopelessness due to being alone, widowed and also due to economic reasons they may experience. However, in more depth, Lee, Seol & Kim (2018) reported that men in their 60s and 70s who divorced and men in their 80s who were widowed increased the related risk factors for suicide. Lee, Seol & Kim (2018) also went on to identify those women being divorced in their 60s and widowed when they were in their 70s increased the risk of suicide ideation; however, they found that for women in their 80s if they became widowed this was a protective factor. When considering women in their 80s, the study by Lee, Seol & Kim (2018) considered that they had been undergoing caregiving roles or that they consider the loss to the family as significant, and understand the importance of their position within the family acting as a protective factor.

Personality and individual feelings

Dombrovski, et al. (2020) aimed to understand the personality in which suicidal ideations develop for people in later life in their cross-sectional study of 200 people with a mean age of 65 by using the five-figure model (FFM) and the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM). They found differences between those who had an early onset of older adults' suicide attempts and those who experienced a late-onset older adult's suicide. The late-onset group demonstrated a higher level of organisation than the early onset of a suicide group. Furthermore, the late-onset group presented to experience less antisocial, more extroverted, and less likely to exhibit maladaptive coping traits. This provides an argument that the suicide attempts could be rationale due to factors such as risk factors already explored in this SR. This research established that all participants in their depressed groups had experienced a form of trauma in childhood, which could provide reasoning for later life difficulties or choices (Drombrovski, et al., 2020).

Eades, et al. (2019) considered how an older adult's personality and self-esteem affected their suicidal ideation (SI) by reviewing risk factors that they identified, including feelings of belongingness and a burden. They did this using the FFM and the DSM, a similar approach to Drombrovski et al. (2020). Results helped to consider the importance of the role of personalities regarding the risk of SI in older adults. The study showed that the group FFM personality factors and most Personality Disorder traits had significant relationships with SI, feelings of belonging, and a burden.

Finding personality disorder traits linked with SI correlates with Drombrowski, et al. (2020) findings of its younger group of older adults. Self-esteem variables were strongly and negatively related to SI, Belongingness, and Perceived Burden. This supports that personalities and personal feelings are important factors when assessing the risk of SI in this population group.

In addition to personalities and personality changes, significant feelings should be explored which Heisel, Flett and Neufeld (2016) considered to be the importance of the reason for living and the meaning of life, relating to suicidal ideation and the suicidal risk among older adults. This study identified that the reasons for living and the meaning of life were significantly negatively connected to the following factors: SI, demographics, and psychological factors. They also established that meaning of life explained the association between reasons for living and SI. Providing a rationale for understanding the importance of feelings of reasons to live in assessing risk suicide in older adults (Heisel, Flett, & Neufeld, 2016).

Prevention

Prevention methods typically consist of psychiatrist assessments, medications, support within the community and psychological inputs (Yip, et al., 2014). Chan, Wong and Yip (2018) article explored if a general helpline in Hong Kong could be effective for suicide prevention among older adults. Doing this allowed for examining helplines as a prevention measure with potentially essential criteria to help support them. The number of people who accessed this service between 2012 and 2015 was 106,583, and the number of people who accessed the service and committed suicide was 145. The total population of Hong Kong that committed suicide within the studies periods and aged 65+ was 1,006. The findings identified from the call details to assess and identify preventative measures for suicide. It established that 41% of people lived alone and had chronic illnesses. A mental illness also presented as an increased risk, consistent with previous research (Altinoz, et al., 2018; Ng, Yeh, & Wu, 2020; Lee, Seol, & Kim, 2018). Additionally, men were more at risk and people contacting the service were more at risk of suicide in the early contacts, demonstrating that, over time, this service could be an effective prevention measure for older adults (Chan, Wong, & Yip, 2018). Reviewing the themes of the callers allows for the development of appropriate support and risk assessment of this prevention measure for it to be an effective tool for suicide prevention among older adults.

A less generic tool identified for suicide prevention in older adults was a case

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

report completed by Lutz, et al. (2020), who considered how problem-solving therapy (PST) might benefit older adults with anxiety and aim to reduce suicidal risks within this group. PST is a cognitive behavioural approach that works to help an individual cope with possible stressful life events or changes experienced (Gerber, Nezu, & Nezu, 2019), arguing it would be beneficial for the ageing population. Both participants in this study received six sessions focused on the core skills needed. It used the GAD (General Anxiety Disorder) to review pre and post-diagnostics. This study only used two participants with different backgrounds and found that both significantly reduced their suicide risk, including additional reductions in other symptoms such as anxiety, depression, and feelings of worry. Both participants verbally expressed finding the PST beneficial alongside the GAD scores demonstrating significant improvements. Currently, all research around PST has focused on treating symptoms and considers SI a secondary component. This study indicates that monitoring and reducing SI could be valuable as a preventative measure in older adults.

It is considering that the help that can be provide by phone and the data that has been collected that identified risks will allow for the phone line support to be considered beneficial in the short term for older adults with SI. For older adults that may require ongoing or further help with their SI, a more practical tool such as PST may provide them with helpful tools in managing their difficulties and SI, therefore providing an effective prevention measure.

DISCUSSION

This systematic review demonstrates that suicide among older adults is a complex topic with many components that need to be addressed to support and prevent people who may be at risk of SI or suicide attempts. Risk factors are unique to this population group due to the changes they may experience and the higher chances of experiencing changes to their health, societal roles, and relationship status. Furthermore, a common theme was that people with MH history were more likely to be at risk of SI, and specific diagnoses included schizophrenia, bipolar disorder and depression (Ng, Yeh, & Wu, 2020). This is an essential factor and may hold multiple reasons for it. People who have a mental health history may have developed maladaptive coping strategies, this may be an additional burden on their current situations, and they may be experiencing burnout from a lifetime of experiencing MH symptoms. These

reasons possibly add different stressors to a person's ability to cope and therefore demonstrate the importance of recognising this as a risk factor when a person presents to a mental health service or a general practice.

Physical illnesses were also a common theme that ran through this systematic review which often saw chronic illnesses as the main risk factor for SI, including diagnoses such as cancer and heart failure (Ng, Yeh, & Wu, 2020; Lee, Seol & Kim, 2018). People with physical health issues may feel a burden to those around them (Saranggi, Sozan Fares, & Noha Eskander, 2021). They may experience pain or discomfort, affecting daily tasks. These individual factors, along with how a person may perceive the illness and life, can significantly impact an individual.

The relationships we have and the people we surround ourselves with in life are vitally important, and evidence suggests that people who are isolated or lonely may be at a higher risk of committing suicide (Calati, et al., 2019). This can demonstrate the importance of marital breakdown or loss of a loved one due to a person who may find itself suddenly isolated from a society that he or she once believed that belonged to or due to family breakdowns due to changes in the situation. A person may also be experiencing grief, changes in its role or isolation, all significant life stressors that count as a risk factor.

A person may experience many lifestyle changes, which can assist with how our personalities develop and change over time. This systematic review identified from Drombrowski, et al. (2020) that later life suicide may not present with the same personalities' traits and an early onset of older adult suicide attempt. This may demonstrate that the late-onset group itself had a rationale for suicide that they have justified. However, in regard to the results, it may be challenging to consider that an early onset among older adult is experiencing personality disorder traits as a factor of suicide (Drombrowski, et al., 2020). This means that although some differences have been noted, this does not change that an older adult, either early-onset or late-onset, will still need to manage significant life changes, which should be considered, and they may in themselves aid the development of personality changes.

Prevention measures for suicide are vitally important to reduce the numbers and ensure the proper support is provided for people. Prevention measures for an older adult should be viewed in unique ways due to the individual challenges they may experience. Telephone support may provide appropriate short-term support, and benefits to this include that it is accessible for all and potentially can be provided over a 24/7 period and can bridge gaps of loneliness and isolation. Furthermore, the benefits of

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

telephone support are that if someone may require ongoing or more in-depth support, this measure could provide the opportunity to a signpost and refer on to other services potentially for therapy such as PST. PST may be important for those with ongoing SI, specifically older adult, as it can help them consider how they may change their situation and solve it, allowing them the tools to do so. It would benefit further studies into the prevention measures of older adults, including considering how telephone support can provide prevention specifically to this population. Furthermore, more extensive studies of appropriate therapies will be used to enhance the knowledge and understanding of prevention measures for older adults and suicide.

Considering how this SR will benefit professional practice, this evidence must be important to the relevant sectors. At times health professionals may assume that life events have given a person the tools he or she needs to survive and combat possible negative thoughts and feelings, perceiving older adults as a resilient group of people. However, on the contrary, it may be that this group should instead be considered with additional sensitivity that allows the professional to review the significant life events that they have experienced, such as illness, loss of a loved one or changes in their role in society. Furthermore, there are times when a physical condition may mask MH symptoms (NHS England, 2017), and both general practice and mental health services should pay close attention to this to ensure that this population group is being appropriately cared for, which could be done by joint working and/or further education on this for both settings.

STRENGTHS AND LIMITATIONS

The strengths of this SR are that it identifies a unique set of needs to its identified population group, which enhances the knowledge of suicide in older adults. Limitations to this SR could be limited research on prevention measures. However, this also indicates that more research should be focused on this area.

CONCLUSION

This SR concludes that the older adult people are at risk of suicide and that they carry their unique risks, which can be argued as assisting with their rationale for

suicide, which needs to be highlighted when this group has contact with both general and mental health services and need to be taken seriously. Prevention measures that are in place for this population group that is specifically targeted to older adults are often limited: befriending services and crisis support groups are benefits for the whole population. For this population group to have effective prevention measures in place, they must be taken seriously, and their unique risk factors are all considered, which will allow for appropriate onward support and referrals to be made on their behalf. Furthermore, there is a clear need for further research on older adult suicide prevention measures. A holistic approach is required for the more ageing adult population to reduce the number of suicides and to provide effective prevention measures for this group.

REFERENCES

- Almasi, R., Dombrovski, A., Galfalby, H., Kenneally, L., & Szanto, K., (2020). Predictors of serious suicidal behaviour in late-life depression. *European Neuro Psychopharmacology*, 40(1), 85-98.
- Altınöz, A., Yenilmez, Ç., Öner, S., & Yıldız, P. (2018). Completed suicide rates of older adults in 5-year age bands in Turkey between 2002 and 2013: A retrospective study. *Geriatrics & Gerontology International*, 19(1), 66-69.
- Brown, D. (2019). A Review of the PubMed PICO Tool: Using Evidence-Based Practice in Health Education. *Health Promotion Practice*. 21(4), 496-498.
- Calati, R., Conejero, O., Courtet, P., & Emille, C., (2018). Suicide in older adults: current perspectives. *Clinical Interventions in Aging*, 13, 691–699.
- Calati, R., Ferrari, C., Brittner, M., Oasi, O., Olié, E., Carvalho, A.F., & Courtet, P. (2019). Suicidal thoughts and behaviors and social isolation: A narrative review of the literature. *Journal of Affective Disorders*, 245, 653-667.
- Center for Disease Control and Prevention. (2021). *Risk And Protective Factors*. [online] Retrieved September 11, 2021, from <https://www.cdc.gov/suicide/factors/index.html>
- Centre for Reviews and Dissemination & Akers, J. (2009). Systematic reviews: CRD's guidance for undertaking reviews in health care: York : CRD, University of York, 2009 [online] Retrieved June 10, 2021, from <https://www.york.ac.uk/crd/SysRev/!SSL!/WebHelp/SysRev3.htm>

Assessing the Risk Factors for Suicide and Appropriate Intervention as a Prevention Method Among Older Adults: A Systematic Review

- Critical Appraisal Skills Programme. (2018). *CASP Systematic review checklist*. [On- line] Retrieved September 5, 2021, from <https://casp-uk.net/wp-content/uploads/2018/01/CASP-Qualitative-Checklist-2018.pdf>
- Chan, C. H., Wong, H. K., & Yip, P. S. F. (2018). Exploring the use of telephone helpline pertaining to older adult suicide prevention: A Hong Kong experience. *Journal of Affective Disorders*, 236, 75-79.
- Dombrovski, A.Y., Szücs, A., Szanto, K., & Wright, A.G. (2020). Personality of late- and early-onset elderly suicide attempters. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 35(4), 384-395.
- Downes, M., Brennan, M., Williams, H., & Dean, R. (2016). Development of a critical appraisal tool to assess the quality of cross-sectional studies (AXIS). *BMJ Open*, 6(12), e011458.
- Eades, A., Segal, D. L., & Coolidge, F. L. (2019). Suicide risk factors among older adults: Exploring thwarted belongingness and perceived burdensomeness in relation to personality and self-esteem. *The International Journal of Aging and Human Development*, 88(2), 150-167.
- Gerber, H. R., Nezu, A. M., & Nezu, C. M., (2019).(Emotion-centered) problem-solving therapy: An update. *Australian Psychologist*, 54(5), 361–371. <https://doi.org/10.1111/ap.12418>
- Heisel, N. J., Flett, G. L., & Neufeld, E. (2016). Reasons for living, meaning in life, and suicide ideation: investigating the roles of key positive psychological factors in reducing suicide risk in community-residing older adults. *Aging & Mental Health*, 20(2), 195-207.
- Lee, H., Seol, K. H., & Kim, J. W. (2018). Age and sex-related differences in risk factors for elderly suicide: Differentiating between suicide ideation and attempts. *International journal of geriatric psychiatry*, 33(2), e300-e306.
- Lutz, J., Mashal, N., Kramer, A., Suresh, M., Gould, C., Jordan, J. T., Wetherell, J. L., & Beaudreau, S. A. (2020). A Case Report of Problem Solving Therapy for Reducing Suicide Risk in Older Adults with Anxiety Disorders. *Clinical gerontolo- gist*, 43(1), 110–117.
- Ng, Y., Yeh, S., & Wu, S. (2020). Association of psychiatric and physical illnesses with suicide in older adults in Taiwan. *Journal of Affective Disorders*, 264, 425-429.

- NHS England (2017). Older People's Mental Health: The Practice Primer (pp. 7-16).
- PRISMA 2009. (2009). <https://www.prisma-statement.org/documents/PRISMA%20EandE%202009.pdf>
- Sarangi, A., Sozan Fares, & Noha Eskander. (2021). Suicide trends in the elderly during the ongoing COVID-19 Pandemic- a public health urgency. *The Southwest Respiratory and Critical Care Chronicles*, 9(40), 31-36. <https://doi.org/10.12746/swrccc.v9i40.865>
- Satorres, E., Ros, L., Meléndez, J. C., Serrano, J. P., Latorre, J.M., & Sales, A. (2018). Measuring elderly people's quality of life through the Beck Hopelessness Scale: a study with a Spanish sample. *Aging & Mental Health*, 22(2), pp.239-244.
- Shah, A., Bhat, R., Zarate-Escudero, S., DeLeo, D., & Erlangsen, A. (2016). Suicide rates in five-year age-bands after the age of 60 years: the international landscape. *Aging & Mental Health*, 20(2), 131-138.
- Yilmaz, N., & Karaca, S. N. (2020). Dissatisfaction with life and absence of leisure time activity: clues to overt depression and occult suicide risk in elderly individuals without significant disabling disease. *Psychogeriatrics*, 20(3), 337-344.
- Yip, P. S. F., So, B. K., Kawachi, I., & Zhang, Y. (2014). A Markov chain model for studying suicide dynamics: an illustration of the Rose theorem. *BMC Public Health*, 14(1), 1-6.
- World Health Organisation (WHO). (2014). First WHO report on suicide prevention. Retrieved April 15, 2021, from <https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2014/suicide-prevention-report/en/>
- World Health Organisation (WHO). (2019). *The World Health Report*. Chapter 2. Suicide. [online] Retrieved August 12, 2021, from <https://www.who.int/whr/2001/chapter2/en/index6.html>
- World Health Organisation (WHO). (2020). *GHE: Life expectancy and healthy life expectancy*. Retrieved June 1, 2021, from <https://www.who.int/data/gho/data/themes/mortality-and-global-health-estimates/ghe-life-expectancy-and-healthy-life-expectancy>
- World Health Organisation (WHO). (2021). *Suicide*. [online] Retrieved September 11, 2021, from <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

Violência Colonial em Frantz Fanon, James Baldwin e Spike Lee

Anderson Oliveira Lima

Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Brasil - landerson.01@outlook.com

Rocio Castro Kustner

Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Brasil - rkustner@uneb.br

Resumo

A temática deste artigo surgiu a partir da repercussão mundial que teve o assassinato do afro-americano George Floyd cometido por policiais brancos em Minneapolis (Estados Unidos), no contexto da pandemia do COVID-19 de 2020. O seu objetivo é analisar a violência colonial embutida nos conflitos étnicos-raciais globais à luz da teoria de Fanon (1968), na sua obra “Os Condenados da Terra”, dialogando com dois “ativistas” (ativistas e artistas) afro-americanos: o escritor James Baldwin no documentário “Eu não sou seu negro” (Peck, 2016) e o cineasta Spike Lee, com seu filme “Faça a Coisa Certa” (1988), realiza-

do em memória de outros afro-americanos que acabaram como George Floyd. Também nos servimos do documentário “A 13ª Emenda” (DuVernay, 2016), para compreender a cruel realidade de que ainda existam leis nos Estados Unidos que abrem brechas para continuar estigmatizando e condenando o negro. O trabalho está ancorado numa análise bibliográfica, cinematográfica e documental, estabelecendo um diálogo entre os mencionados autores que, desde a psiquiatria, a literatura e o cinema, denunciam a violência colonial e convidam a refletir sobre caminhos para combatê-la.

Palavras-Chave: Violência colonial, Frantz Fanon, James Baldwin, Spike Lee.

Colonial Violence in Franz Fanon, James Baldwin and Spike Lee

Abstract

This paper was motivated by the international repercussion of George Floyd's murder by white police in Minneapolis (United States), in the context of the COVID-19 pandemic during 2020. It aims to analyze the colonial violence intrinsic in the global ethnic-racial conflicts through the theory of Frantz Fanon (1968) in his book “The wretched of Earth” dialoguing with the Afro-American arti-

vists (artists and activists): the writer James Baldwin in the documentary “I'm not your Negro” (Peck, 2016), and the filmmaker Spike Lee (1988), with his film “Do the right thing” in memory of others Afro-American people who ended up as George Floyd. We also analyze the documentary “13TH” (DuVernay, 2016) to better understand the cruel reality that still stigmatizes and condemns

Afro-American people in United States. Methodologically, the paper is based on bibliographic, cinematographic and documental analyses dialoguing with these three activists

who, from the psychiatry, the literature and the cinema, denounce the colonial violence at the same time that invite us to reflect about ways of fighting it.

Keywords: Colonial violence, Frantz Fanon, James Baldwin, Spike Lee

INTRODUÇÃO

O período da colonização europeia iniciado por volta do ano de 1500 foi, indubitavelmente, um dos mais marcantes da história da humanidade, haja vista que muitas culturas negras e indígenas passaram por um processo violento de exploração, inferiorização e alienação sob a imposição dos valores supremacistas brancos dos europeus, deixando inúmeras consequências negativas ainda presentes na configuração geopolítica e sócio-histórica do continente americano. Neste contexto, a violência colonial exercida pelo Estado continua provocando mortes entre a população negra e indígena das Américas.

A temática deste artigo surgiu no contexto da pandemia da COVID-19 que o planeta todo vive desde março de 2020, e a raiz do assassinato de George Floyd por asfixia, cometido por policiais brancos em Minneapolis (Estados Unidos) no dia 25 de maio de 2020. A morte de Floyd foi registrada durante um breve momento através de um telemóvel que mostra a violência brutal exercida pelos policiais, ignorando completamente seus gritos desesperados de “não posso respirar”. O vídeo se espalhou velozmente pela mídia, convulsionando o mundo. Em pleno confinamento pela pandemia e até em países como Austrália, mobilizou pretos e brancos para manifestações com distúrbios, incêndios e derrubamentos de estátuas de personagens brancos históricos ligados à escravidão. Não foi o primeiro nem será o último, mas talvez foi o crime de violência racial que teve mais repercussão mundial graças ao poder de difusão das redes sociais no mundo global.

Dentro de todo esse contexto de violência que gera “violência”, o presente trabalho tem como objetivo analisar a violência colonial na raiz destes conflitos étnico-raciais globais à luz da teoria de Fanon (1968), na sua obra “Os Condenados da Terra”, dialogando com dois afroamericanos que aqui definimos como “artistas”: o escritor James Baldwin no documentário “Eu não sou seu negro” (Peck, 2016), basea-

do na sua última obra, inacabada, em memória de três grandes amigos lideranças dos movimentos pelos direitos civis – Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Junior; e o cineasta Spike Lee, com seu filme “Faça a coisa certa” (1988), realizado em memória de outros negros norte-americanos que acabaram como George Floyd, e como o filme termina.

Assim, os procedimentos metodológicos deste trabalho estão pautados numa análise bibliográfica, cinematográfica e documental, estabelecendo um diálogo entre esses três ativistas que, desde a psiquiatria, a literatura e o cinema, denunciam a violência colonial ao mesmo tempo em que convidam a refletir sobre caminhos para combatê-la, questionando se não há como fugir da violência sem violência. Também nos servimos do documentário “A 13ª Emenda” (DuVernay, 2016), para compreender o estigma que ainda pesa sobre o negro estadunidense, a partir do fato das prisões nos Estados Unidos (EUA) terem o maior contingente de presos do mundo, na sua maioria negros.

A VIOLÊNCIA COLONIAL VERSUS VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA EM FRANTZ FANON

Frantz Fanon nasceu em 1925 na Martinica, em uma família com ausência paterna, cuja mãe era obsecada pela ascensão social dos filhos num ambiente colonial que gerou uma pressão conflituante sobre sua personalidade. Com 17 anos se alistou no Exército Francês de Libertação para lutar contra o nazismo; a experiência da guerra deixou mais explícito para ele que o racismo não era exclusividade dos franceses brancos que se refugiaram em Martinica, mas algo praticado por todos os franceses quando se deparavam com um não branco (Faustino, 2018).

Como veterano de guerra, Frantz Fanon teve a chance de ingressar na França no curso de Psiquiatria, cujos estudos lhe levaram a escrever como trabalho de conclusão “Pele Negra, Máscaras Brancas”. Em 1953, Frantz Fanon se mudou para Argélia para assumir a direção de um hospital psiquiátrico na cidade de Blida, justo um ano antes de o país entrar em guerra pela sua independência da França. Esta fase da sua vida foi essencial para entender a devastação que o colonialismo tinha causado na estrutura psíquica dos argelinos. Durante o seu acompanhamento de inúmeros casos de pacientes argelinos e franceses vítimas da guerra, ele escreveu uma de suas últimas obras aqui analisada – “Os Condenados da Terra” - que finalizou nos Estados Unidos,

onde foi se tratar do câncer do qual morreu em 1961 (Faustino, 2018).

Na sua seminal obra, “Os Condenados da Terra”, Fanon (1968) analisa a violência implícita na relação entre o colono e o colonizado e as suas consequências, que em grande parte perduram até os dias atuais. Observa o mundo colonial cindido em dois e separados por uma fronteira demarcada pelos quartéis e delegacias de polícia das cidades onde os espaços habitados e frequentados pelos colonos eram segregados dos habitados e frequentados pelos colonizados.

Para Fanon (1968), a cidade do colono era “uma cidade sólida, de pedra e ferro; uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitavam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas”. Enquanto a cidade do colonizado “é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados (...) uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz” (Fanon, 1968, p. 29). Esta divisão permaneceu em muitas cidades de alguns países colonizados, como no Brasil. Nessa perspectiva, Fanon (1968, p. 29) observou que:

O olhar que o colonizado lança para a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todas as modalidades de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se no leito do colono, com a mulher deste, se possível. O colonizado é um invejoso. O colono sabe disto; surpreendendo-lhe o olhar, constata amargamente, mas sempre alerta: “Eles querem tomar o nosso lugar.” É verdade, não há um colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono.

Claro que o colonizado queria estar no lugar do colono. Veremos como o escritor e ativista do Harlem, James Baldwin, em uma de suas entrevistas, deixou bem claro que o que o negro quer é o mesmo que o branco – uma vida digna e em paz, sem ser definida pelos brancos. Mas para o branco colono, explica Fanon (1968), que vivia com medo do colonizado tomar o seu lugar, o colonizado violentado virou uma ameaça. Daí a necessidade da violência como dispositivo de controle e segurança, principal meio utilizado pelos colonos para disseminar o terror, punir e controlar as ações de resistência dos escravizados.

A violência dos colonos não era apenas física, mas também cultural e simbólica. Ela presidiu o arranjo do mundo colonial, ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas e arrasou completamente os modos da aparência e do vestuário, além de valores e costumes, ou seja, as diferentes culturas. De tal forma que

a obra de Fanon (1968) evidencia, tanto na América quanto na África, o genocídio sistêmico e generalizado de diferentes grupos étnicos.

Fanon (1968) sinaliza como um dos principais agentes de dominação a Igreja Cristã, uma Igreja de brancos e estrangeiros que não chamava o colonizado para a via de Deus, mas para a via do branco, a via do patrão, a via do opressor, para submetê-lo aos valores cristão vigentes, dos que o colonizado, considerado sem alma, estava desprovido “não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação dos valores. É, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores” (Fanon, 1968, p. 30).

Por este mecanismo, explicado pelo o antropólogo Clifford Geertz (1989) como a tendência do ser humano de transformar o estranho como monstro conhecido perante a sua incapacidade de reconhecê-lo como diferente e desconhecido, é que o negro da África e o indígena das Américas se tornaram para o branco colonizador europeu o mal absoluto “elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima, elemento deformador, que desfigura tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas” (Fanon, 1968, p. 31).

O indígena, desconhecido, era condenado como monstro porque fugia das referências ocidentais; era desprovido de valores, porque não eram os mesmos dos colonos, “referentes” de cultura e humanidade. Assim passou a ser tratado como selvagem que precisava ser domesticado – não existe pior violência que desprover aos seres humanos sua humanidade. Ainda a imposição cultural era também utilizada pelos colonos como estratégia para inferiorizar o colonizado, deixando anulada a sua capacidade de criar cultura e, inclusive, negando a sua ancestralidade.

Para exercer a violência explícita, ou seja, fisicamente, em caso de qualquer tipo de “anormalidade” produzida pelo colonizado, o colono se serve da figura do intermediário, encarnado no gendarme e o soldado, que, segundo Fanon (1968, p. 28):

Por suas intervenções diretas e frequentes, mantém contato com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência da ordem. O intermediário leva a violência a casa e ao cérebro do colonizado.

Os intermediários são as forças de repressão, como a polícia e o exército utilizados pelos colonos para repreender qualquer tipo de reação dos colonizados perante o sistema colonial, com o objetivo de deixar os colonizados na sua zona de subalternização e a burguesia branca em sua zona de conforto inabalável. Mas Fanon (1968) testemunhou como os conflitos nas lutas de libertação nacional da Argélia se intensificaram a partir do momento em que o colonizado percebeu “que sua vida, sua respiração, as pulsações de seu coração são as mesmas do colono (...) que uma pele do colono não vale mais do que uma pele indígena” (Fanon, 1968, p. 34).

Para Fanon (1968), o processo de descolonização na sua essência não tem como não ser violento porque, para que o colonizado possa ser livre e recuperar a sua humanidade, o colono que exerce a violência como forma de se afirmar perante o colonizado deve deixar de existir juntamente com o seu sistema de dominação. O colonizado só será livre quando expulsar o colono do seu território e enterrá-lo profundamente, se rebelando perante o sistema de dominação colonial.

Para entender a violência libertadora de Fanon (1968), precisamos entender bem o estigma deixado pela violência colonial nos países com populações escravizadas. Tanto assim que nas Américas e na África continua o genocídio sistêmico da população não branca, com a participação do Estado, que além de recorrer à força policial, não desenvolve políticas suficientes para integrar à população negra. Nesse ponto, é bom lembrar primeiramente alguns fatos no processo pós-abolição nos Estados Unidos.

A 13ª EMENDA E VIOLÊNCIA PENITENCIÁRIA NOS ESTADOS UNIDOS

No documentário “A 13ª Emenda”, lançado pela Netflix em 2016, a diretora afro-americana Ava DuVernay- que dirigiu também *Selma* (2014), sobre as marchas de Selma a Montgomery lideradas por Luther King, entre outros -apresenta o sistema penitenciário como um dos principais dispositivos utilizado pelo Estado estadunidense para continuar escravizando a população negra, aproveitando a brecha que abre a 13ª Emenda da Constituição dos EUA de 1865, que torna inconstitucional alguém ser mantido escravo com exceção de “criminosos” – criminoso poderia ser qualquer pessoa fora da “norma”: sem trabalho e/ou sem lar, que foi como ficou o ex-escravizado após a abolição. Para DuVernay (2016) esta brecha que abre a Emen-

da foi explorada de maneira imediata, tendo em vista que a partir deste período os afro-americanos começaram a ser presos em massa, por crimes insignificantes, como vadiagem ou vagabundagem. O objetivo do Estado era criminalizá-los e, com isto, obrigá-los de maneira “legal” a trabalhar sem remuneração para reconstruir a economia estadunidense após a Guerra Civil, ocorrida entre os anos de 1861 e 1865.

Por isso não é casualidade que os EUA, que abrigam 5% da população mundial, em 2016 tinham 25% dos detentos do mundo, dos quais cerca de 40% eram negros. No ano de 1970, a população carcerária estadunidense era aproximadamente de 357 mil detentos, número que aumentou gradativamente a cada nova década, atingindo no ano de 2014 cerca de 2,3 milhões de presos, e tornando o sistema carcerário um negócio altamente lucrativo, controlado por empresas do setor privado que integram o *American Legislative Exchange Council - ALEC*, a exemplo da *Corrections Corporation of America - CCA*. De tal forma que em 2016 existiam mais afro-americanos sob supervisão criminal do que escravizados na segunda metade do século XVIII (DuVernay, 2016).

Outra estratégia usada pelo Estado para criminalizar o povo negro foi a guerra contra as drogas, que começou a ganhar força a partir do governo do presidente Ronald Reagan (1981-1989). Neste período os noticiários da televisão começaram a exibir imagens de afro-americanos algemados, presos principalmente por conta do tráfico de drogas. Logo, os estereótipos atribuídos a eles, como “superpredadores”, “seres sem alma”, “vagabundos” etc., começaram a ser reforçados sistematicamente e deliberadamente por anos, para os “cidadãos de bem” acreditarem que os negros são criminosos. Além disso, o sistema judiciário nesta época discriminava menos as pessoas que usavam/traficavam cocaína em pó, maioritariamente brancas, que as que usavam/traficavam o crack, droga dos subúrbios, geralmente usada por negros. Este fator tornava as punições mais severas para os traficantes e usuários do crack do que para os da cocaína (DuVernay, 2016).

Durante o governo do presidente Bill Clinton (1993-2001), especificamente no ano de 1994, foi criada uma Lei Federal para destinar 30 bilhões de dólares na expansão do número de prisões e aumentar o quantitativo de policiais nas ruas (DuVernay, 2016). Esta verba poderia ter sido destinada para obras e projetos esportivos, socioeducativos e culturais e de geração de renda na prevenção dos jovens entrarem no mundo das drogas. Enquanto que tanto a estratégia política de guerra contra as drogas utilizada pelo presidente Reagan para vencer as eleições do ano de 1980, quanto a Lei Federal apresentada pelo presidente Clinton foram decisivas para que

a força policial e o sistema carcerário estadunidense se tornassem o que são hoje: dois sistemas altamente perversos, sobretudo com os negros, sobre os que continuam pesando a violência e o genocídio coloniais, como vimos no caso de George Floyd e tantos outros que lhe precederam.

A violência colonial não é um problema por si só, é um reflexo de um sistema brutal de controle racial e social conhecido como encarceramento em massa, que ameaça inúmeros ativistas que lutam contra ela, como foram Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Junior, sobre os que James Baldwin fala no documentário “Eu não sou seu negro”.

JAMES BALDWIN: “EU NÃO SOU SEU NEGRO”

A luta dos negros estadunidenses pela igualdade racial e o fim do racismo pode ser analisada no documentário “Eu não sou seu negro”, dirigido pelo cineasta haitiano Raoul Peck e lançado nos Estados Unidos pela Netflix em 2016. O documentário está baseado na inacabada obra literária do escritor e ativista afro-americano James Arthur Baldwin (1979) intitulada *Remember this House*, que aborda a história de vida de três admiráveis ativistas negros assassinados nos anos de 1960 antes de completarem 40 anos de idade: Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Junior. Foram três amigos que James Baldwin perdeu no período de cinco anos: Evers foi assassinado aos 37 anos de idade, no dia 12 de junho de 1963; Malcolm X, aos 39 anos, no dia 21 de fevereiro de 1965; e Luther King aos 39 anos, no dia 4 de abril de 1968. Os três ativistas, apesar de suas visões diferentes em relação às estratégias que os negros deveriam usar na luta étnico racial, tinham como objetivo em comum a luta pelo fim do racismo e da desigualdade étnico racial – como Fanon e James Baldwin.

Nascido no Harlem, um bairro afro-americano de Nova York cheio de igrejas evangélicas, neto de escravizado e filho de família pobre e protestante, James Arthur Baldwin (1924-1987) cresceu em um ambiente religioso, mas também conturbado: sua mãe abandonou o pai biológico do escritor, por estar viciado em drogas, e casou-se com um pastor, fato que marcaria a vida dele, se empatizando com os “marginais” como seu pai, aos que queria entender, e tomando aversão à religião, pois não via no seu padrao pastor exemplo de bom cristão, quando abusava dele verbalmente (Bezerra, 2017).

Para entender James Baldwin temos que conhecer seu tempo – todos somos fruto de nosso tempo, mesmo que não só isso, como ele falaria. Vimos que a 13ª Emenda de 1865 foi uma forma de perpetuar a escravização e a violência colonial, e não era diferente nos anos de 1930 e 1940, época de apogeu da *Ku Klux Klan* na que cresceu e viveu James Baldwin no seu Harlem afro-americano. Também viveu o *Apartheid* dentro da era *Jim Crow*, que começou em 1876 e só terminou em 1965, período durante o qual nos estados do sul dos Estados Unidos os espaços públicos eram separados para negros e brancos.

Neste contexto social, James Baldwin nunca se sentiu um cidadão estadunidense respeitado e desde jovem foi conscientemente sensível ao racismo que sempre observou na sua proximidade e que retrataria densamente nos seus livros. Por isso, com 24 anos, em 1948, imigrou para a França. Cinco anos mais tarde, na Suíça, terminou seu primeiro livro, muito autobiográfico: *Go Tell It on the Mountain*, e dois anos depois, a coletânea de ensaios *Notes of a Native Son* (Notas de um Filho Nativo), sobre diversas histórias de racismo de seu país natal que nunca esqueceu na distância. Nove anos mais tarde, em 1957, voltou para os Estados Unidos para formar parte da luta pelos direitos civis dos negros junto com Malcolm X, Martin Luther King, Huey Newton e Ângela Davis (Bezerra, 2017).

Como escritor comprometido com a luta contra o racismo, era um “artista” à frente de seu tempo, pós-moderno, que com o domínio da oratória e da escrita questionava todo tipo de etiqueta que lhe fixasse numa identidade criada segundo a visão do outro, ainda mais pela sexualidade não hetero-normativa. Para ele, “mas uma vez que você discerne o significado de rótulo, isso parece definir você para os outros, mas não tem o poder de definir você para você mesmo” (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016). Por isso o seu comportamento era provocador, objetivando sempre romper com os esquemas pré-estabelecidos pela cultura predominante branca e masculina, e sua aguda sensibilidade para com a discriminação racial e de gênero se deixava refletir no seu semblante trágico ao mesmo tempo em que por vezes irônicas.

O documentário “Eu não sou seu negro” (frase dita por James Baldwin numa das entrevistas recolhidas) reflete, de forma impactante e clamando por empatia, sobre o racismo até a atualidade através do rosto expressivo de James Baldwin; da dor de ser negro num país, num mundo, dominado pelos brancos, dor sobre a que também presta declaração, horrorizado do terror no que cresceu e viu os vizinhos da sua comunidade do Harlem crescer:

Eu sei como você vai vendo enquanto vai crescendo e não é figura de linguagem, os cadáveres dos seus irmãos e irmãs se amontoando ao seu redor. E eles não fizeram nada (...) o que se percebe é que quando você tenta se impor e encarar o mundo como se tivesse o direito de estar aqui, você atacou toda a estrutura de poder do mundo ocidental (...) o que acontece é: um irmão matou o irmão sabendo que era seu irmão! Brancos lincham negros sabendo que eram seus filhos! Mulheres brancas mandaram queimar negros sabendo que eram seus amantes! Isso não é um problema racial. É um problema de estar disposto a olhar para a sua vida e ser responsável por ela, e então começar a mudá-la (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016).

Nessa consciência de olhar para mudar a própria realidade é que James Baldwin queria homenagear os seus admirados amigos, os três ativistas assassinados, explicitando também as suas divergências. Medgar Evers foi o presidente em Mississipi da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor - NAACP, uma das primeiras organizações pelos direitos civis, criada em 1909, em reação ao linchamento de dois negros em Springfield (Illinois) um ano antes. Mas James Baldwin nunca se afiliou ao NAACP, por considerar que nos estados do norte tinha uma conotação classista para suas raízes pobres.

Referente à Luther King, achava-o esquisito por ser um autêntico cristão e, como tal, defensor da não violência por acreditar que os negros nas manifestações pelos direitos civis deveriam compreender a filosofia da “não-violência” para ser capaz de enfrentar sem revidar os cães e todos os métodos brutais utilizados pela supremacia branca para retaliar as populações negras. James Baldwin não podia entender como Luther King podia seguir o princípio de ser receptor da violência sem jamais infligir a violência ao outro.

Para James Baldwin, Malcolm X representava melhor o clamor do povo negro dos Estados Unidos que, sendo vítima da violência, deveria também se valer dela como força de resistência aos ataques do agressor. Não encontramos menções referentes a algum encontro entre Malcolm X e Frantz Fanon, mas ambos concebiam a violência do negro frente ao branco como ato de defesa perante a sua opressão e dominação. Porque, como dizia James Baldwin, “a raiz do ódio do negro é a raiva; a do branco é o terror” (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016). Mas James Baldwin também não se identificava com o movimento muçulmano ao que se aderiu Malcolm X, que via todos os brancos como inimigos – James Baldwin tinha bons

amigos brancos – nem reivindicava uma mítica volta à África: ele havia nascido nos Estados Unidos e queria ser tratado como um cidadão estadunidense.

A realidade é que, como observou James Baldwin, o negro das Américas cresceu numa civilização “que sempre tem glorificado a violência, menos quando é o negro que tem a arma (...) o país só se interessa pela não-violência quando parece que é o negro que fica violento, não se preocupa quando o violento é um xerife do Alabama” (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016). Por isso que James Baldwin considerava a não violência de Luther King menos mobilizadora que o ativismo de Malcolm X. Mas como grande escritor “artista”, ele advogava pela força da palavra como arma para lutar, e como seus três amigos ativista assassinados, se sentia só livre na luta, - fora dela, “estamos cruelmente presos entre o que gostaríamos ser e o que somos (...) o negro neste país é tão brilhante ou tão escuro quanto o futuro do país” (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016).

Sofria porque queria formar parte do grande país norte-americano com os mesmos direitos que qualquer outro cidadão branco. Mas também tinha consciência, até doer, de que ele era fruto desse contexto histórico da violência colonial trazida pelo sistema escravocrata. Essa consciência tão esclarecedora lhe atormentava no desejo de ser um cidadão americano como outro qualquer:

Eu só quero viver em paz na América (...) eu quero exatamente o que os brancos querem, não quero ser definido por vocês (...) creio que vocês e nós podemos aprender uns com os outros. Se vocês são capazes de superar o velo da minha cortina da minha cor, é o que vocês usam para evadir os fatos de nossa história comum, os fatos da vida americana (...) sou um homem como vocês, quero viver como vocês, este país é meu também, pago tanto quanto qualquer um de vocês (...) branco significa europeu, negro africano, mas ambos sabemos que temos estado bastante tempo por aqui, que não podemos voltar - ou vivemos juntos ou morremos juntos, não sou eu que estou dizendo, o tempo dirá: ô escutam ou morrerão. Se o branco inventou o negro, e ele que tem que responder por que, encarar essa pergunta (...) depende inteiramente do povo norte-americano se vai ou não encarar, lidar e abraçar a este desconhecido sobre quem tem falado mal por tanto tempo (depoimento recolhido no documentário de Peck, 2016).

Mas James Baldwin não terminou seus dias na sua amada e ao mesmo tempo odiada, ou melhor dizendo sentida América; morreu por causa de um câncer, aos 63

anos de idade, no dia 1 de dezembro de 1987, em St. Paul de Vence (França). Além de suas obras de grande valor humano e literário, deixou como legado os depoimentos de intensa dor recolhidos neste documentário que claramente nos diz, com alguma semelhança com a convicção de Fanon, que o negro é um invento do branco: “eu não sou seu negro”; que reconhecer este fato pela nação americana, pelo mundo ocidental do branco, seria o certo a fazer. Dois anos depois de sua morte, outro “artista” afro-americano convidaria a esta mesma reflexão através do cinema.

O ATIVISMO CINEMATOGRAFICO CONTRA A VIOLÊNCIA COLONIAL DE SPIKE LEE: SEMPRE TENTANDO FAZER A COISA CERTA

Spike Lee nasceu no final da década de 1950 no sul segregacionista dos Estados Unidos (Geórgia), e com seis anos sua família se mudou para Nova York, numa época em que a cidade estava recebendo muitos emigrantes que a converteriam na cidade cosmopolita por excelência. Cresceu numa vizinhança italiana do bairro de Brooklyn, no seio de uma família negra de pai músico de *jazz* e de mãe professora de arte e literatura, que levava Spike Lee aos *shows* musicais de *Broadway*. Ambos eram ativistas contra a guerra do Vietnã e dos movimentos pelos direitos civis contra a lei segregacionista *Jim Crow* (Pérez, 2008). Todo este ambiente foi marcando seu caráter de artista e ativista –“artista”.

Com 11 anos de idade, Spike Lee viveu os motins raciais desencadeados pelo assassinato de Luther King em mais de 100 cidades e incêndios em vários distritos comerciais de bairros negros que resultaram em 40 mortes. Nos anos de 1970, latinos, asiáticos e indígenas assumiram também lutas pelos seus direitos. Todos estes fatos levaram Spike Lee a ler a Autobiografia de Malcolm X, de Alex Haley, em meados dessa década, que determinaria o seu ativismo na denúncia da violência colonial (Pérez, 2008).

Em 1977, Spike Lee se graduou como comunicador com a sua obra-prima que já recolhe os conflitos em bairros de negros e hispanos: “O último barulho no Brooklyn”, sobre o apagão de 25 horas que sofreu Nova York e que originou uma onda de saqueios no Harlem em 1980. Esse ano, na *New York University’s Film School*, realizou com muito sucesso a curta-metragem *The answer* (A resposta), sobre um negro contratado para escrever uma nova versão do filme racista pró *Ku Klux Klan*, onde os negros, representados por brancos pintados, eram retratados de selvagens e ignorantes: “O nascimento de uma nação”, que D.W. Griffith realizou em 1915 (Pérez, 2008).

Recordemos que a década de 1980 começa com o governo de Ronald Reagan, quando os Estados Unidos mais presumiram de seu estilo americano de vida, baseado no consumo, no conforto e no materialismo. O consumismo se desatou junto com as drogas: cocaína para a burguesia e crack para os pobres, ocasionando muito lucro e consequentemente, guerra por controle dos territórios, sendo os negros e hispanos os mais criminalizados e expostos à violência e à morte (Pérez, 2008). Foi uma época de grandes tensões raciais, sobretudo na cidade amada de Spike Lee: Nova York, onde a violência acometida por policiais – os intermediários escolhidos desde a dominação colonial, como analisou Fanon - levaria a ele filmar em 1989 sua mais impactante obra de denúncia, que resultaria no filme por muitos considerado o melhor: *Do the right thing*, em português “Faça a coisa certa”. É o filme que neste trabalho nos serviremos para analisar a violência colonial pesquisada por Fanon e retratada por James Baldwin, sofrida por ambos junto com Spike Lee e tantos outros afro-americanos que acordaram para a consciência da negritude com as grandes lideranças que foram Luther King e Malcolm X. Vejamos primeiro as vítimas da violência colonial em cuja memória Spike Lee quis polemizar sobre o que seria fazer a coisa certa num mundo tão errado.

No dia 15 de setembro de 1983 o jovem artista negro Michael Stewart morreu estrangulado em circunstâncias estranhas pela polícia após ser detido quando pintava um grafite no metrô de Manhattan – ele inspirou o personagem que tragicamente é estrangulado pela polícia no final do filme, *Rádio Raheem*. Um ano mais tarde Eleanor Bumpers, uma senhora de idade com problemas mentais, foi assassinada pela polícia quando tentava tirá-la de seu apartamento no bairro nova-iorquino do Bronx no dia 29 de outubro de 1984 – a senhora de idade sempre mal-humorada e assomada na janela no filme poderia lembrar a ela. Em 1985, Edmund Perry, um rapaz de 17 anos do Harlem foi morto a tiros por um policial à paisana de 24 anos, dez dias depois da graduação de Spike Lee (Pérez, 2008).

Michael Griffith, no dia 20 de dezembro de 1986, morreu atropelado tentando fugir de um grupo de jovens ítalo-americanos o hostilizaram e aos seus amigos do Brooklyn numa pizzaria em Howard Beach, bairro nova-iorquino do Queens. O assassinato provocou muitos protestos e uma marcha organizada por ativistas negros ao redor da Ponte do Brooklyn, conhecida como “Dia da Raiva”. Alguns destes ativistas queriam boicotar por um dia o consumo em pizzarias, fato que levou Spike Lee a desenvolver a trama do seu filme em torno a uma pizzaria de italianos num bairro de negros e latinos no Brooklyn. No início de 1988, Tawana Brawley, uma adoles-

cente negra, foi estuprada por um grupo de brancos que ela identificou como policiais, entretanto mais tarde ela se retratou. Este caso motivou Spike Lee a incluir sua opinião no roteiro de forma metafórica: no muro da pizzeria do filme aparece escrita a frase: “Tawana falou a verdade” (Pérez, 2008).

Assim, “Faça a coisa certa” resulta de um quebra-cabeça engenhosamente montado, através de criativas metáforas sobre fatos reais acontecidos em Nova York durante a década de 1980 (Pérez, 2008) que evidenciam a perpetuação da violência colonial exercida contra os afro-americanos, apesar das grandes lutas pelos direitos civis travadas durante a década de 1960. O grandioso e ao mesmo tempo trágico do filme reside na sua atualidade, que nos convida a refletir sobre o que seria o certo a fazer perante a violência colonial ainda no ar, como vimos no caso de George Floyd.

O filme vai se desenvolver em torno da pizzeria de uma família italiana (pai e dois filhos) frequentada por todos os moradores de um quarteirão no bairro do Brooklyn: majoritariamente negros e hispanos, que consomem também na mercearia de emigrantes coreanos – só a rádio local, a Rádio *Love*, é gerenciada por um afro-americano, que divulga a música negra desde a janela do seu estúdio, alçada como um trono sobre o bairro, observando a vida passar e comentando como o dia vai se esquentando.

A trama do filme acontece num sábado muito quente, quando a vizinhança, majoritariamente negra, se encontra na rua: o “prefeito”, o típico velhinho que toma suas cervejinhas (sempre na mercearia dos coreanos) para se refugiar da sua solidão, depois de ter perdido a sua família tragicamente; ele paquera outra vizinha da sua idade, aquela sempre assomada pela janela e também frustrada por uma vida de discriminação. É chamado de “prefeito” pelo seu papel conciliador no bairro, sempre querendo dar bons conselhos – “faça a coisa certa”, num momento ele diz ao repartidor de pizza, interpretado pelo próprio Spike Lee.

Aparecem também três “negões”, senhores maduros sentados na frente da mercearia dos coreanos, que passavam o dia tomando “uma” e falando da vida no bairro – no meio da conversa se perguntaram como os coreanos, praticamente recém-chegados, conseguiram abrir seu negócio quando os negros, que tanto tempo levam no bairro, não conseguiram abrir nada.

Enquanto o jovem *Rádio Raheem* sempre circulava com seu som tocando a música de *Public enemies* “*Fight the power*” (combate o poder), e o jovem impecavelmente vestido na moda *rappera* queria reivindicar espaço de identidade negra na pizzeria do italiano que toda a vizinhança frequentava, reclamando para o dono colocar fotos de

famosos negros no lugar dos italianos – chamaremos ele do “afro-reivindicador”. Não faltava o maluquinho do bairro, um branco que sempre carregava fotos de Luther King e Malcolm X para vender, e o ciclista branco que ofende enormemente ao “afro-reivindicador” ao sujar acidentalmente seus brancos tênis com a *bike* quando volta para casa. Por último, os jovens latinos, que também frequentavam a pizzaria e curtiam sua música caribenha (a salsa) na rua - num momento do filme disputaram com *Rádio Raheem* o espaço público para ocupar com sua música.

Nesta quadra no bairro do Brooklyn onde se mistura a convivência de afro-americanos, latinos, coreanos e italianos na relação de amor e ódio que movimenta o mundo - segundo *Rádio Raheem* tinha simbolizado nos anéis de suas mãos– Spike Lee não quis mostrar uns melhores que os outros: todos em vários momentos exibiram algum tipo de intolerância com o outro numa série de xingamentos por conta das diferenças étnico-raciais – eram os latinos se queixando da música de *Rádio Raheem* e vice-versa, o “prefeito” e *Rádio Raheem* dos produtos dos coreanos, o afro-reivindicador das fotos dos famosos italianos na parede da pizzaria, o filho do dono, abertamente racista, de todo o que via nesse espaço compartilhado de maioria negra.

Figura 1

Faça a Coisa Certa (Lee, 1989)



Assim, o filme nos convida a refletir sobre o desafio da tolerância nos centros urbanos multiculturais onde, no meio de toda cena, de quando em quando aparece a viatura, no filme com dois policiais brancos, vigiando a rua – “que desperdiço” comentaram os policiais olhando com desprezo para os três “negões”, que comentaram o mesmo olhando para os policiais.

O repartidor na pizzaria do italiano trabalhava junto com os dois filhos do dono – um deles próximo a ele e o outro sempre em inimizade pelo seu racismo e descontentamento com o bairro. Já o pai, dono da pizzaria, tinha um afeto pela vizinhança que atendia na sua pizzaria durante anos. A relação entre ele e o repartidor de pizza poderia ser vista como de exploração. Mas enquanto o dono da pizzaria é o típico gerente cobrando serviço com o seu caráter italiano, o repartidor de pizza é o típico jovem relaxado que parecia não “se esquentar” com nada: mora no apartamento da irmã, e tem um filho que é criado pela mãe latina - ambas sempre cobrando dele maior responsabilidade, algo muito comum nas sociedades patriarcais geridas por mulheres dos bairros populares.

O dia vai se esquentando com o conflito que vai se tecendo desde o momento que o jovem afro-reivindicador implica com o dono da pizzaria por conta das fotos nas paredes de famosos artistas italianos, já que o bairro era maioritariamente negro.

Figura 2

Faça a Coisa Certa (Lee, 1989)



Aqui aparece a luta pelo espaço, pela representatividade, pelo lugar de fala que diria Djamila Ribeiro, que Spike Lee apresenta de forma muito polêmica: é esse o lugar certo a ser reivindicado pela negritude? A própria irmã do repartidor aconselha a ele canalizar suas reivindicações por outro lado, procurando o próprio espaço dele, e os próprios jovens negros e latinos relutam a se unir com o afro-reivindicador para boicotar a pizzaria que gostam de frequentar – só o jovem *Rádio Raheem* se adere ao boicote. E aqui começa o drama que terá um final trágico.

Ao terminar o dia, o dono da pizzaria, feliz da venda, resolveu convidar seus clientes habituais que queriam entrar após a pizzaria fechada. Todas as personagens jovens que circularam pela rua nesse dia de calor se encontraram nessa noite na pizzaria, incluídos o “afro-reivindicador” e *Rádio Raheem*, com seu som tocando, o que incomodou o dono da pizzaria, que ordenou desligá-lo. *Rádio Raheem* não só não desligou, mas aumentou o volume, irritando o dono da pizzaria até o ponto de quebrar o som com um taco de *beisebol*. O fato hostilizou todos ali presentes, desencadeando uma luta entre eles até chegar os dois policiais brancos, que detêm o “afro-reivindicador” e *Rádio Raheem*, que terminou asfixiado como George Floyd.

Figura 3

Faça a Coisa Certa (Lee, 1989)



O repartidor de pizza, que parecia não se “esquentar com nada”, observando a cara paralisada ao mesmo tempo que enfurecida da vizinhança toda, desta vez tomou atitude e jogou o balde de lixo contra o vidro da pizzaria ao grito de o ódio vencedor, e todos lhe seguiram saqueando e destruindo o local; o maluquinho botou fogo no local e finalmente pregou as fotos de Luther King e Malcolm X na parede dos famosos italianos. Tudo aconteceu repentinamente frente à mirada aterrorizada do dono da pizzaria e seus filhos, arroupados pelo “prefeito”.

No dia seguinte, o bairro voltou ao normal, ao som das músicas da *Rádio Love*, mas não mais de *Rádio Raheem* – venceu o ódio do branco, cuja raiz é o terror, que provocou a raiva entre a vizinhança, como diria James Baldwin, perante a violência colonial que se perpetua na figura intermediária da polícia, como analisou Frantz Fanon. O repartidor de pizza teria feito a coisa certa? Spike Lee termina seu filme nos convidando a refletir sobre como agir frente à violência colonial, colocando na tela o pensamento de Luther King:

Violência como forma de alcançar a justiça racial é imoral e impraticável, porque é uma espiral que termina destruindo tudo. A velha lei do olho por olho deixa todos cegos. É imoral porque parece humilhar o oponente antes de conquistar a sua compreensão, busca aniquilar em lugar de converter. Imoral porque é conduzida por ódio no lugar de amor, destruí a comunidade e faz impossível a irmandade. Leva a sociedade para o ódio no lugar do diálogo. Termina por se autoderrotar. Cria amargura nos sobreviventes e brutalidade nos destruidores.

E o de Malcolm X:

Creio haver muita gente boa na América, mas também há muita gente má e os más parecem ter poder. Por isso você e eu temos que preservar o direito de fazer o necessário para dar fim a esta situação. Isso não quer dizer advogar violência, mas ao mesmo tempo não estou contra o uso da violência como autodefesa, não chamo de violência quando é autodefesa – o chamo de inteligência.

O questionamento que fica no ar – qual a coisa certa a fazer a cada vez que um negro é assassinado como *Rádio Raheem*, que Spike Lee criou espelhado na morte do grafiteiro Michael Stewart, também asfixiado por policias brancos em 1983, como em 2014 o vendedor ambulante Eric Garner, e em 2020, George Floyd? De forma simi-

lar no Brasil morreram o jovem Pedro Henrique Gonzaga, em 2019, e o pensionista José Alberto Silveira Freitas, em 2020. Todos, como muitos outros, morreram nas mãos dos intermediários do poder que, sem dissimular a dominação, se serviram da linguagem pura da violência colonial, segundo descrita por Frantz Fanon; e simplesmente por ter cometido o delito de se impor e encarar o mundo como se tivessem o direito de estar aqui, segundo observou James Baldwin.

BALANÇO E PERSPECTIVAS: VIDAS NEGRAS IMPORTAM

As lutas antirracistas na década de 1960 nos Estados Unidos tiveram grande repercussão internacional graças a lideranças como Luther King e Malcolm X. James Baldwin voltou da França para se unir a eles nas marchas pelos direitos civis, enquanto Frantz Fanon morria também nos Estados Unidos. Ambos afro-americanos, um da ilha caribenha de Martinica e o outro do Harlem de Nova York, quando jovens tinham emigrado para a França onde começaram seu ativismo, não através da religião, que consideravam alienante, mas através da psiquiatria e da literatura. Ambos deixaram um importante legado justo antes de morrer (ambos de câncer) para uma maior consciência sobre a violência colonial exercida contra os negros nas Américas e na África. Em “Os Condenados da Terra”, aparece desnuda a violência do branco exercida abertamente pelo intermediário (o policial e/ou militar) para sempre ter o negro submetido; e no documentário “Eu não sou seu negro”, James Baldwin transmite a dor sobre essa violência colonial à que foi muito sensível. Ainda vimos como a violência colonial nos Estados Unidos tem o aval da 13ª Emenda da Constituição dos EUA de 1865, que abre brecha para rotular como criminoso qualquer indigente, sem teto, mendigo e/ou desempregado. De certa forma foi o que aconteceu com George Floyd, vigilante negro que ficou desempregado no início da pandemia, quando foi “executado” por ter comprado cigarros com dinheiro falso.

Spike Lee, que ainda vive, durante sua infância se nutriu da riqueza dos movimentos negros dos anos de 1960 que viveu no bairro do Brooklyn, para levar ao cinema, como James Baldwin fazia nas suas novelas, a continuação da denúncia da violência colonial – assim que se converteu também em um “ativista”. Concretamente “Faça a coisa certa” foi realizado em memória de outros jovens afro-americanos que durante a década também conturbada de 1980 morreram como George Floyd. O filme vai mais além da denúncia e, preconizadamente nos mostra, desde seu bairro de uma Nova York

contemporânea, os desafios da convivência multicultural e multirracial de um mundo globalizado que ainda arrasta a violência colonial como forma de dominação.

Spike Lee escolheu como final da trama o conflito dentro da pizzaria que levaria a *Rádio Raheem* à mesma morte que a de George Floyd, com a consequente repulsa da vizinhança saqueando, derrubando e incendiando a pizzaria onde todos se encontravam e desencontravam – o que seria o certo a fazer, usar a violência como defesa, seguindo Malcolm X, ou se manifestar não violentamente, como predicava Luther King? Spike Lee deixa a pergunta sem resposta explícita para incentivar o debate.

Trinta anos depois, como se nada tivesse mudado, podemos encontrar uma resposta com o filósofo e ativista afro-americano Cornel West quando, entrevistado pela *Cable News Network-CNN* (Cabepr11, 2020) durante as manifestações de raiva do povo negro, e da população mundial em geral, pelo assassinato de George Floyd, acontecidas em plena pandemia durante o mês de junho de 2020, declarou que seria muito grave se a população não tivesse reagido perante tamanho linchamento. Cornel West ainda apontou para a gravidade da situação: o sistema não consegue se reformar e, quando falha o Estado, também não consegue proteger os cidadãos, nem inclusive quando dirigido por lideranças negras. Nesse ponto lembra que o movimento *Black Lives Matter* (“Vidas Negras Importam”) surgiu durante o governo de Obama (Cabepr11, 2020) – precisamente em 2013, após a absolvição do segurança branco que matou, a tiros, o jovem afro-americano Trayvon Martin; e em 2014 o movimento tornou-se reconhecido nacionalmente por suas manifestações de rua após o assassinato de outros dois afro-americanos: Michael Brown e Eric Garner (também asfixiado), que provocaram muitos protestos e distúrbios por todo o país (Carbone, 2020).

Então, a esquerda progressista, mesmo querendo colocar negros no poder, perde legitimidade e “a violência é a única alternativa”, afirmou Cornel West na entrevista da CNN (Cabepr11, 2020). Augurou um futuro violento para os Estados Unidos, sem alternativa, porque, como observou James Baldwin, o problema dos negros na América é o problema da América, um país, e um continente, construído com a força da mão escravizada. Esta visão crítica está muito distante dos governantes e da maioria branca, que James Baldwin considerou imatura para se questionar sobre sua necessidade de ter inventado o negro.

No Brasil, a situação também é dramática: existe uma grande guerra não declarada, se acirrando há décadas, entre negros, que vêm em no mundo do crime uma opção para sair da miséria absoluta em curto prazo, e o estado comandado por

homens brancos. Entre os anos de 2007 e 2017 a taxa de negros brasileiros vítimas desta guerra cresceu 33,1%, enquanto a de não negros apresentou um aumento de 3,3%. No ano de 2018, os negros representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020).

Com este panorama negativo, onde parece que o ativismo fica anulado por uma história que se repete, o movimento “Vidas Negras Importam”, ao mesmo tempo em que revela que ainda, quase 60 anos depois da morte de Frantz Fanon, Medgar Evers, Luther King e Malcolm X, seja preciso gritar que as vidas negras também importam, toma uma maior força ao congregar gente de todas as raças, sexos e países, com a repercussão midiática da globalização contemporânea, de tal forma que exerce uma maior pressão por uma justiça justa. A indignação provocada pela absolvição do assassino do jovem afro-americano Trayvon Martin em 2013, gerou um movimento que frente ao assassinato de George Floyd, mobilizou grandes massas por todo o mundo, e com certeza esse fato exerceu uma pressão sobre a justiça para em um ano condenar como culpável a seu verdugo. E o derrubamento de estatuas de tiranos gerou uma polêmica que vai durar por um tempo, e já modificou as regras do jogo em alguns lugares.

James Baldwin implorou pela consciência dos brancos para se perguntar pela necessidade de inventar o negro, porque o negro é uma criação do branco, como dizia Frantz Fanon, e James Baldwin vai responder “eu não sou seu negro, eu sou um ser humano como você”. Também Fanon (1968) observou os colonizados da África tomando consciência de que eles respiram igual ao branco, só que sua respiração sempre foi silenciada, abafada e até asfixiada. O grito de George Floyd agonizando sob a opressão dos policiais brancos nos lembrou tragicamente disso – não posso respirar!!!. “Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo” (Fanon, 1968, p. 275); um homem novo que encare e abrace a este desconhecido sobre quem tem se falado mal por tanto tempo, como dizia James Baldwin.

Depende de todos nós no mundo global nos abrir ao desconhecido que o branco transformou em monstro, vagabundo, criminoso, pecaminoso, para aprender a reconhecer-lo e respeitá-lo como diferente. A luta negra pelo fim do racismo e a igualdade racial chegou a um estágio que se faz necessário ser uma luta unificada com pessoas brancas que partilham os mesmos interesses, mesmo que muitas delas sejam incapazes

zes de compreender a revolta das vítimas e o preço pago por elas. Porque quando o colono deixa de tomar o lugar dos outros, passando a conceber a Terra como o bem comum; quando o colono reconheça ao colonizado como igual na sua diferença, no seu direito de ser o que ele deseja ser, o colonizado não se sentirá violentado e deixará de ser uma “ameaça”. Então brancos e pretos poderão aprender os uns com os outros.

REFERÊNCIAS

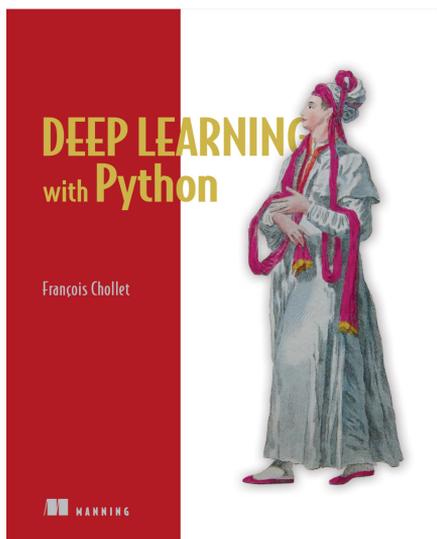
- Bezerra, P. R. B. (2017). *Desejo, identidade e espacialidade em James Baldwin*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7376>
- Cabepr11. (2020, 31 de maio). *Prof. Cornel West em CNN [subtitulado em espanhol]* [Vídeo]. No YouTube. <https://youtu.be/GiPJ-GEmHWg>
- Carbone, V. L. (2020). Black livesmatter, violencia institucional y racismo estructural en un Estados Unidos en crisis. In:Rodríguez, R. R., Canales, A. I., Fernández, D. C., Carbone, V. L., Nieto, J. Z., Martínez, J. H., Morgenfeld, L., Katz, C., & Martins, C. E. (Ed.),*Estados Unidos: miradas críticas desde Nuestra América* (pp. 20-29). CLACSO. <https://val-carbone.medium.com/black-lives-matter-violencia-institucional-y-racismo-estructural-en-un-estados-unidos-en-crisis-681b7f72962e>
- DuVernay, A. (Diretora). (2016). *A 13ª Emenda* [Filme]. Netflix. <https://www.netflix.com>
- Fanon, F. (1968). *Os Condenados da Terra*. Civilização Brasileira.
- Faustino, D. M. (2018).*Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. Círculo Contínuo Editorial.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. LTC.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2020). *Atlas da Violência*. Ministério da Economia do Brasil. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/2010-atlas-da-violencia-2020.pdf>

Violência Colonial em Frantz Fanon, James Baldwin e Spike Lee

Lee, S. (Diretor). (1989). *Faça a Coisa Certa* [Filme]. Universal Studios.

Peck, R. (Diretor). (2016). *I Am Not Your Negro* [*Eu Não Sou Seu Negro*][Filme]. Magnolia Pictures.

Pérez, H. J. S. (2008). *El cine de Spike Lee: análisis de la violencia social en la película Do the Right Thing*. [Tese de Licenciatura em Comunicação, Facultad de Comunicación, Universidad de Piura]. Repositorio Institucional. <https://pirhua.udep.edu.pe/handle/11042/1999?show=full>



RECENSÕES/REVIEWS

Deep learning with Python

(2ª ed)

François Chollet

Manning, outubro 2021

504 pp.

A segunda edição da obra “Deep Learning with Python”, de François Chollet, foi publicada pela editora Manning em 2021. Não é mais um livro técnico. É uma das principais referências da área da Inteligência Artificial contemporânea, escrita com simplicidade e elegância. Já o era a primeira edição, publicada em 2017 e, desde então, a obra renovou-se e expandiu-se, para abarcar muitos temas que não existiam ou eram ainda nascentes há escassos anos.

Este já seria um livro especial por o seu autor, François Chollet, ser também o programador da biblioteca de software “Keras”, para a linguagem de programação Python. Esta biblioteca é uma das mais usadas em trabalhos de investigação que vão desde a área médica, até à condução autónoma, passando por reconhecimento de voz, ou assistentes de escrita de mensagens que usamos diariamente nos nossos telemóveis.

O leitor desta obra percebe que está diante do melhor manual que alguém poderia ter para utilizar a biblioteca Keras, já que ela é escrita por quem melhor conhece o software, mas também porque o autor tem o dom de escrever muito bem.

Quer este livro, quer o software desenvolvido por Chollet seguem, aliás, um objetivo declarado pelo autor, na sua própria página web pessoal: “democratizar o desenvolvimento e a difusão da tecnologia de Inteligência Artificial, tornando-a fácil de usar e explicando-a claramente”. O livro espelha a mesma filosofia que o autor usou para criar a biblioteca Keras, e acaba por ser o melhor manual para essa biblioteca.

Chollet não é um apenas um engenheiro. É um observador, muitas vezes muito crítico, dos movimentos que se dão na sua área de investigação, mas também na sociedade em geral. É o primeiro a dizer que aqueles que acham que vão encontrar um progresso extraordinário na aproximação da inteligência computacional à inteligência humana através da mera aplicação das técnicas e métodos existentes são como aquelas pessoas que procuram as chaves do carro perdidas na luz do candeeiro da rua, por ser a zona mais iluminada, escusando-se a procurar mais além.

A conceção daquilo que é a área da Inteligência Artificial tem mudado. Os próprios modelos em que se baseia esta obra, as chamadas “redes neuronais artificiais”, conheceram uma primeira onda de enorme interesse (e investimento) nos anos 50 e 60. Nessa altura foi marcante o trabalho de Frank Rosenblatt, psicólogo da Universidade de Cornell, que usou modelos “neuronais” para as suas investigações sobre reconhecimento automático de padrões, usando os primeiros computadores digitais da história (o “Mark I Perceptron”). Em 1968, toda esta primeira vaga de investigação com modelos baseados em redes neuronais foi interrompida, quando Marvin Minsky e Seymour Papert lançaram o livro “Perceptrons”, em que expuseram as limitações dos modelos usados por Rosenblatt.

Apenas em meados da década de 1980 houve um ressurgimento destes modelos, tendo para isso sido fulcral o trabalho desenvolvido pelo “PDP Research Group”, e a obra em dois volumes que resultou do trabalho colaborativo no seio deste grupo de investigação, editada pelos psicólogos David Rumelhart e James McClelland. Ainda assim, no final da década de 1990, e até 2012, a investigação baseada em modelos de redes neuronais foi sendo abandonada, tendo neles persistido um muito reduzido grupo de investigadores, que enfrentaram grandes resistências na comunidade científica: Geoffrey Hinton, Yoshua Bengio e Yann LeCun viram artigos seus recusados durante esta época, com argumentos que revelavam grande antipatia dos seus pares ao papel e relevância das redes neuronais para a área da Inteligência Artificial. Em 2018, na cerimónia em que lhes foi atribuído o Turing Award, o equivalente ao Prémio Nobel em Informática, estes três investigadores recordaram à assistência como uma década antes tinham enfrentado uma enorme oposição, antes de o seu trabalho ter começado a produzir os melhores resultados, e destronado todos os outros modelos rivais.

A nova “Primavera” dos modelos baseados em redes neuronais foi possível devido à partilha, sobretudo na Internet, de muitos conjuntos de dados standardizados e de grande qualidade, e pelo desenvolvimento dos componentes físicos dos computado-

res, em especial o aproveitamento dos componentes usados para gerar os gráficos de grande complexidade dos jogos atuais.

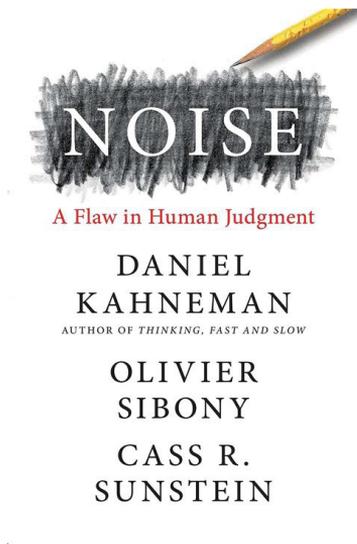
O que Hinton, Bengio e LeCun fizeram foi tirar proveito dos novos recursos disponíveis: estes autores refinaram os modelos de redes neuronais e criaram novos modelos, mais “profundos”. O termo “aprendizagem profunda” (do Inglês “deep learning”) não significa que estes modelos apresentem uma “compreensão aprofundada” dos dados a que são expostos. O que justifica o nome é estes modelos conterem muitas “camadas”, e de as camadas sucessivas irem contendo “representações” cada vez mais significativas dos dados fornecidos ao modelo.

O livro de Chollet, agora na segunda edição, muito atualizada e ampliada em relação à primeira, lançada quatro anos antes, permite ao leitor ter uma introdução acessível e convidativa a uma área que, pela sua diversidade, e pela frequente insistência nos formalismos matemáticos, tende a ser de difícil entrada. Ao trocar as fórmulas abstratas por código numa linguagem simples como o Python, e com a ajuda da biblioteca Keras, Chollet consegue baixar enormemente as barreiras de acesso aquilo que é o estado-da-arte em Inteligência Artificial na atualidade.

O livro tem capítulos introdutórios sobre o uso de Python para realizar tarefas de classificação de dados, e de análise de regressão. Esses capítulos são uma excelente introdução para quem está a dar os primeiros passos na área e/ou com Python ou a biblioteca Keras.

Mas são os capítulos sobre visão por computador, análise de séries temporais, análise de texto e técnicas “generativas” que fazem deste um dos melhores manuais sobre o estado-da-arte da Inteligência Artificial e da Ciência de Dados contemporâneas. E é aqui que a segunda edição marca a diferença em relação à primeira: muitos modelos que ainda estavam apenas a surgir na literatura quando foi publicada a primeira edição, são agora tratados no livro, e o leitor tem o privilégio de poder usufruir do estilo pedagógico de François Chollet para ficar a par dos últimos desenvolvimentos nesta área, cada vez mais presente no nosso dia a dia.

Luís Cunha
Instituto Superior Miguel Torga



RECENSÕES/REVIEWS

NOISE

A Flaw in Human Judgement

**Daniel Kahneman, Olivier Sibony,
Cass R. Sunstein**

William Collins, maio 2021

452 pp.

Esta obra seminal e didática proporciona ao leitor um duplo ganho. Por um lado, irá familiarizar-se com um fenómeno pervasivo no quotidiano e cuja dimensão, por certo, o surpreenderá. Por outro, os cientistas sociais que se interessarem sobre o mesmo, rapidamente se aperceberão que têm à sua disposição um fértil campo de investigação e de trabalho de consultoria por explorar.

Os autores começam por distinguir dois conceitos cruciais para a compreensão do livro: *Enviesamento* e *Ruído*. Nas organizações, nos estudos científicos e nas nossas vidas, tendemos a observar o primeiro, enquanto ignoramos, ou não conseguimos identificar, o segundo.

Enviesamento (*Bias*) representa o erro médio, i.e. a *diferença, positiva ou negativa, entre a média das decisões (ou previsões) e o valor correcto ou solução*. Por seu turno, Ruído (*Noise*) define-se pela variabilidade das decisões (ou previsões), i.e. pelo *desvio-padrão*. Neste conspecto, o Erro Total das Previsões/Decisões (*Mean Square Error*) resulta da soma do quadrado do Enviesamento e do quadrado do Ruído (a Variância).

Naturalmente, os autores centram a sua obra na análise do Ruído. Os aspectos que nela irei destacar são os exemplos e os tipos de Ruído, desenviesamento e higienização das decisões e optimização das previsões.

O Ruído tem origem no conceito de Juízo. Então, o que é um Juízo? Para os autores, trata-se de uma previsão ou “medição cujo instrumento é a mente humana.” (pp.

39). Fazemo-lo em diversas circunstâncias relevantes. Entre os vários contextos nos quais os autores analisaram os Juízos de profissionais altamente qualificados, há dois que julgo serem paradigmáticos.

O primeiro relativo às sentenças judiciais em anos de prisão (pp. 69 a 78). Este parte de dezasseis casos hipotéticos, em que o réu é sempre culpado, faltando apenas a sentença correspondente, atribuídos a 208 juízes federais dos EUA no activo. Para cada um dos casos (A a P), contabiliza-se a média de anos de prisão dos 208 juízes. Para cada juiz (1 a 208), procede-se de igual modo, computando-se a média de anos de prisão para os 16 casos atribuídos. Finalmente, calcula-se a média das sentenças médias de cada caso ou, em alternativa, a média das sentenças médias de cada juiz.

O que se observou foi preocupante: a título ilustrativo, o Caso A teve como sentença média 1 ano, tendo havido juízes que pronunciaram sentenças de 6 meses, enquanto outros de 2 anos, enquanto o Caso P tem uma média de 15,3 anos, com sentenças também muito díspares, por sinal de 10, 12, 14 e 20 anos, etc.

Num mundo perfeito, sem Ruído, em que cada juiz seria um instrumento infalível de justiça, as sentenças dos 208 juízes seriam iguais para cada caso judicial, e portanto, coincidentes com a média. Contudo, se a diferença média em valor absoluto entre juízes foi de 3,8 anos, a sentença média foi de 7,0. O Ruído (desvio-padrão) medido foi de 3,4 anos. Consequentemente tem-se um coeficiente de variação de 48,6%, difícil de enquadrar num Estado de Direito.

O segundo, relativo aos diagnósticos médicos (pp. 273 a 286). Foi realizado um estudo de dimensão muito considerável, tendo verificado que, relativamente ao diagnóstico efectuado por radiologistas de carcinoma da mama a partir de mamografias, os falsos negativos variaram de 0% (o radiologista fazia sempre o diagnóstico correcto) a mais de 50% (o radiologista identificou erradamente a mamografia como normal mais de metade das vezes). De modo similar, as taxas de falsos positivos variaram entre <1% a 64%, para este último, em quase dois terços das vezes os radiologistas diagnosticaram um carcinoma da mama inexistente. Os autores, ainda neste âmbito, dão outros exemplos quejandos e inquietantes: doenças cardíacas, endometriose, tuberculose e melanomas.

Já no que concerne aos tipos, o Ruído do Sistema (Ruído Total) ao quadrado é composto pela soma dos quadrados dos Ruídos de Nível e Padrão. Quanto a este último, o Ruído Padrão ao quadrado resulta da soma dos quadrados do Ruído Padrão-Estável e do Ruído Ocasional.

Segundo os autores, o *Ruído de Nível* advém das diferenças que existem entre os analistas/decisores (juízes, médicos, investidores profissionais, etc.). Exemplo: existem juízes mais severos do que outros, daí que a sentença média dos primeiros será superior à dos segundos. O *Ruído Padrão* é produzido por idiossincrasias específicas do indivíduo, no que concerne às suas sensibilidades (*Ruído Padrão-Estável*) – um juiz ainda que leniente, face à média, a sentenciar, pode, em violações de mulheres, ser o mais severo, uma vez que sente uma particular aversão a esse tipo de crime, dada a sua história pessoal –, mas também por circunstâncias que se verificam no momento do Juízo (*Ruído Ocasional*) – um médico de família americano tinha uma muito maior propensão a receitar oxicodona (opióide) aos seus doentes queixosos no final do dia, quando já se encontrava fatigado e ansioso por chegar a casa, do que ao iniciar a actividade pela manhã, descansado e bem-disposto.

Assim, o esquema de decomposição do Erro Total das Decisões/Previsões (MSE) vem (pp. 211):

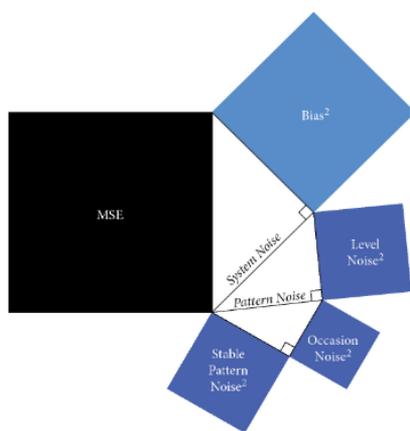


FIGURE 16 Error, bias, and the components of noise

Quanto ao desenviesamento e higienização das decisões (pp. 236 a 244), os autores definem desenviesamento *ex post* ou correctivo, o qual consiste na correcção, ou ajustamento, das decisões após a sua realização, procedimento que se pode tornar fastidioso e propenso ao erro, por oposição ao desenviesamento *ex ante* ou preventivo, decompondo-se este em modificações do contexto ou meio ambiente no qual a decisão é produzida (*nudges*), apresentando-se como exemplo a inscrição automática (por defeito) em planos de pensões, e intervenções ao nível da formação e preparação para a tomada de decisão, que visam melhorar a capacidade dos indivíduos (*boosting*).

No que diz respeito à higienização das decisões, esta consiste num conjunto de estratégias que visam a redução do Ruído, de modo a evitar preventivamente que erros não especificados venham a ocorrer. Assim, há a adopção de técnicas que reduzem o Ruído, nas quais se incluem as estratégias de optimização das decisões / previsões.

Assim, os autores destacam três estratégias nucleares para a optimização das previsões e/ou decisões (pp. 268). Treino e formação pelo estudo de probabilidades e estatística para evitar a negligência das taxas-base, o excesso de confiança e a confirmação do enviesamento após o acontecimento, mas também pela recolha e sistematização do máximo de informação disponível oriunda de diversas fontes. A criação de equipas, pelo debate e abertura a ideias diferentes que permite, tornará as previsões mais próximas da realidade e optimizará o processo decisional. Finalmente, a selecção dos melhores pela avaliação dos indivíduos quanto à sua capacidade de previsão, sendo que apenas os 2 por cento melhores (*superforecasters*) devem integrar as equipas de elite.

Seria uma incúria grave não mencionar que a obra termina com dois apêndices práticos e de grande utilidade, no que concerne à condução de uma auditoria ao Ruído e a uma lista de verificações para o observador de decisões.

Os autores concluem judiciosamente afirmando que (pp. 375) “If we want better decisions about things that matter, we should take noise reduction seriously.”

Henrique Amaral Dias
Instituto Superior Miguel Torga

FICHA TÉCNICA

Diretor: **Vasco Almeida**

Conselho de Redação/Associated Editors: **Fernanda Daniel, Henrique Vicente, Inês Amaral, Maria João Barata**

Conselho Editorial/Editorial Board:

Ana Albuquerque Queiroz, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Ana Maria Botelho Teixeira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Ana Maria Loffredo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Arley Andriolo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Carlos Flores Jacques, School of Humanities and Social Sciences, Al Ahkawayn University Ifrane, Marrocos

Fernanda Rodrigues, Faculdade de Ciências Sociais, Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa, Braga

Francisco Esteves, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa

Isabel Maria Farias Fernandes de Oliveira, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal RN

Isabel Soares, Departamento de Psicologia Aplicada, Universidade do Minho, Braga

José A. Bragança de Miranda, Departamento de Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

José Carlos Zanelli, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC

José Esteves Pereira, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

José Marques Guimarães, CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Porto

José Paulo Netto, Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro

José Pedro Leitão Ferreira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

José Pinheiro Neves, Departamento de Sociologia ICS, Universidade do Minho

José Pinto Gouveia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Jorge Trindade, Instituto de Psicologia, Porto Alegre

Lúcia Barroco, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Leny Sato, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo

Manuel Morgado Rezende, Programa de Graduação em Psicologia da Saúde, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Maria Carmelita Yasbek, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Maria José Aguilar Idáñez, Departamento de Derecho de Trabajo y Trabajo Social, Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca

Maria Nunes Dinis, Division of Social Work, California State University, Sacramento, USA

Mathilde Neder, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicologia Hospitalar e Psicossomática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Paula Cristina Tavares, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Paulo Coelho de Araújo, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

Paulo César Sandler, Sociedade Brasileira de Psicanálise

Pedro Nobre, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Yara Frizzera Santos, Escola de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica Belo Horizonte MG

Editor e Proprietário:
Instituto Superior Miguel Torga

NIPC 900201835

Sede de Redação:

Largo da Cruz de Celas n.º 1

3000-132 Coimbra

Design, Paginação e Web:
Paulo Pratas

ISSN: 2184-3929

CAPA: Imagem de fundo, a partir do quadro de Paul Klee, *Der Paukenspieler* (O Tocador de Tambor), 1940.